

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Sílvia Nogueira Jordão

**MOSTRA-ME TUA CASA E TUAS COISAS
E TE DIREI QUEM ÉS: UM ESTUDO SOBRE
O UNIVERSO MATERIAL DE PESSOAS
MAIORES DE 60 ANOS**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design.

Orientador: Profa. Vera Maria Marsicano Damazio

Rio de Janeiro
Março de 2014



Sílvia Nogueira Jordão

**MOSTRA-ME TUA CASA E TUAS COISAS
E TE DIREI QUEM ÉS: UM ESTUDO SOBRE
O UNIVERSO MATERIAL DE PESSOAS
MAIORES DE 60 ANOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profª. Vera Maria Marsicano Damazio

Orientadora

Departamento de Artes & Design – PUC-Rio

Prof. Nilton Gonçalves Gamba Junior

Departamento de Artes & Design – PUC-Rio

Profª Ana Augusta Ravasco Moreira Maia

Rede Globo - Matriz

Profª. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do

Centro de Teologia e Ciências

Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 30 de março de 2015

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Sílvia Nogueira Jordão

Graduou-se em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Vila Velha (UVV) no estado do Espírito Santo em 2003 e especializou-se em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). É integrante do Laboratório de Pesquisa Aplicada Design Memória e Emoção da PUC-Rio desde 2013, pesquisando sobre Design & Envelhecimento.

Ficha Catalográfica

Jordão, Sílvia Nogueira

Mostra-me tua casa e tuas coisas e te direi quem és: um estudo sobre o universo material de pessoas maiores de 60 anos / Sílvia Nogueira Jordão ; orientadora: Vera Maria Marsicano Damazio. – 2014.

157 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2014.

Inclui bibliografia

1. Artes e design – Teses. 2. Design & envelhecimento. 3. Design de produção. 4. Identidade. 5. Antropologia do consumo. 6. Cultura material. I. Damazio, Vera Maria Marsicano. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design. III. Título.

CDD: 700

Aos meus avós,
meus primeiros e maiores exemplos do quão bela pode ser a velhice.

Agradecimentos

A minha querida orientadora Vera Damazio, que me ensinou o poder transformador do Design e me ajudou a encontrar o meu projeto de vida.

Ao meu marido Gustavo, com quem quero envelhecer, por todo o amor e apoio.

Aos meus pais Ana e Tarcísio, por serem para mim os maiores exemplos de como quero viver a minha velhice.

A minha mais nova velha amiga de infância Marília Ceccon, pela parceria de vida e de trabalho durante os dois últimos anos.

Aos colegas do Labmemo, em especial Renata Pereira, que me introduziu ao tema do envelhecimento e com quem enfrentei divertidos desafios.

A todos os informantes maiores de 60 anos que participaram desta pesquisa, pelas amizades que levarei eternamente em meu coração, e também por me mostrarem tantas opções para um envelhecimento feliz e produtivo.

Aos participantes da banca examinadora.

Resumo

Jordão, Sílvia Nogueira; Damazio, Vera Maria Marsicano. **Mostra-me tua casa e tuas coisas e te direi quem és: um estudo sobre o universo material de maiores de 60 anos.** Rio de Janeiro, 2015. 157p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho é resultado de minha experiência como integrante de equipe de Design de Produção da TV Globo e de minha participação no grupo de estudo sobre Design & Envelhecimento do Laboratório de Pesquisa Aplicada de Design, Memória e Emoção da PUC-Rio. Ele está fundamentado em premissas da Antropologia do Consumo e na ideia de que nosso universo material é a expressão de nossa cultura, crenças, valores, estilos de vida e personalidades e traz o registro de visitas a casas de idosos fictícios e idosos reais. As visitas a idosos da ficção foram realizadas nas casas das personagens Nenê (interpretada pela atriz Marieta Severo), Darlene (interpretada pela atriz Marília Pera), Violeta (interpretada pela atriz Glória Menezes) e Picucha (interpretada pela atriz Fernanda Montenegro). Essas visitas tiveram como base os procedimentos da atividade do Design de Produção que, junto com Cenografia e Figurino, monta a casa e as coisas das personagens a partir de seus respectivos perfis e sinopses. As visitas a idosos reais, por sua vez, foram realizadas na casa de nove moradores na Gávea, bairro da zona sul do Rio de Janeiro, e incluíram técnicas de observação participante e entrevistas etnográficas. Elas tiveram como base o caminho inverso percorrido pela atividade do Design de Produção e buscaram “montar os perfis” dos idosos reais a partir de suas casas e coisas. Este trabalho foi motivado pelo crescente e irreversível fenômeno do envelhecimento e longevidade populacional e pela constatação de que, apesar de numeroso e diverso o público com mais de 60 anos ainda é tratado como homogêneo. A imagem do velho frágil, doente e dependente e associada a asilos, bengalas, cadeiras de roda e fraldas geriátricas está em processo de mudança, mas ainda é recorrente em conversas, telas e páginas. Neste sentido, este trabalho pretende propor um método para conhecer as pessoas para quem se projeta em geral, e os idosos em particular, a partir de suas casas e coisas.

Ele tem como missão contribuir com a construção de uma visão mais positiva, ampla e plural sobre a velhice e seu universo material.

Palavras-chave

Design & Envelhecimento; Design de Produção; Identidade; Antropologia do Consumo; Cultura Material.

Abstract

Jordão, Sílvia Nogueira; Damazio, Vera Maria Marsicano. (Advisor) **Show me your home and things and I'll tell you who you are: a study of the material universe of elderly.** Rio de Janeiro, 2015. 157p. MSc. Dissertation – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work is the result of my experience as a member of TV Globo's Production Design team of and my participation in the study group focused on Design & Aging in the Applied Research Laboratory of Design - Memory and Emotion of PUC-Rio. It brings reflections based on assumptions of the Anthropology of Consumption and on the idea that our material universe is the expression of our identity and our culture, beliefs, values, lifestyles and personalities. It also documents visits to homes of fictional elders and real elders. The fiction elders' visits were held in the homes of the following characters: Nenê (played by Marieta Severo), Darlene (played by Marília Pera), Violeta (played by Gloria Menezes) and Picucha (played by Fernanda Montenegro). They were based on Production Design procedures, that together with Set Design and Costume Design, build the house and characters' things based on their respective profiles and synopses. The visits to the real elders' homes were conducted in nine residences in Gávea, neighborhood of Rio de Janeiro, and included participant observation techniques and ethnographic interviews. They were based on the reverse path taken by the activity of the Production Design and sought "assemble profiles" of real elders from their homes and things. This work was motivated by the growing and irreversible phenomenon of populational aging and longevity and by the fact that, despite numerous and diverse the audience over 60 years old is still treated as homogeneous. The image of the frail elder, sick and dependent is associated with nursing homes, canes, wheelchairs and adult diapers is in process of change, but it is still recurring in conversations, screens and pages. This work aims to propose a method to know the people for whom projects in general and the elderly in particular, from their homes and things. Its mission is to contribute to build a positive view, broad and plural about elderly and its material universe.

Keywords

Design & Aging; Production Design; Identity; Anthropology of Consumption, Material Culture.

Sumário

1. Introdução	19
1.1. O papel do designer no mundo das coisas	20
1.2. Minha aproximação do tema do envelhecimento	21
1.3. Sobre o envelhecimento	22
1.4. Objetivos, questões norteadoras e métodos	23
1.5. Principais autores	25
1.6. Visão geral da dissertação	25
2. Sobre pessoas e suas casas e coisas	27
2.1. Razão prática x razão simbólica	27
2.2. As coisas como instrumentos de mudança	28
2.3. A continuidade do indivíduo e a transferência de identidades por meio das coisas	30
2.4. A casa e seus significados	32
2.5. A diversidade expressa pelas coisas	33
3. Casas e coisas dos idosos da ficção	38
3.1. Sobre o Design de Produção	39
3.2. Casa e coisas de Nenê em <i>A Grande Família</i>	41
3.3. Casa e coisas de Darlene em <i>Pé na Cova</i>	46
3.4. Casa e coisas de Violeta em <i>Louco por Elas</i>	50
3.5. Casa e coisas de Picucha em <i>Doce de Mãe</i>	55
3.6. Considerações parciais	61
4. Casas e coisas dos idosos da vida real	62
4.1. Apresentação do estudo	62
4.2. Etapas do estudo	63
4.3. Visitas a moradores da Gávea	65
4.3.1. Casa e coisas de D	63
4.3.2. Casa e coisas de ML	74
4.3.3. Casa e coisas do casal J e L	89

4.3.4. Casa e coisas de Ad	103
4.3.5. Casa e coisas de MC	112
4.3.6. Casa e coisas do casal Jo e C	128
4.3.7. Casa e coisas de Ev	141
4.4. Considerações parciais	151
5. Considerações finais	153
6. Referências bibliográficas	155

Lista de figuras

Figuras 1 e 2. Imagem do cenário do quarto da personagem Chayene e seu telefone dourado.	20
Figuras 3, 4, 5 e 6: Fotos de quartos registrados no projeto <i>Espelhos e Janelas</i> . As fotos são de quartos dos países Camarões, Alemanha, Egito e Inglaterra.	33
Figuras 7, 8, 9 e 10: Fotos registradas no projeto <i>Toy Stories: fotos de crianças ao redor do mundo e suas coisas favoritas</i> dos países Albânia, Zâmbia, Quênia e Ucrânia.	34
Figuras 11, 12, 13 e 14: Fotos registradas no projeto <i>Na cozinha dela histórias e receitas de avós ao redor do mundo</i> . As avós acima fotografadas são naturais dos seguintes lugares: Alasca, Marrocos, Itália e Malawi.	35
Figuras 15, 16, 17 e 18: Fotos do projeto <i>A casa em chamas: o que você levaria?</i>	36
Figuras 19, 20 e 21. Gnome de jardim que a esposa arremessou no carro novo do marido, prótese de perna, símbolo do início de um romance entre enfermeira e paciente, e spray nasal usado pelo parceiro de doadora para diminuir ronco.	37
Figuras 22, 23, 24 e 25. Situações que mostram como Nenê interage com seus objetos.	42
Figura 26. Nenê e o altar preparado para a imagem de Nossa Senhora das Graças.	43
Figura 27. Jarra de abacaxi, símbolo de Nenê.	43
Figuras 28 e 29. As estampas florais presentes no lar de Nenê.	44
Figura 30. Ateliê onde Nenê faz as roupas que são vendidas em sua Nova loja. O cenário é composto por numerosos objetos, porém todos muito bem organizados — como uma boa dona de casa os arrumaria.	45
Figura 31. Darlene exibe seu figurino exuberante.	46
Figuras 32,33 e 34. Representações dos três objetos mais marcantes de Darlene: copo de bico de jaca, cigarro eletrônico e maleta rosa de maquiagens.	46
Figura 35. Imagem geral do quarto de Darlene.	47
Figuras 36, 37, 38 e 39. Detalhes do quarto de Darlene.	48
Figura 40. Canto da beleza do quarto de Darlene.	49

Figura 41. Figurino de Violeta.	50
Figuras 42, 43, 44 e 45. Mais demonstrações do figurino de Violeta.	51
Figuras 46 e 47. Peças do jogo de chá de Violeta.	52
Figura 48. Parte do cenário da sala de Violeta.	52
Figura 49. Fases da vida de Violeta expostas em fotos nas paredes do cenário.	53
Figura 50. Violeta conversa com seu amigo imaginário Tibúrcio.	53
Figuras 51 e 52. Detalhes do quarto de Violeta.	54
Figura 53. Picucha posa ao lado de um aparador com fotos de seus filhos.	55
Figura 54. TV de Picucha.	56
Figuras 55. Parte da estante na sala de Picucha com fotos de família e pequenos presentes e lembranças de viagens. Fonte: pessoal.	56
Figuras 56 e 57. Livros e tapeçaria de Picucha.	57
Figuras 58, 59, 60 e 61. Objetos de Picucha que mostram sua forte relação com a música.	58
Figura 62. Visão geral da sala de Picucha.	59
Figura 63 e 64. Figurinos de Picucha.	59
Figuras 65 e 66. Picucha prepara e serve alguns de seus doces.	60
Figura 67. Visão geral da sala de D.	66
Figuras 68, 69 e 70. Relógio em forma de cachorro que ganhou da mãe, cachepô do casamento da avó e retrato pintado pela prima de D.	68
Figuras 71, 72, 73 e 74. Quadros e porcelanas pintados por D.	68
Figura 75. Visão geral do escritório de D.	69
Figura 76. Computador ligado com jogo de paciência na tela.	70
Figuras 77. Tricô em andamento, deixado no sofá.	70
Figuras 78 e 79. Casaquinhos e sapatinhos de bebê feitos por D em tricô.	71
Figura 80. Visão geral do quarto de D.	72
Figura 81. Estante com imagens de santos no quarto de D.	72
Figuras 82 e 83. Acordeon guardado na sala e D tocando.	73
Figuras 84 e 85. Objetos religiosos na sala de ML.	75
Figura 86. Visão geral do quarto de ML.	76
Figura 87. Detalhe da escrivanhinha de ML, onde ela passa grande parte do tempo trabalhando.	77
Figuras 88 e 89. Livro escrito por ML e sua dedicatória para o Labmemo.	78
Figura 90. Estante de ML.	79

Figuras 91 e 92. Foto de ML com suas filhas ainda pequenas e foto do casamento de uma de suas filhas.	79
Figura 93. Imagem de São José de Botas.	80
Figuras 94 e 95. Pedras de ML.	80
Figura 96. Visão geral da sala de ML.	81
Figura 97. Vista da janela da sala de ML.	81
Figura 98. Concha de ML.	82
Figuras 99 e 100. Pinturas que ML considera importantes, pois trouxe do Ceará.	82
Figura 101. Objeto que, segundo ML, mais a representa.	83
Figuras 102 e 103. Quadros na sala de ML, pintados por ela.	83
Figura 104. Foto da família reunida na casa de ML para um aniversário.	84
Figuras 105 e 106. Fotos da mãe e do marido de ML.	84
Figura 107. Pedaco de barro da obra de arte de Celeida Tostes.	86
Figura 108. Porquinho feito por um aluno de ML.	86
Figura 109. Objeto que ML ganhou de presente de sua filha.	87
Figura 110. Rolha da festa de casamento de sua filha.	87
Figura 111. Caixinha que foi da bisavó de ML.	87
Figura 112. Mesa de jantar de J e L, criada pelo designer Philippe Stark.	89
Figura 113. Bicicleta com cestas que L usa para ir ao mercado. Ao lado está sua bicicleta de passeio.	91
Figura 114. Computador de L com o arquivo de seu livro em andamento aberto.	93
Figura 115. Visão geral do quarto de L.	94
Figura 116. Troféus de L.	94
Figura 117. Medalhas de L.	95
Figura 118. Quadro com foto de L da época que era remador do Flamengo.	95
Figura 119. Visão geral do escritório de J.	96
Figuras 120 e 121. Detalhes da mesa de trabalho de J.	96
Figura 122. Visão geral do quarto do casal.	96
Figura 123. Visão geral da varanda.	97
Figura 124. Visão geral da sala de televisão com plantas artificiais.	98
Figura 125. Espaguete vegetariano feito por L.	98
Figura 126. Detalhe dos imãs de geladeira de J e L.	99
Figura 127. Escrivaninha antiga na sala de J e L.	100
Figura 128. Baú comprado por J em Paraíba do Sul.	100

Figura 129. Cristaleira antiga na sala de J e L.	101
Figura 130. Arara vermelha de pelúcia que J comprou para o seu neto.	102
Figura 131. Visão geral da sala de Ad.	104
Figuras 132 e 133. Detalhes da estante com objetos da esposa e mesa de jantar com enfeite de flores coloridas.	105
Figura 134. Objetos religiosos em mesinha lateral ao lado do sofá de Ad.	106
Figura 135. Poltrona reclinável utilizada pela esposa de Ad quando ainda era viva.	106
Figuras 136 e 137: visão geral da mesa de trabalho de Ad com seu violão ao lado e Ad tocando seu violão.	108
Figura 138. Livros de música sobre a mesa de trabalho.	109
Figura 139. Tapete feito pela irmã de Ad.	110
Figura 140. Estante com coleção de Cds de Ad.	110
Figuras 141 e 142. Álbuns com fotos de viagens que Ad fez com sua esposa.	111
Figura 143. Aparador com retratos de MC e de seus filhos.	113
Figura 144. Visão geral da cozinha de MC.	114
Figura 145. Imãs de geladeira de MC.	115
Figura 146. Sorvete servido no potinho de prata e pires de MC.	116
Figura 147. Joy, a cachorrinha de MC, come sorvete.	116
Figura 148. Varanda de MC com suas plantas e sua horta.	117
Figura 149. Retrato de MC pintado por um artista no bairro de Monmartre, em Paris.	118
Figura 150. Fotos dos antepassados de MC.	118
Figuras 151 e 152. Fotografias de viagens que fez com o filho e fotos de família da época que o marido era vivo.	119
Figuras 153 e 154. Fotografias de viagens e outras, de seus netos.	119
Figura 155. Visão geral do quarto onde era o escritório de MC.	120
Figuras 156 e 157. Detalhes da mistura de fotos e da desorganização da mesa que antigamente MC usava para trabalhar.	120
Figura 158. Detalhe de um livro com etiqueta de biblioteca e CD de curso de inglês.	121
Figuras 159 e 160. Detalhes de álbuns de fotografia nas prateleiras e bonés com nomes de lugares nas estantes do quarto que MC usava no passado como escritório.	121

Figuras 161 e 162. Detalhes de álbuns de viagens que MC fez com o filho .	122
Figura 163. Visão geral do quarto de MC.	123
Figuras 164 e 165. Closet de MC.	124
Figuras 166 e 167. Extensão do <i>closet</i> de MC no banheiro de sua suíte.	124
Figuras 168 e 169. Anotações de MC sobre suas roupas e as possibilidades de combinações.	125
Figura 170. Recortes e anotações de MC sobre roupas e possibilidades de combinações.	126
Figuras 171 e 172. Detalhes de alguns objetos religiosos de MC.	127
Figura 173. Corredor do prédio de Jo e C.	129
Figura 174. Detalhe da cerveja que Jo estava tomando durante a visita.	130
Figuras 175 e 176. Imagens da sala de Jo e C.	130
Figura 177. Placa que C ganhou como homenagem por ocasião de sua aposentadoria.	131
Figura 178. Foto da neta do casal Jo e C.	
Figura 179. Detalhe da estante cheia de garrafas de azeite.	133
Figura 180. Lanche servido por C durante nossa visita.	133
Figuras 181 e 182. Fotos do “point da praia” onde Jo vende os quitutes de C.	134
Figura 183. Tapete de banheiro feito por C.	134
Figuras 184 e 185. Panos de prato feitos e comercializados por C.	135
Figuras 186 e 187. Fotos do casal comemorando aniversário de casamento em Porto Seguro.	135
Figura 188. Livros de Jo.	136
Figura 189. Pinturas de retratos da família.	136
Figura 190. Quadro que ganharam de presente de um cliente da praia.	137
Figura 191. Quadro trazido de Portugal por um amigo.	137
Figura 192. Garfo de prata que era do pai de Jo.	138
Figura 193. Saca rolhas antigo que foi o avô de Jo.	138
Figura 194. Imagem do quarto do casal Jo e C.	139
Figuras 195 e 196. Imagens da cozinha de C.	139
Figuras 197 e 198. Sofá e flores coloridas na sala de Jo e C.	140
Figura 199. Visão geral da sala de estar de Ev.	142
Figuras 200, 201, 202 e 203. Objetos religiosos na sala de Ev.	142
Figuras 204 e 205. Imagens do livro criativo de Ev.	143
Figura 206. Galinhas que Ev ganhou em um passeio.	144

Figura 207. Quadro que Ev trouxe como lembrança de um passeio à Conservatória.	145
Figura 208. Quadro que Ev trouxe como lembrança de um passeio ao mosteiro de Campos do Jordão.	145
Figuras 209. Sapo de pelúcia que enfeita o sofá de Ev.	146
Figuras 210 e 211. Visão geral do quarto de Ev e detalhes de objetos divertidos que ela usa para decorá-lo.	146
Figuras 212, 213 e 214. Detalhes de objetos religiosos do quarto de Ev.	147
Figura 215. Livro religioso que Ev estava lendo à época da visita.	147
Figura 216. Arara com roupas de Ev em seu quarto.	148
Figura 217. Cadeira de balanço predileta de Ev.	149
Figura 218. Armário com vários objetos de EV.	149
Figura 219. Fotomontagem que Ev adquiriu no Pão de Açúcar, simulando um voo de asa delta.	150
Figuras 220, 221 e 222. Detalhes de miniaturas de casais idosos e casal de índios.	150

Ninguém é igual a ninguém. Todo ser humano é um estranho ímpar.

Carlos Drummond de Andrade

1.

Introdução

Sou publicitária e há cerca de treze anos trabalho na área de criação. Durante alguns anos exerci atividades relacionadas a criação e design gráfico, até que um dia surgiu a oportunidade de trabalhar na TV Globo.

Lá trabalhei em equipes da área de Produção de Arte, também chamada Design de Produção, departamento responsável pelos objetos cênicos dos programas produzidos pela emissora. Dentre outras atividades, nosso trabalho era “vestir” os cenários com objetos que caracterizassem as personagens e seu cotidiano.

Particpei das equipes dos seriados *A Grande Família* e *Junto & Misturado* e também das novelas *Cheias de Charme* e *Geração Brasil* e vivenciei algumas situações curiosas que me despertaram para outras dimensões da relação entre as pessoas e seus objetos. Uma delas refere-se à personagem Chayene (interpretada pela atriz Cláudia Abreu) na novela *Cheias de Charme* e seu telefone. Chayene era a vilã cômica da novela e uma cantora piauiense em carreira decadente com um repertório que ia do techno forró ao brega pop. Sua casa e suas coisas eram extravagantes como ela, e suas marcas registradas eram as cores rosa e dourada, as texturas brilhosas e o exagero. Durante a fase de pré-produção e escolha dos objetos para compor os diversos cenários das novelas, a equipe de Design de Produção geralmente faz acordos de empréstimo com algumas marcas que pretendem ganhar visibilidade para seus produtos. Uma das empresas parceiras em *Cheias de Charme* foi a Bang&Olufsen: empresa dinamarquesa reconhecida internacionalmente como um dos maiores ícones do design contemporâneo e única marca da indústria de eletrônicos com produtos expostos em museus como o *Museum of Modern Art* – MoMA – em Nova Iorque. Dentre os produtos emprestados pela premiada empresa estava o telefone escolhido para o cenário do quarto de Chayene. O telefone era dourado cromado e com uma forma extravagante, em sintonia total com a personagem e seu conceito visual.



Figuras 1 e 2. Imagem do cenário do quarto da personagem Chayene e o telefone dourado Bang&Olufsen. Fonte: google.com.br

O fornecedor, contudo, não aprovou a associação do seu produto à imagem da personagem e solicitou que o transferíssemos para outro cenário. Mas aquele telefone era “a cara” da Chayene, e de nenhuma outra personagem, e acabou sendo devolvido.

Atenta à estreita relação entre as personagens e seus objetos cênicos, comecei a perceber também o quanto os telespectadores buscavam usar os objetos e roupas apresentados em cena. Isso era visível pelo número de solicitações que recebíamos da Central de Atendimento ao Telespectador – CAT. Os telespectadores ligavam para lá e queriam saber a marca ou a loja fornecedora de determinado produto usado nas gravações, como era o caso, por exemplo, das painéis novas de Nenê, do seriado *A Grande Família*.

Essa, entre outras situações me levou a questionar: o que dizem as coisas em cena? O que nos revelam sobre as personagens? O que nos revelam sobre os telespectadores que as querem comprar? Que coisas combinam com quais pessoas e por que?

Essas questões me motivaram a estudar com mais profundidade a relação entre as coisas e as pessoas e a me candidatar ao Mestrado em Design da PUC-Rio.

1.1.

O papel do designer no mundo das coisas

O Design é uma atividade cuja ação “contribui para a configuração do mundo em que vivemos” (Frascara, 2000). Seja projetando novos produtos e serviços, definindo tendências da moda ou criando novas mídias e formas de

comunicação visual, designers cumprem um papel importante na formação do nosso entorno físico e cultural.

Jorge Frascara alerta sobre a atenção que deve ser dada aos contextos dos objetos e diz que qualquer produto implantado no espaço público, seja ele físico ou comunicacional, provoca um impacto cultural. Esse impacto afeta a maneira como as pessoas lidam com outras pessoas e com as coisas, e contribui para a criação de um consenso cultural (FRASCARA, 2000).

Como explica o designer Max Bruinsma sobre o Design como atividade que deve promover bons exemplos:

Designers não podem mudar o mundo por conta própria, mas eles têm a possibilidade de visualizar as conexões e contextos, eles podem apontar para uma reestruturação dos processos de design, produção, distribuição e uso, porque eles representam o ponto de partida desses processos. (BRUINSMA, 1995)

As visões de Frascara e Bruisma traduzem a ação do designer que atua pensando não nas relações entre pessoas e objetos, mas sim em como os objetos se tornam mediadores nas relações entre as pessoas.

1.2.

Minha aproximação do tema do envelhecimento

Uma vez aprovada para ingressar no Mestrado em Design, passei a integrar o Laboratório de Pesquisa Aplicada Design, Memória e Emoção, coordenado por minha orientadora. Ao longo do curso, acompanhei e participei de diversas ações relacionadas ao tema do envelhecimento. Dentre elas, vale destacar:

Pesquisa de Mestrado *Design e Envelhecimento: um estudo sobre ações projetuais para a construção de uma nova velhice*: Nesse trabalho, a designer e colega do Labmemo Renata Pereira investigou o potencial do Design em promover a diversidade, os ganhos e as possibilidades da velhice. Concluiu que existem dois grupos de produtos e serviços voltados para o público com mais de 60 anos: (1) as “coisas de velho”, que focam as doenças e perdas da velhice e tratam os idosos como um grupo homogêneo; e (2) as “coisas do novo velho”, focadas na qualidade de vida e nos ganhos da velhice.

Pesquisa de iniciação científica *Design & Envelhecimento*: O trabalho da aluna de graduação e colega de Labmemo Nathalia do Amaral teve como objetivo: (1) a identificação de ações projetuais com foco no envelhecimento; (2)

o levantamento de produtos destinados à população com mais de 60 anos com foco no bem-estar em geral e na socialização e autoestima em particular; (3) a identificação e a classificação dos atributos dos produtos localizados.

Estágio de docência na disciplina de graduação “Projeto Avançado – Produção e Distribuição”, sobre o tema *Envelhecimento Ativo*: Realizei um trabalho de acompanhamento e orientação dos projetos de 76 alunos, em três turmas da graduação em Design da PUC-Rio que, divididos em grupos, desenvolveram projetos de produtos e serviços voltados para o público idoso.

Pesquisa de Mestrado *Design & Envelhecimento: Técnicas para identificação de demandas dos maiores de 60 anos*: A designer e colega do Labmemo Marília Ceccon trouxe o registro de uma abordagem do design sobre o tema envelhecimento buscando explorar o potencial da atividade de contribuir para a qualidade de vida dos maiores de 60 anos. Nesse trabalho foram identificadas demandas do público idoso e as seguintes frentes de ação: (1) design para afirmação da identidade; (2) design para a renovação da sociabilidade; (3) design para a revitalização da cidadania; (4) design para bem-estar; (5) design para autoestima; e (6) design para o humor.

O acompanhamento desses trabalhos me motivou a escolher o público maior de 60 anos como foco de minhas questões.

1.3.

Sobre o envelhecimento¹

O envelhecimento populacional é hoje um fenômeno global sem precedentes e uma nova e surpreendente realidade. A proporção de pessoas idosas aumenta mais rapidamente do que a de qualquer outra faixa etária em um número cada vez maior de países. Em menos de quatro décadas, seremos dois bilhões de pessoas com mais de 60 anos, o que representa 30% da população mundial (OMS, 2007).

A longevidade é uma realidade igualmente nova e surpreendente. “Vamos viver trinta anos mais do que nossos avós”, alerta o ex-diretor do Departamento de Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial da Saúde e

¹ O texto a seguir, item “Sobre o envelhecimento”, foi baseado no artigo *Envelhecimento Ativo: novas perspectivas e oportunidades para o campo do design emocional*, de minha autoria em conjunto com Marília Ceccon, colega de Labmemo, e a professora Vera Damazio, publicado nos anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa de Desenvolvimento em Design 2014.

atual presidente do Centro Internacional de Longevidade (ILC-Br), Alexandre Kalache.

Tal como sugere o relatório *Envelhecimento no século XXI: celebração e desafio*, publicado pelo Fundo de População das Nações Unidas, o envelhecimento e a longevidade da população em todo o planeta são uma conquista da humanidade. O documento traz, contudo, desafios de toda ordem. Neste sentido, o Secretário-Geral da ONU, Ban Ki-moon (UNFPA, 2012), orienta que “é a forma como optamos por tratar dos desafios e maximizar as oportunidades de uma crescente população idosa que determinará se a sociedade colherá os benefícios do ‘dividendo da longevidade’.” Em outras palavras, o aumento do número de idosos e do número de anos que eles viverão deve ser tratado como uma oportunidade, ao contrário de um problema, sobretudo no que diz respeito à contribuição que eles podem trazer à sociedade se forem respeitados como indivíduos.

Observa-se, contudo, que em muitas culturas ainda vigora a visão da velhice como uma etapa da vida caracterizada por aspectos negativos, perdas e doenças; e o velho como frágil e doente (Beauvoir, 1990; Goldenberg, 2013). Porém, a realidade mostra que além de existirem várias etapas de vida dos 60 anos em diante, uma das características mais marcantes dos idosos é justamente a heterogeneidade, pois as bagagens de vida e o amadurecimento reforçam suas singularidades.

Como bem resume Simone de Beauvoir (1990: 345), “a velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas; impossível encerrar essa pluralidade de experiências num conceito, ou mesmo numa noção”. Tão ou mais numerosos e heterogêneos do que os públicos infantil, jovem e adulto, os idosos do século XXI não se encerram na imagem de fragilidade e dependência representada em um pictograma de pessoa curvada com bengala ou em um universo material de asilos, bengalas, andadores, muletas e fraldas geriátricas.

1.4.

Objetivos, questões norteadoras e métodos

Diante do exposto, passei a perceber que o universo material mais comumente associado ao público maior de 60 anos não os representa. Bengalas, andadores, dominó, baralho, bancos de praça, cadeiras de balanço, tricô, remédios, asilos, hospitais, fraldas geriátricas, cadeiras de rodas,

aparelhos de surdez, nada dessas coisas reflete o crescente e diverso público idoso.

Este trabalho passou a ser norteado, assim, por algumas questões: o que as coisas nos revelam sobre as personagens idosas? O que as coisas nos revelam sobre os idosos da vida real? O Design pode contribuir para a expressão da diversidade desse público? Que meios o designer tem para conhecer e entender as particularidades dos maiores de 60 anos?

Assim sendo, meu objetivo geral é propor um método para conhecer as pessoas para quem se projeta em geral e os idosos em particular, a partir de suas casas e coisas.

Nesse contexto, os objetivos específicos e seus respectivos métodos são:

(1) Realizar um levantamento sobre a relação entre as pessoas e seus universos materiais, a partir de pesquisa bibliográfica e busca na internet, norteadas pelas premissas da Antropologia do Consumo. Esse levantamento foi feito por meio da leitura de livros abordados no curso de pós-graduação Comunicação e Práticas de Consumo, ministrado pelo Prof. Everardo Rocha, do Departamento de Comunicação da Puc-Rio, além de outras referências bibliográficas.

(2) Investigar a relação entre personagens fictícias com mais de 60 anos e seu universo material. Para tanto foram feitas descrições dos universos materiais das personagens de TV a partir de informações coletadas em entrevistas, pesquisas documentais e observação do trabalho de conceituação e interferências nos cenários nas gravações.

(3) Investigar a relação entre universos materiais e pessoas reais com mais de 60 anos. Tal investigação foi feita por meio de visitas a casas de idosos moradores da Gávea, seguindo técnicas de observação participante e entrevista etnográfica semiestruturada, registros fotográficos, “diários bipolares” — cadernos com registros escritos pelos participantes sobre as situações positivas e negativas de seu cotidiano — e também registros em áudio captados por gravadores durante as visitas.

1.5

Principais autores

Dentre os principais autores destacamos:

McCracken traz o aporte da visão antropológica sobre como os objetos são fundamentais na formação da cultura e também sobre como atuam intermediando relações entre as pessoas, ajudando-as a expressar e eternizar seus valores, estilos de vida, culturas, experiências, habilidades, interesses e diversidade. Ressalto que, neste trabalho, o conceito de identidade é tratado sob o ponto de vista antropológico, considerando o conjunto desses fatores que ajudam a construir as singularidades de cada indivíduo.

Os autores Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Rochberg-Halton nos ajudam a entender a importância da casa como um ambiente emocional constituído por um conjunto de objetos que expressam e reforçam a nossa identidade para os outros e para nós mesmos. No livro *O significado das coisas: símbolos domésticos e o eu*, os autores retratam as casas como “espaços emocionais” constituídos por um conjunto de “coisas” que dão forma ao que o morador considera significativo; ou seja, a casa é um poderoso símbolo da identidade do seu habitante.

É importante destacar que no âmbito deste trabalho a visão apresentada sobre o envelhecimento inspira-se nos aspectos positivos reafirmados pela antropóloga Mirian Goldenberg. Em seu livro *A bela velhice*, a autora explora os aspectos positivos do envelhecimento e analisa o que é mais relevante nos discursos de seus entrevistados para a construção de uma bela velhice. Ela dá relevo às seguintes ações: encontrar o projeto de vida, buscar o significado da existência, conquistar a liberdade, almejar a felicidade, cultivar a amizade, viver intensamente o presente, aprender a dizer não, respeitar as vontades e paixões, vencer os medos, aceitar a própria idade e dar muitas risadas.

1.6

Visão geral da dissertação

A presente dissertação divide-se em cinco seções. A seção *Sobre pessoas e suas casas e coisas* traz reflexões com base em premissas da Antropologia e na idéia de que nosso universo material é a expressão de nossa cultura, crenças, valores, estilos de vida e personalidades. A seção *Casas e*

coisas dos idosos da ficção fala do Design de Produção, cuja atuação acontece em um dos meios de comunicação mais poderosos para a formação de representações sociais: a televisão. Esta seção apresenta descrições dos universos materiais de quatro personagens idosas de seriados da TV Globo: Nenê, de *A Grande Família* (interpretada pela atriz Marieta Severo); Darlene, de *Pé na Cova* (interpretada pela atriz Marília Pêra); Violeta, de *Louco por Elas* (interpretada pela atriz Glória Menezes); e Picucha, de *Doce de Mãe* (interpretada pela atriz Fernanda Montenegro). Essas visitas tem como base os procedimentos da atividade do Design de Produção que, junto com Cenografia e Figurino, monta as casas e as coisas das personagens a partir de seus perfis e sinopses.

A seção *Casas e coisas dos idosos da vida real* apresenta os resultados de uma pesquisa de campo realizada em parceria com a integrante do Laboratório de Pesquisa Aplicada Design, Memória e Emoção – Labmemo Marília Ceccon, com objetivos diferentes. O meu objetivo foi observar as casas e coisas de idosos moradores da Gávea e buscar “ouvir” o que elas revelaram sobre eles. Ela, por sua vez, procurou identificar suas demandas e oportunidades de desenvolvimento de produtos e serviços em prol da qualidade de vida dos maiores de 60 anos.

Na última seção, de considerações finais, são apresentadas as conclusões desta pesquisa, bem como possíveis desdobramentos para a atuação de meios de representação como a TV e o Design perante os resultados obtidos.

2.

Sobre pessoas e suas casas e coisas

Este capítulo apresenta visões sobre a relação entre pessoas e seus universos materiais e sobre o potencial do entorno físico e dos bens de consumo como: (1) instrumentos de mudança; (2) meios de continuidade do indivíduo e transferência de identidades; (3) construtores de um dos ambientes emocionais mais importantes: a casa e (4) meios de expressão da diversidade cultural. Também será aqui apresentada uma reflexão sobre o papel do Design na construção de universos materiais.

2.1.

Razão prática x razão simbólica e cultural

Diante da discussão entre os defensores da razão prática e os da razão simbólica e cultural dos artefatos, iniciada por Lewis Henry Morgan e Franz Boas, Claude Lévi-Strauss traz fortes argumentos em favor da razão simbólica, incluindo as relações sociais no sistema geral de representações. O antropólogo iniciou estudos hoje considerados uma grande oportunidade de desenvolvimento teórico nas áreas de antropologia simbólica, estrutural e semiótica: os estudos de como a “cultura material consegue dar expressão exterior às ideias interiores” (McCracken, 2003, 84).

Em crítica à lógica da razão prática, o antropólogo Marshall Sahlins (1979) traz argumentos contundentes contra a visão de que as culturas são criadas a partir das atitudes racionais do homem em busca da satisfação de necessidades mecânicas e práticas. O autor apresenta a lógica cultural em contraponto à lógica da razão prática como a verdadeira característica que diferencia o homem dos outros animais, ou seja, “o fato de o homem viver de acordo com um esquema significativo criado coletivamente, através da cultura” (Rocha, 2007, 103).

Com base na lógica cultural, o antropólogo Grant McCracken argumenta:

A cultura detém as “lentes” através das quais todos os fenômenos são vistos. Ela determina como esses fenômenos serão apreendidos ou assimilados. Em segundo lugar, a cultura é o “plano de ação” da atividade humana. Ela determina as coordenadas da ação social e da atividade produtiva, especificando os comportamentos e os objetos que delas emanam. Enquanto lente, a cultura determina como o mundo é visto. Enquanto “plano de ação”, ela determina como

o mundo será moldado pelo esforço humano. Em resumo, a cultura constitui o mundo suprindo-o com significado. (McCracken, 2003, 101)

Essa passagem nos faz perceber, por exemplo, que a comida que ingerirmos não está ligada somente ao fato de que precisamos nos nutrir para sobreviver. Por exemplo, sopa de cachorro, morcego à caçarola e omelete de larvas do bicho da seda são iguarias chinesas à base de ingredientes que na maioria dos países, além de não serem considerados comestíveis, causariam revolta e repulsa. E, além dos povos escolherem coisas diferentes para comer, eles também preparam os alimentos de formas diferentes; até mesmo os rituais de sociabilidade que envolvem o ato de comer são tão diversos como são diversas as culturas. Embora todos os seres humanos ao redor do mundo precisem comer para se manter vivos, o que eles comem, como comem e com quem comem diz respeito à lógica cultural, e não à lógica da razão prática.

Assim como a comida, o conjunto de objetos que nos cerca é a forma tangível de manifestação da nossa cultura e também nos ajuda a organizar o mundo em que vivemos em categorias culturais. Como nos mostra McCracken (2003, 113), “vestuário, transporte, comida, interiores e exteriores da habitação, ornamentos: todos funcionam como mídias para a expressão do significado cultural de acordo com o qual nosso mundo foi constituído”. Estamos todo o tempo realizando categorias no mundo e determinando distinções, de modo a “tornar o mundo que criamos consistente com o mundo que imaginamos”. Isso significa dizer que nos esforçamos para dar continuidade à nossa cultura para que nosso entorno permaneça confortável aos nossos olhos. É importante ressaltar, no entanto, que a sociedade muda, assim como sua cultura material.

2.2.

Coisas como instrumentos de mudança

Valores, processos, pessoas: tudo se transforma constantemente, e tais transformações também são sinalizadas e reforçadas pelos bens de consumo.

McCracken nos mostra que os bens de consumo podem atuar como instrumentos de mudanças de duas formas. A primeira é pela sua “capacidade de servir como uma oportunidade de modelar um novo conceito cultural através do uso seletivo, da combinação nova e da inovação premeditada dos significados culturais existentes” (McCracken, 2003, 170). Nesse caso, todas as pessoas em geral e os *designers* em particular podem propor inovações no

modo de uso, em um visual ou em um novo contexto para os bens, utilizando-os como “mídia criativa”, visando a experimentar novos significados culturais.

Imagine um cômodo de uma casa com paredes pintadas em azul claro; um berço de madeira branco com almofadas com desenhos de carrinhos coloridos; uma cômoda com fraldas e pomadas antiassaduras sobre ela e brinquedos como chocalhos, mordedores e bichos de pelúcia espalhados. Provavelmente muitos deduzirão que esse é o quarto de um bebê menino. Entretanto, quando o bebê crescer e estiver com dez anos de idade, ele precisará de uma cama maior para dormir, provavelmente não vai mais querer ser visto como um bebê e se interessará, por exemplo, por *games* eletrônicos e carros de controle remoto. Com o passar dos anos, novos universos materiais aos poucos irão se configurar ao redor do menino.

Na segunda forma de transformação dos bens de consumo, McCracken explica que “os bens servem como uma oportunidade para um grupo se engajar em um diálogo interno e externo, no qual as mudanças são contempladas, debatidas e, então, anunciadas.” Neste caso, os bens atuam como um meio de reflexão e de novas descobertas, ajudando assim a moldar o processo criativo.

O significado presente nos bens permite ao grupo se engajar em um processo de definição que é às vezes paralelo e às vezes independente do discurso linguístico com o qual este mesmo grupo contempla sua autodefinição. O código-objeto torna-se uma fonte de novo significado e de novo vocabulário. Os bens são um meio pelo qual o grupo pode repensar a si mesmo. (McCracken, 2003, 170)

Quando existe essa autorreflexão de um determinado grupo ou indivíduo e ele sente que chegou a hora de sua reinvenção, a primeira atitude é dispensar o universo material associado aos significados que ele deseja abandonar. A próxima atitude é começar a adotar os bens de outros grupos, para assim começar a sua reconfiguração para os significados que ele deseja expressar.

Um clássico exemplo de como os bens podem atuar pela reinvenção é a luta feminista que culminou com o famoso episódio da “queima de sutiãs” no final dos anos de 1960, nos Estados Unidos. Na ocasião, feministas radicais protestaram contra a realização do concurso de Miss América colocando no chão sutiãs, sapatos de salto alto, cílios postiços, *sprays* de laquê, maquiagens, revistas, espartilhos, cintas e outros bens associados à visão arbitrária e opressiva, predominante à época, em relação às mulheres. A partir dessa ação elas mostraram para a sociedade que determinado conjunto de significados não seria mais aderido ou admitido por um grupo de mulheres. O grupo passou então a buscar um novo universo material que reconfigurasse seus significados

e começou a vestir roupas até então usadas pelos homens das classes trabalhadoras; ou seja, bens que lhes conferiram outras categorias culturais interpretadas pela sociedade como próprias de pessoas capazes, produtivas e engajadas.

2.3.

A continuidade do indivíduo e a transferência de identidades por meio das coisas

Os objetos e vestuários que nos cercam fornecem às outras pessoas informações valiosas sobre nossa realidade, nossos valores e condutas. Eles reforçam nossa identidade perante os outros, e também para nós mesmos. Aqui veremos como a continuidade do indivíduo pode se dar por meio de heranças ou objetos que pertenceram a outra pessoa; e também como ocorre a transferência de identidade por meio de presentes comprados ou escolhidos.

O filósofo Paul Ricoeur nos ajuda a entender como nós nos reconhecemos nos símbolos, como os utilizamos para contar nossas próprias histórias, como nos reconhecemos e nos deciframos por meio dessas histórias, como as reconfiguramos ao longo de nossas vidas e também como queremos ser interpretados pelos outros.

De acordo com Ricoeur, vivemos o medo do esquecimento e precisamos lembrar e ser lembrados para existirmos. Para o autor:

O problema do esquecimento surge como que de improviso; com efeito, o deciframento dos traços pressupõe que eles foram, como se diz, deixados. Essa simples palavra evoca seu caráter fugidio, vulnerável, revogável. Em suma, é uma propriedade da ideia de traço que ele possa ser apagado. Com essa ideia inquietadora da ameaça de apagamento dos traços, é a ameaça de esquecimento que se impõe. (Ricoeur, 2006, 126)

Os traços de que Ricoeur fala são os símbolos que nos representam e que estão contidos em nossas “coisas”. Nossos objetos não nos deixam esquecer quem fomos, quem somos e quem pretendemos ser: a conchinha da praia visitada com os pais, o sapatinho de bebê que a mãe guarda por décadas, o anel da avó já falecida, o mapa emoldurado na parede da casa do casal com o trajeto da viagem de aventura realizada na lua-de-mel. Muitos feitos estão simbolizados e eternizados em formas concretas que constituem os traços de nós mesmos.

Esses traços podem ser heranças recebidas de histórias de outros indivíduos, contemporâneos ou ancestrais, e quem os recebe os interpreta e reconfigura na atualidade. Quando damos de presente ou deixamos como herança objetos que nos pertenceram é porque queremos ser lembrados. De alguma forma teremos a nossa continuidade na vida de outra pessoa que irá visitar nossos valores, nosso estilo de vida e nossas características pessoais através do objeto presenteado ou herdado.

Quando os presentes são comprados ou escolhidos para outra pessoa, acontece o que McCracken chama de “ritual de troca”, o que também envolve “transferência de significado”. Esses “rituais” acabam por transferir os significados dos bens para os indivíduos. Quando compramos um presente para outra pessoa, ele é escolhido de acordo com as propriedades significativas que queremos passar adiante. Quando um adulto, por exemplo, dá um livro a uma criança que está sendo alfabetizada, ele pretende estimular nela o hábito da leitura. Por outro lado, esse adulto mostra aos outros que a leitura é um hábito valorizado por ele.

Peter Stallybrass (2012), em seu livro *O casaco de Marx*, reflete sobre uma categoria especial de objetos que, mais do que qualquer outra, é capaz de carregar as marcas de um indivíduo: as roupas. Ele argumenta que essas marcas se tornam ainda mais evidentes quando devemos lidar com roupas de pessoas que já morreram. Em trecho emocionado, ele fala sobre a jaqueta que herdou de um amigo que já morreu:

Se eu vestia a jaqueta, Allon me vestia. Ele estava lá nos puimentos do cotovelo, puimentos que no jargão técnico da costura são chamados de “memória”. Ele estava lá nas manchas que estavam na parte inferior da jaqueta; ele estava lá no cheiro das axilas. Acima de tudo, ele estava lá no cheiro. (Stallybrass, 2012, 10)

O autor revela que começou a acreditar:

[...] que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor, recebe até mesmo nossa forma. E quando nossos pais, os nossos amigos e os nossos amantes morrem, as roupas ainda ficam lá, penduradas em seus armários, sustentando seus gestos ao mesmo tempo confortadores e aterradores, tocando os vivos com os mortos. (Stallybrass, 2012, 10)

Stallybrass reconheceu o “poder evocativo” das roupas considerando, além de sua aparência, material ou estilo, também o seu estado de conservação. As principais “características evocativas” das roupas estavam nos seus defeitos, nas suas formas e no cheiro deixado pelo antigo dono. Para o autor, a roupa é

capaz de absorver a “presença ausente” daquele que a deixou. “Na transferência de roupas, as identidades são transferidas”.

2.4.

A casa e seus significados

No livro *O significado das coisas: símbolos domésticos e o eu*, o psicólogo Csikszentmihalyi Mihaly e o antropólogo Eugene Rochberg-Halton sinalizam para a grande diferença entre os termos “domicílio” e “casa”. Enquanto “domicílio” está ligado ao espaço e à estrutura física onde habitamos, a palavra “casa” está ligada a um “espaço emocional” no qual, além de pessoas, habitam também memórias, histórias de vida e sentimentos afetivos.

Casa é o lugar para onde voltamos após um dia nos relacionando com o mundo externo e encontramos o conforto da familiaridade e a liberdade para sermos nós mesmos. Esse conforto e essa liberdade são expostos por meio das coisas que refletem os nossos valores e estilos de vida. Os autores explicam que: “Apesar de vivermos em ambientes físicos, nós criamos ambientes culturais com eles. Nós continuamente personalizamos e humanizamos um dado ambiente com o intuito de nos adaptar a ele criando ordem e significado” (Csikszentmihalyi & Rochberg-Halton, 1981, 121).

A casa é formada por um conjunto de objetos que expressam nossa identidade. Como nos ensinam Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1981, 9), “memórias passadas, experiências presentes, e sonhos futuros de cada pessoa estão inextricavelmente ligados aos objetos que compõem seu ambiente”.

No livro, os pesquisadores identificaram os objetos mais significativos para as pessoas e os motivos de sua importância. Eles examinaram também o papel dos objetos na definição do que as pessoas são, foram e desejam ser. Para tanto, os autores não consideraram os objetos separadamente, mas os conjuntos que formavam todo o ambiente simbólico abrangendo a casa, a vizinhança e até mesmo a cidade.

Os autores resumem que “a casa é muito mais do que abrigo; é um mundo no qual uma pessoa pode criar um ambiente material que incorpora o que ele ou ela considera significativo. Neste sentido, a casa torna-se o sinal mais poderoso da identidade de seu habitante.” (Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton, 1981, 123)

2.5.

A diversidade expressa pelas coisas

Tem sido recorrente a publicação de trabalhos que mostram a diversidade cultural e de identidade por meio dos objetos — e o fotógrafo Gabriele Galimberti tem participação importante nesse tipo de ação, como ilustram algumas de suas séries fotográficas:

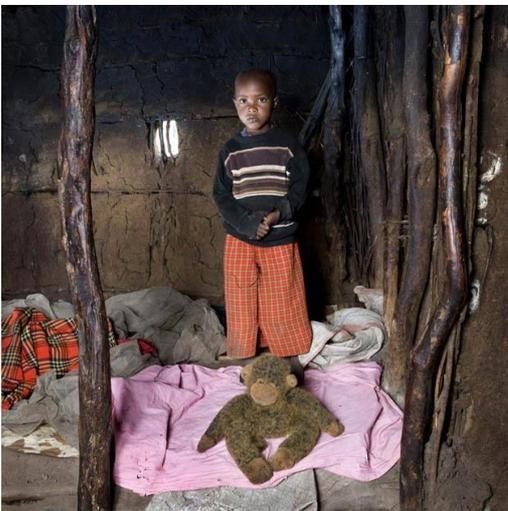
Espelhos e Janelas (Mirrors and windows) é resultado de viagem do fotógrafo pelo mundo registrando o quarto de mulheres entre 18 e 30 anos e nos mostrando indiretamente as histórias, personalidades, culturas e estilos de vida dessas garotas.



Figuras 3, 4, 5 e 6. Fotos de quartos registrados no projeto *Espelhos e Janelas*. As fotos são de quartos dos países Camarões, Alemanha, Egito e Inglaterra. Fonte: <http://www.gabrielegalimberti.com/projects/mirrors-and-windows/#>

Histórias de brinquedos: fotos de crianças ao redor do mundo e suas coisas favoritas (Toy Stories: photos of children from around the world and your favorite things) é o resultado de viagem do fotógrafo pelo mundo registrando imagens de crianças com seus objetos mais preciosos: seus

brinquedos. Nesse ensaio, Galimberti explora a universalidade da criança em meio a suas diferenças culturais e financeiras.



Figuras 7, 8, 9 e 10. Registradas no projeto *Toy Stories: fotos de crianças ao redor do mundo e suas coisas favoritas* dos países Albânia, Zâmbia, Quênia e Ucrânia. Fonte: <http://www.gabrielegalimberti.com/projects-2/toys-2/>

Na cozinha dela: histórias e receitas de avós ao redor do mundo (In her kitchen: stories and recipes from grandmas around the world). Nesta série, Galimberti viajou pelo mundo pedindo para as avós que encontrava pelo caminho cozinharem as receitas que elas mais gostavam de preparar para suas famílias.



Figuras 11, 12, 13 e 14. Fotos registradas no projeto *In her kitchen*. As vovós acima fotografadas são naturais dos seguintes lugares: Alasca, Marrocos, Itália e Malawi. Fonte: <http://www.gabrielegalimberti.com/projects-2/delicatessen-with-love-2/>

O artista Foster Huntington também publicou um trabalho pertinente sob o ponto de vista de diversidade e singularidades expressas pelos objetos.

A casa em chamas: o que você salvaria? (The burning house: what would you take?) – Buscando entender as relações entre as pessoas e seus objetos nos dias de hoje, o artista pergunta para as pessoas: “Se sua casa pegasse fogo, que objetos você salvaria? O que é realmente importante?” Os objetos escolhidos pelos participantes refletem seus interesses, sua bagagem e suas prioridades e representam um conflito entre o prático, o valioso e o sentimental.



Figuras 15, 16, 17 e 18. Fotos do projeto *A casa em chamas: o que você levaria?* Fonte: <http://theburninghouse.com>

O ***Museu das Relações Rompidas (The Museum of Broken Relationships)*** foi criado na Croácia pelos artistas Olinka Vištica e Dražen Grubišić e reúne acervo de objetos associados a relações amorosas que terminaram. Todos os itens doados pelos “portadores” de corações partidos são acompanhados do nome da peça, procedência, duração do romance e breve história sobre o fim do relacionamento. Além dos clássicos ursos de pelúcia, vestidos de noivas, chaves de casa e cartas rasgadas, o museu exhibe objetos intrigantes:

Doado por uma senhora eslovena, o “anão raivoso do dia do divórcio” representa o fim do matrimônio de 20 anos: o marido comprou um carro novo e pediu a separação. Ela reagiu arremessando um anão de jardim contra o carro.

Doado por um veterano de guerra croata, a prótese de sua perna representa sua história de amor com a enfermeira que cuidou dele em hospital na cidade de Zabreb.

De doadora de Istambul na Turquia, o spray nasal era usado pelo parceiro para diminuir o ronco. Mas se antes ela não conseguia dormir com o ronco, hoje ela não pode dormir “com o coração partido”.



Figuras 19, 20 e 21. Gnomo de jardim que a esposa arremessou no carro novo do marido, prótese de perna, símbolo do início de um romance entre enfermeira e paciente, e spray nasal usado pelo parceiro de doadora para diminuir ronco. Fonte: <http://brokenships.com>

3.

Casas e coisas dos idosos da ficção²

A Globo, uma das maiores redes de televisão do mundo, tem dedicado um considerável espaço ao tema do envelhecimento em seus programas jornalísticos, dramáticos e de variedades³; e personagens idosas ganham cada vez maior destaque nas novelas e nos seriados produzidos pela emissora.

Este capítulo apresenta o universo material de quatro personagens maiores de 60 anos, de seriados da emissora, e pretende ilustrar a mudança na forma como a sociedade tem representado e enxergado o envelhecimento, além de reforçar a noção de heterogeneidade do público idoso. A primeira seção apresenta o Design de Produção e sua função na construção da identidade de personagens. As demais seções descrevem as casa e coisas de: Nenê (interpretada pela atriz Marieta Severo) de *A Grande Família*; Darlene (interpretada pela atriz Marília Pêra) de *Pé na Cova*; Violeta (interpretada pela atriz Glória Menezes) de *Louco por Elas*; e Picucha (interpretada pela atriz Fernanda Montenegro) de *Doce de Mãe*.

Os resultados apresentados neste capítulo tiveram como base entrevistas com as atrizes Glória Menezes e Fernanda Montenegro, e também com designers de produção e cenógrafas de quatro seriados da TV Globo: Guga Feijó e Moa Batsow, de *A Grande Família*; Márcia Rossi, de *Pé na Cova*; Ricardo Cerqueira, Paula Salles e Tatiana Rodrigues de *Louco por Elas*; e Cecília Cristo, de *Doce de Mãe*. Além das entrevistas, foram realizadas pesquisas documentais, bem como a observação do trabalho de conceituação e interferências nos cenários nas gravações feitas por integrantes das equipes de Design de Produção, Cenografia e Figurino dos quatro seriados.

² Parte deste capítulo foi apresentada no artigo *Televisão, envelhecimento e consumo: representação social dos maiores de 60 anos*, apresentado no congresso internacional de Design MX Design Conference no ano de 2013, na Cidade do México.

³ Os programas *Globo Repórter*, *Encontro com Fátima Bernardes* e *Mais Você*, com Ana Maria Braga, além de diversos seriados e novelas, dedicaram-se ao tema do envelhecimento ativo no ano de 2013.

3.1.

Sobre o Design de Produção

O Design de Produção (também chamado Produção de Arte) é uma das áreas de criação na televisão responsáveis pela construção do universo material das personagens dramáticas. Essa é a área responsável pela “vivência”⁴ dos cenários e da decoração de eventos com objetos, comidas, veículos e animais, dentre outras “coisas” em cena. Além dos objetos expostos nos cenários, o Design de Produção também é responsável por colaborar na construção da narrativa por meio de uma linguagem própria dos objetos cênicos e de suas interações com as personagens de uma história. Assim, junto com Cenografia e Figurino, o Design de Produção ajuda a construir o cotidiano das personagens, suas narrativas dramáticas e suas identidades.

Alguns profissionais do universo televisivo entendem que o Design de Produção possui funções um tanto subjetivas e pouco palpáveis, apesar do setor lidar o tempo todo com objetos. Em entrevista, Guga Feijó — Designer de Produção da TV Globo — define a atividade da seguinte forma:

É como se a Cenografia construísse uma casa e depois a Produção de Arte chegasse com a mudança trazendo tudo o que representa a memória e a personalidade das personagens. Os objetos muitas vezes aparecem em segundo plano, porém contribuem para a narrativa e atuam como um suporte para a personagem, além de criar a atmosfera da cena.

Luiz Antônio Coelho³ (2006) descreve um importante exemplo do papel do Design de Produção como construtor de identidades:

Determinado conjunto de objetos caracteriza um ambiente. Assim, se pensarmos em geladeira, fogão, filtro, liquidificador e cafeteira, estaremos provavelmente nos referindo a um domínio específico, que é a cozinha de uma casa. Como um sintagma, a cozinha poderá agregar significados específicos ao domínio, dependendo de cada unidade paradigmática. Desta maneira, a forma de cada objeto, captada pela visão – marca, modelo, tamanho, tecnologia, estado de conservação e de uso, cor, posição no espaço, etc. – vai nos identificar o usuário. Poderemos deduzir sobre seu status econômico, sua geração, asseio, gosto, se vive só, entre outras coisas.

A atriz Glória Menezes revela:

⁴ Termo usado entre os profissionais do meio televisivo para denotar a proximidade da aparência dos objetos e cenários com a realidade. Um cenário de cozinha com *vivência*, por exemplo, é aquele que não aparenta ser um cenário, mas sim uma cozinha real que de fato é usada por alguém. Isso pode ser observado em detalhes de panelas no fogão com o fogo ligado e vapor, louça na pia, legumes sendo cortados, colheres sujas perto das panelas do fogão, etc.

Eu admiro muito a parte da arte, os responsáveis pelas coisinhas do cenário. Eles estudam a personagem e a gente acaba se enfronhando nela através do cotidiano que esses meninos da arte criam. São mínimas coisas que o público nem vê.

Em pergunta a Fernanda Montenegro sobre como os objetos dos cenários e os figurinos a ajudam a compor a personagem, ela respondeu:

Tem de haver um processo de improvisação e de aceitação do inesperado que está no cenário. Às vezes isso é muito interessante porque faz sua atenção, sua criatividade e sua percepção emocional se colocarem muito presentes imediatamente. São as zonas que te fogem e talvez sejam as melhores zonas de criação. Aquelas que vêm no mistério do fazer. Você não sabe nem por que aquela cara chegou, aquele tom de voz chegou, aquele gesto, e aí no fazer você vai sedimentando. O espaço te imanta.

Assim como na vida real, os objetos e vestuários dos programas dramáticos desempenham um papel de *representação material no mundo social* (McCracken, 2003). Eles nos ajudam no processo de diferenciação das personagens e na percepção da posição de cada uma na trama e na sociedade fictícia. Por meio de seus universos materiais somos capazes de distinguir classes sociais, condutas, valores, status maritais, opções sexuais, ocupações, etc.

Os objetos e vestuários que fazem parte da vida das personagens também nos fornecem informações sobre nossa própria vida. Essas informações, expostas nas entrelinhas, dizem respeito, também, à cultura de quem faz a televisão — ou seja, aos profissionais que produzem os programas de TV. Desse modo, a personagem é resultado do imaginário coletivo. Cada profissional que participa de sua concepção a ela adiciona um pouco de sua própria experiência de vida e de sua visão de mundo.

Como nos mostra Everardo Rocha (1995, 35):

A Comunicação de Massa é a vida social em grande atividade. E, isto, tanto no plano do que se passa dentro dela, onde o que mais claramente se pode observar são seres humanos reproduzindo sociedade, quanto no plano do que se passa fora dela, onde muitos seres humanos estão envolvidos com a sua emissão, distribuição e recepção.

Após ler a sinopse de um programa e os perfis das personagens, as equipes de Design de Produção, Cenografia, Figurino e Direção discutem as diferentes percepções e referências das personagens e, a partir daí, cada equipe começa a construir por meio de cores, formas, estilos e objetos o cotidiano de cada uma delas.

A equipe de Design de Produção, em particular, por ser a responsável pela construção do universo material que tangibiliza as idéias dos autores sobre

as personagens, tem a preocupação de tornar o cenário crível e próximo da realidade. Especialmente quando se trabalha para representar um universo não familiar ao conhecido pelos profissionais do Design de Produção, há um processo de observação participante em lugares, casas, bairros e estabelecimentos semelhantes aos encenados na ficção para que todos os aspectos do universo material das personagens que ali circulam sejam percebidos, entendidos, incorporados e fotografados pela equipe.

Esse mergulho num mundo alheio faz com que os profissionais se enxerguem vivendo o cotidiano, pensando e agindo como as personagens. Isso possibilita uma reprodução dos universos materiais de forma mais crível e, com isso, uma maior identificação entre o público telespectador e o que é exibido.

Podemos, assim, identificar, na apresentação do universo material das personagens a seguir, uma oportunidade para a compreensão do momento cultural que vivemos hoje. Podemos entender, ainda, as relações de identificação que ocorrem entre personagens e telespectadores e de que forma a TV torna-se representação da sociedade e de seu comportamento e práticas de consumo.

Nesse sentido, de forma direta ou indireta, positiva ou negativa, o que é exposto na TV dificilmente deixará de impactar a todos nós, brasileiros, em algum momento de nossas vidas, da infância à velhice.

3.2.

Casa e coisas de Nenê em *A Grande Família*

A Grande Família foi um dos cinco programas mais assistidos no Brasil⁵ e com mais tempo de existência: sua primeira edição foi exibida entre os anos de 1972 e 1975 e a segunda esteve no ar de 2001 até 2014⁶.

Criado por Oduvaldo Vianna Filho e Armando Costa, o seriado trata da vida de uma família de classe média que mora em um subúrbio da Zona Norte do Rio de Janeiro. As personagens principais são membros da família Silva, formada pelo casal Lineu Silva e Irene Silva (mais chamada de Nenê); Tuco, o filho mais novo; Bebel, a filha mais velha, casada com Agostinho Carrara; e Floriano Carrara, o neto.

⁵ Conferir site do IBOPE em <http://www.ibope.com.br/pt-br/conhecimento/TabelasMidia/audienciadetv/rj/Paginas/TOP-5-RIO-DE-JANEIRO-SEMANA-32.aspx>

⁶ Conferir em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-258078,00.html>

O foco desta descrição será a personagem Nenê, vivida pela atriz Marieta Severo, atualmente com 68 anos de idade.

Nenê é uma mãe e dona de casa dedicada. Ela adora cozinhar para a família e também costura muito bem. É muito protetora e acaba fazendo as vontades dos filhos e acobertando seus erros. A decoração do sua casa reflete seu jeito solícito e caseiro e retrata com riqueza de detalhes o seu dia a dia de dona de casa. Na maioria das cenas, Nenê interage com os objetos — como agulha e linha, pratos, panelas, fogão, aspirador de pó —, executando diversas tarefas domésticas: ora está costurando, ora lavando a louça, ora arrumando a casa, ora cozinhando, como ilustram as imagens a seguir.



Figuras 22, 23, 24 e 25. Situações que mostram como Nenê interage com seus objetos.

Fonte: gshow.globo.com

Muitas de suas toalhas de mesa e panos de prato foram caprichosamente bordados pela personagem. Sua louça não é sofisticada nem nova, mas está sempre impecavelmente limpa e tem traços da década de 1970, o que nos faz pensar tratar-se de um antigo presente de casamento que foi bem conservado. As coisas de Nenê estão muito ligadas à família: os álbuns antigos de fotografia e os móveis dos anos 70 misturados com elementos mais novos e atuais.

Nenê é católica, bastante religiosa, e frequentemente conversa e interage com as imagens de santos que tem em casa. Ela é devota especialmente de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora das Graças.

Em cena do episódio “A Santa”, exibido na décima temporada do programa, Nenê preparou carinhosamente um altar com flores, velas e toalha de crochê para hospedar a imagem de Nossa Senhora das Graças em sua casa.



Figura 26. Nenê e o altar preparado para a imagem de Nossa Senhora das Graças. Fonte: gshow.globo.com

Um dos objetos mais presentes na vida de Nenê é a jarra de abacaxi colocada à mesa em todas as refeições da família.

A jarra acabou ficando associada aos momentos nos quais a família reunia-se à mesa no café-da-manhã, no almoço ou no jantar. Cabe ressaltar que geralmente era à mesa que os conflitos familiares surgiam e terminavam. A cena recorrente de final de episódio de *A Grande Família* era com todos à mesa, rindo dos problemas passados e iniciando novas discussões.



Figura 27. Jarra de abacaxi, símbolo de Nenê. Fonte: <http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2010/12/rolou-na-cat-viver-vida-e-campea-de-objetos-mais-pedidos-de-2010.html>

Vista por muitos como um símbolo da família brasileira, a jarra de abacaxi de qualidade e estilo duvidosos acabou sendo um dos itens mais vendidos na loja *online* da TV Globo, a Globomarcas, por anos consecutivos⁷. Como conta Lúcio Mauro Filho⁸, ator que interpretava Tuco, o filho de Lineu e Nenê:

Em qualquer lugar que eu vá no Brasil, as pessoas falam dos atores e da jarra de abacaxi. A jarra é quase uma personagem da Grande Família. Se tivermos que escolher uma imagem do programa sem os componentes da família, será a jarra de abacaxi.

O produtor de arte Guga Feijó revela que comprou a jarra de abacaxi em um mercado perto da casa de sua mãe para dar de presente a ela, que odiou o objeto. Uma vez em cena, a jarra renegada por dona Lívia virou *hit* e desde então as lojas — das mais refinadas às mais populares — começaram a vender réplicas do produto pelos mais variados preços.

A personagem Nenê também é caracterizada pelas estampas florais, que nos cenários e objetos aparecem em cores mais suaves do que em seus figurinos, para dar mais destaque à personagem. Nos objetos ou nas roupas, as estampas florais refletem seu jeito doce, feminino, maternal e bondoso.



Figuras 28 e 29. As estampas florais presentes na casa de Nenê. Fonte: gshow.globo.com

Ao longo dos 14 anos de vida do seriado, o público telespectador acompanhou a evolução e o amadurecimento de suas personagens e o surgimento de novas situações familiares pertinentes à realidade de inúmeras famílias brasileiras.

⁷ Conferir em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-258078,00.html>

<http://www.cozinhaafetiva.com.br/index.php/2011/01/16/jarra-abacaxi>

<http://cialavandainglesa.blogspot.com.br/2012/06/abacaxi-da-dona-nene.html>

⁸ Entrevista disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/mais-voce/v/felipe-suhre-vai-ate-o-estudio-de-a-grande-familia-buscar-a-famosa-jarra-de-abacaxi/1932320/>

O tema *envelhecimento* foi tratado no programa sob um prisma positivo, que ressaltou a autonomia, as capacidades e experiências dos idosos representados pelas personagens Nenê e Lineu. Ao longo da série, o casal, agora na maturidade e com os filhos adultos e encaminhados, começa a assumir novos projetos de vida.

Nenê busca novos desafios e funções fora dos limites de sua casa. As transformações na vida de Nenê ajudam a montar a imagem de uma mulher que mantém sua essência nos moldes tradicionais como esposa dedicada e mãe zelosa, mas que não deixa de reafirmar a sua capacidade de engajamento e de contribuição para a sociedade.

Tal transformação da vida de Nenê ficou visível na valorização de seu “cantinho de costura”, que foi ampliado e se tornou um espaço importante da casa. O espaço que antes tinha apenas uma mesa pequena e estantes com algumas linhas e botões, agora tem elementos de costura mais profissionais como: máquina de costura moderna e profissional, manequim, quantidade maior de materiais, carretéis maiores de linha e instrumentos como esquadros e réguas para corte. Mesmo com um espaço de costura mais profissional, as estampas florais, as cores leves e a organização dos objetos remetem às características essenciais da personagem.



Figura 30. Ateliê onde Nenê faz as roupas que são vendidas em sua nova loja. O cenário é composto por numerosos objetos, porém todos muito bem organizados — como uma boa dona de casa os arrumaria. Fonte: <http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/identidade-visual-sao-pontos-fortes-do-seriado-a-grande-familia/2012/08/18-147028.html>

3.3.

Casa e coisas de Darlene em *Pé na Cova*

Pé na Cova é mais⁹ recente na TV Globo. Com redação final de Miguel Falabella, o programa foca a história de uma família que mora no Irajá, bairro do subúrbio do Rio de Janeiro, e que sobrevive administrando a Funerária Unidos do Irajá – FUI. Ruço é um homem de meia idade casado com Abigail, trinta anos mais nova que ele. Com os dois ainda moram Darlene, ex-mulher de Ruço e maquiadora dos defuntos, e seus dois filhos: a *stripper* Odete Roitman e o trapaceiro Alessandro.

A diretora geral do programa, Cininha de Paula¹⁰, classifica *Pé na Cova* como uma comédia realista. "Acho que esse é o grande diferencial. A morte circunda, porém não protagoniza o seriado. O personagem Ruço é espectador de seu próprio universo familiar, onde tenta ser um patriarca, mas não consegue, pois depende do dinheiro da filha", explica.

Nesta descrição, a personagem em foco é Darlene, vivida pela atriz Marília Pêra, de 72 anos de idade.



Figura 31. Darlene exibe seu figurino exuberante. Fonte: google.com.br

Darlene é uma “sessentona enxuta”, bastante vaidosa e que adora beber e fumar. É difícil identificar se ela está ou não sob o efeito do álcool. Os objetos mais presentes em cena são seu copo de plástico em estilo “bico de jaca” com gin, seu cigarro eletrônico e sua maleta de maquiagem cor de rosa.

⁹ Estreou na programação da TV Globo em janeiro de 2013.

¹⁰ Conferir entrevista em: <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/24/pe-na-cova-aposta-em-familia-excentrica-que-vive-da-morte.htm>



Figuras 32, 33 e 34. Representações dos três objetos mais marcantes de Darlene: copo de bico de jaca, cigarro eletrônico e maleta rosa de maquiagens. Fonte: google.com.br

O copo de plástico, assim como outros objetos ligados a Darlene, pertence ao estilo estético denominado *kitsch* — que se refere a objetos baratos que copiam, mas não conseguem atingir os objetos-referências de requinte e qualidade dos modelos originais (Marter, 2011). Darlene e o conjunto de objetos que a representa são *kitsch*, pois a personagem é uma mulher suburbana que, embora busque ter uma postura refinada e elegante, acaba sempre sendo “vulgar”. A personagem se apoia no cigarro eletrônico e no copo de plástico — que imita cristal — como forma de representar a “falsa elegância”. Deve-se acrescentar que Darlene segura tais objetos com uma postura de elegância desajeitada.

A maleta de maquiagem cor-de-rosa, seu principal instrumento de trabalho, em nada se caracteriza como “coisa de velho”, pois poderia perfeitamente ser um objeto usado por uma adolescente.

Vale lembrar que Darlene não é a dona da casa onde mora. A casa pertence a seu ex-marido, atualmente casado com outra mulher. Por esse motivo, o universo exclusivo da personagem limita-se ao seu quarto, onde ela pode expressar os seus maus hábitos.

Para retratar personalidade tão peculiar em espaço tão pequeno, a equipe de Design de Produção do programa escolheu uma combinação extravagante, exagerada e exótica, de objetos com muito brilho, tecidos indianos e elementos *vintage* em cores vibrantes e estampas variadas. Essa mistura nos ajuda a enxergar a personalidade livre, alegre e desregrada de Darlene. Ela é uma mulher que faz questão de não deixar que a idade lhe tire o brilho e a alegria de viver e de não se encaixar nos padrões da sociedade.



Figura 35. Imagem geral do quarto de Darlene. Fonte: gshow.globo.com



Figuras 36, 37, 38 e 39. Detalhes do quarto de Darlene. Fonte: acervo da produtora de arte Marcia Rossi.

Darlene tem uma forte relação com o gin e nele busca inspiração para o trabalho e para mediar os conflitos familiares. Ela também construiu uma

“sabedoria doméstica” com base no gin. A personagem orienta a empregada a utilizar a bebida para tirar o cheiro ruim das roupas e limpar os vidros, além de utilizá-la para desinfetar as mãos antes de pegar o filho bebê de Ruço com Abigail.

No quarto de Darlene há também muitos acessórios e produtos de beleza, que ela utiliza para seu próprio embelezamento e para seu trabalho de maquiagem de defuntos. Seu sonho é um dia maquiar pessoas vivas, como noivas e debutantes. Mas enquanto esse dia não chega, ela aproveita para exercer sua criatividade e desenvolver técnicas de maquiagem e procedimentos estéticos nos mortos da funerária de Ruço. O canto onde a personagem imagina que um dia atenderá pessoas vivas é a única área relativamente organizada desse cômodo.



Figura 40. Canto da beleza do quarto de Darlene. Fonte: acervo da produtora de arte Marcia Rossi.

As coisas de Darlene contribuem para a desconstrução do estereótipo da velhice. Ela bebe, fuma e veste roupas apertadas e com estampas extravagantes; é ativa e trabalha com o que gosta; quer evoluir e alimenta seus sonhos e anseios profissionais. Ela também convive de forma civilizada com a situação de morar na casa do ex-marido e a mulher bem mais nova que ela. Apesar de estar em quase todas as cenas com o copo de gin na mão, Darlene se mantém centrada e exerce o papel de pilar da família. Quando Ruço enfrenta dificuldades no relacionamento familiar e nos negócios, é Darlene que o aconselha. Quando seus filhos agem de forma politicamente incorreta, é ela

quem tenta colocá-los no eixo. Esse equilíbrio não é retratado pelos significados dos objetos propriamente ditos, mas pela forma como a personagem interage com eles — criando novos contextos e lhes atribuindo novos significados.

3.4.

Casas e coisas de Violeta em *Louco por Elas*

Louco por Elas é de autoria e direção geral de João Falcão, e foi exibido pela TV Globo em três temporadas entre os anos de 2012 e 2013. O programa mostra a complexa relação entre homens e mulheres ao longo da história de uma família formada por Leonardo Henrique (Eduardo Moscovis), que vive na casa de sua avó Violeta (Glória Menezes) no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro. Na casa também vivem a enteada de Leonardo, Barbara (Luisa Arraes) e sua filha Theodora (Laura Barreto). Ele tem uma relação amigável com sua ex-mulher Giovana (Deborah Secco), que não vive na mesma casa, porém está sempre presente no dia a dia da família.

Nesta descrição a personagem em foco é Violeta, interpretada pela atriz Glória Menezes, que hoje tem 80 anos de idade.



Figura 41. Figurino de Violeta. Fonte: google.com.br

Violeta é uma senhora com alma jovial e mente criativa, com uma visão de mundo lúdica e particular. Segundo a atriz Glória Menezes:

Você não sabe se Violeta é birutinha, se ela está esclerosada ou se ela faz aquilo de propósito. Eu coloco sempre uma coisa dúbia na Violeta. Ela tem uma certa loucura saudável, é irresponsável, é a mais criança das crianças da família.

Para ilustrar a ludicidade e liberdade da personagem, a figurinista Tatiana Rodrigues abusa das cores e dos acessórios divertidos e delicados no visual da personagem:

Ela é a nossa grande bonequinha. A gente gosta de colocar um colar, um flor, um lacinho, um brinco. Ela nos permite também combinar e descombinar.



Figuras 42, 43, 44 e 45. Mais demonstrações do figurino de Violeta. Fonte: google.com.br

O designer de produção Ricardo Cerqueira e a cenógrafa Paula Salles comentam que no *briefing* inicial a casa de Violeta deveria ser antiga e condizente com a vida de uma senhora viúva de militar, financeiramente independente e que vive da pensão do falecido marido. Violeta vive uma situação um tanto particular, pois, ao contrário do que é visto como “comum” na velhice, o neto e as bisnetas foram morar em sua casa, e não ela na casa deles. Violeta é a provedora da família e dá suporte ao neto Leonardo, personagem

que vive a incerteza financeira de um homem sem ambições e que trabalha como treinador de um time de futebol de praia feminino formado por adolescentes.

Violeta é caracterizada por elementos divertidos, lúdicos, coloridos, alegres e inusitados não somente em seu figurino, mas também em sua casa. Segundo Ricardo Cerqueira, o conjunto de objetos que mais a caracteriza é o seu jogo de chá. Esse era um elemento bastante marcante no cenário e ajudava a compor o ambiente lúdico da personagem.



Figuras 46 e 47. Peças do jogo de chá de Violeta. Fonte: <http://accessoriesboutique.com.br>

A casa de Violeta espelha a personalidade da personagem e também retrata a convivência intergeracional. Lá existe uma mistura de elementos antigos, que fazem parte do passado de Violeta, e também de elementos novos, trazidos principalmente por suas bisnetas. A casa da personagem é antiga, característica do bairro de Santa Tereza, com ornamentos rebuscados nos rodapés, nos rodadetos, nas sancas e nas colunas, mas com sinais de modernidade em peças coloridas, como o abajur florido, com base azul, e o banco verde, posicionado debaixo da escada.



Figura 48. Parte do cenário da sala de Violeta. Fonte: google.com.br

Um dos detalhes que reforçam o fato de que a casa é propriedade de Violeta é uma parede na sala de estar com várias fotos da personagem em várias fases de sua vida documentadas no seu espaço. A casa de Violeta tem muitos elementos e, apesar da mistura com os objetos de suas bisnetas e de seu neto, continua com a “cara” da personagem.



Figura 49. Fases da vida de Violeta expostas em fotos nas paredes do cenário. Fonte: google.com.br

Outra demonstração das atitudes lúdicas e “moderninhas” de Violeta é o boneco que ela criou, usando um balão, para ensinar a neta Theodora (Laura Barreto) a beijar. Ela o vestiu com colete e gravata e o chamava de Tibúrcio.



Figura 50. Violeta conversa com seu amigo imaginário Tibúrcio. Fonte: gshow.globo.com

O quarto de Violeta é um ambiente igualmente alegre, divertido, criativo e com misturas entre o antigo e o novo. Nas figuras a seguir podemos observar os adesivos de “bichinhos” coloridos e fotos coladas no espelho de sua penteadeira, paredes amarelas e flores coloridas.



Figuras 51 e 52. Outro ângulo do quarto de Violeta. Fonte: gshow.globo.com

A personagem representa uma opção de envelhecimento em que se pode ter uma idade avançada mas, mantendo sempre uma criança dentro de si e muita leveza e alegria de viver. A atriz Glória Menezes se identifica com a personagem e diz que o que as duas têm de mais parecido é a alegria de viver:

“A tristeza vem e eu faço miau pra ela. Violeta é meio irresponsável e as meninas adoram conviver com essa avó meio louquinha”.

3.5.

Casas e coisas de Picucha em *Doce de Mãe*

Doce de Mãe, criada por Ana Luiza Azevedo e Jorge Furtado, foi uma série de TV produzida pela TV Globo em parceria com a Casa de Cinema de Porto Alegre, exibida em 14 episódios entre janeiro e maio de 2014. O programa foi inspirado em um telefilme homônimo exibido em dezembro de 2012 e que rendeu à atriz Fernanda Montenegro o Emmy Internacional de melhor atriz pela interpretação da personagem Picucha, a mesma protagonista da série.



Figura 53. Picucha posa ao lado de um aparador com fotos de seus filhos. Fonte: globo.com

A série conta as aventuras de Dona Picucha (Fernanda Montenegro), personagem que será nosso foco, uma animada senhora de 85 anos que sempre causa grandes confusões. Ela é mãe de quatro filhos: Silvio (Marco Ricca), Elaine (Louise Cardoso), Fernando (Matheus Nachtergaele) e Suzana (Mariana Lima). Os filhos estão sempre preocupados em tomar conta da vida da mãe, pois acreditam que ela é muito velha para morar sozinha e já apresenta

problemas de memória. Picucha, porém, se mostra bastante vivaz, lúcida e livre, e quer viver a vida do jeito dela. E, afinal das contas, é ela quem acaba sempre interferindo na vida dos filhos, dado que eles são emocionalmente dependentes dela.

Picucha mora sozinha e sua casa reflete um ambiente com objetos que foram sendo acumulados com o passar do tempo como retratos de família, lembrancinhas de viagens e presentes; e alguns que chegaram mais recentemente como uma TV mais moderna, um *CD player*, entre outros.



Figura 54. TV de Picucha. Fonte: acervo da cenógrafa Cecília Cristo.



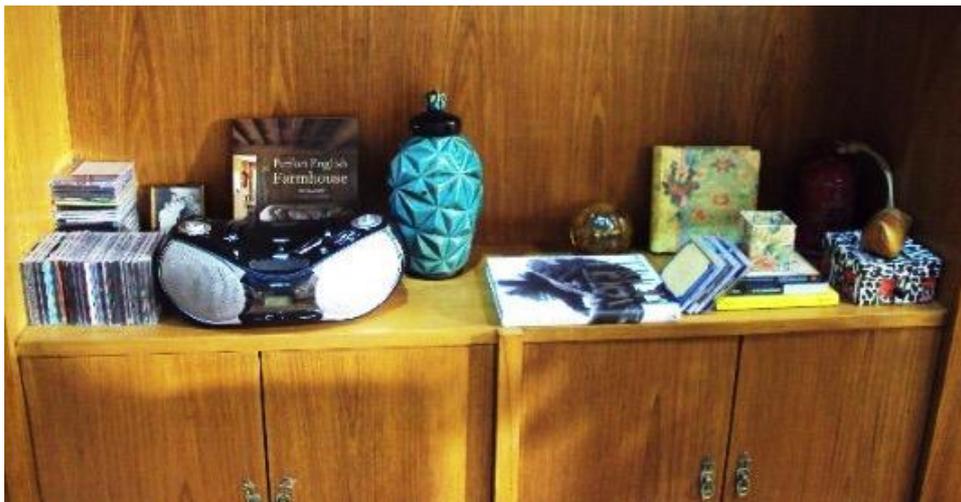
Figuras 55. Parte da estante na sala de Picucha com fotos de família e pequenos presentes e lembranças de viagens. Fonte: pessoal.

Ela é uma pessoa esclarecida, apreciadora de artes, “antenada” e bem informada. Para representar materialmente essas características da personagem, Cenografia e Design de Produção trabalharam juntos na construção de uma casa com muitos livros, revistas, coleções de enciclopédias, obras de arte, tapeçarias, além de bons móveis comprados na juventude da personagem e que ainda permanecem em bom estado de conservação.



Figuras 56 e 57. Livros e tapeçaria de Picucha. Fonte: pessoal.

Picucha adora música e é fã de sambistas brasileiros de sua geração e toca piano. Entre suas coisas podemos ver algumas coleções de discos e Cds, vitrola, piano, entre outros. Além disso, a personagem costuma ouvir música também em seu *discman* enquanto anda pela rua ou faz compras.



Figuras 58, 59, 60 e 61. Objetos de Picucha que mostram sua forte relação com a música. Fonte: pessoal e google.com.br

A cenógrafa Cecília Cristo diz que a composição da casa de Picucha também foi pensada para representar um estilo de vida de uma cidade mais fria, como é o caso de Porto Alegre, onde se passa a trama. Assim, tudo o que há dentro da casa remete ao ambiente exterior, de uma cidade de clima frio do sul do Brasil, por meio da utilização da madeira, da lareira com tijolos aparentes e de aquecedores nos cômodos.



Figura 62. Visão geral da sala de Picucha. Fonte: acervo da cenógrafa Cecília Cristo.

O figurino de Picucha mostra uma senhora despojada mais preocupada com seu conforto do que com sua elegância. Ela mistura um visual *vovozinha*, com casaquinhos de tricô e meias por debaixo da saia comprida, com elementos mais modernos que lhe trazem conforto — como um relógio grande para enxergar melhor as horas, tênis e bolsa pequena transpassada.



Figura 63 e 64. Figurinos de Picucha. Fonte: google.com.br e gshow.globo.com

A atriz Fernanda Montenegro explica que Picucha é doceira e ativa:

[...] então a cozinha é o centro emocional dela. E a Picucha sempre que está fazendo algo ou dizendo algo que deverá mudar a vida de alguém ou que irá ajudar alguém, geralmente, e isso é muito bem observado na direção, ela está fabricando alguma coisa de doce, de comida.

A atriz enfatiza como os doces intermediam a relação de Picucha com seus filhos:

Ela faz doce e comida de mãe. Ela só está feliz servindo bolo, doce, comida para a sua família, os filhos, os netos. Enquanto ela está na cozinha, o emocional dela vai para o lugar.



Figuras 65 e 66. Picucha prepara e serve alguns de seus doces. Fonte: gshow.globo.com

3.6.

Considerações parciais

Comparando “as coisas” que representam Nenê, Darlene, Violeta e Picucha, podemos observar que mesmo tratando-se de quatro personagens que remetem a perfis de mulheres brasileiras (três cariocas e uma gaúcha), estamos diante de quatro universos distintos, mas estamos também diante de situações humanas semelhantes: Nenê, Darlene, Violeta e Picucha amam seus filhos e atuam como pilares de suas famílias, porém seus hábitos, estilos, modos de ser e viver são muito diferentes entre si.

O Design de Produção pode ajudar a construir personagens tão variadas e múltiplas como a população real formada pelos maiores de 60 anos e passar a representar uma dada identidade e escolha de vida de pessoas reais.

Assim sendo, o universo de uma personagem “moderna e livre” será construído a partir de objetos igualmente modernos e livres; com essa representação, os programas mencionados colaboram para a mudança de visão da sociedade sobre a velhice e influenciam o consumo de produtos similares por aqueles que se identificam com a personagem e se sentem representados por ela.

Uma personagem “sábia e serena” será construída com a ajuda de objetos que em sua aparência transmitam essas características, influenciando o consumo de produtos similares por aqueles que se identificam com a personagem e por ela se sentem representados.

A televisão em geral e o design de produção em particular são espaços de construção de identidades e importantes agentes para a mudança no modo de se ver a velhice.

4.

Casas e coisas dos idosos da vida real

Este capítulo traz o resultado da pesquisa de campo *Estudo para identificação de demandas e geração de ideias para o design de novos produtos e serviços “para” e “com” idosos moradores da Gávea*, aprovada pelo Comitê de Ética da PUC-Rio. Ela foi realizada por mim em parceria com minha colega de Labmemo Marília Ceccon, durante o período de julho a outubro de 2014, e teve o intuito de observar *casas e coisas* de idosos e buscar perceber suas singularidades.

O estudo tem como base o caminho inverso percorrido pela atividade do Design de Produção, descrito no capítulo anterior, e busca “montar os perfis” dos idosos reais a partir de suas casas e coisas.

Este capítulo foi organizado a partir das seguintes sessões: (1) apresentação do estudo; (2) etapas do estudo; (3) casas e coisas dos idosos visitados; e (4) considerações parciais.

4.1.

Apresentação do estudo

Este estudo foi realizado em casas de moradores do bairro da Gávea, na cidade do Rio de Janeiro, de ambos os sexos, com mais de 70 anos de idade e ativos¹¹. O grupo de nove participantes foi localizado e composto a partir de contatos nos seguintes espaços: Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée¹²; Associação de Moradores e Amigos da Gávea (AMA Gávea) e Pastoral da PUC-Rio.

Neste estudo qualitativo, inspirado nos métodos etnográficos, foram realizadas duas visitas à casa de cada participante com base na técnica da observação participante e entrevista semiestruturada. As técnicas utilizadas e o fato de realizarmos a pesquisa nas casas dos participantes permitiram que eles se

¹¹ No âmbito deste trabalho, o termo “ativo” diz respeito à “participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho.” (Organização Mundial da Saúde, 2005.)

¹² Casa integrante do Programa de Convivência e Lazer para Idosos, coordenado pela Obra Social da Cidade em parceria com a Prefeitura do Rio.

sentissem confortáveis na conversa, sendo muitas vezes desnecessária a verbalização das perguntas.

Foram desenvolvidos para este estudo os seguintes suportes: (1) registros fotográficos dos espaços e objetos mais significativos das casas dos idosos; (2) “diário bipolar”: caderno com registros escritos pelos participantes sobre as situações e sentimentos positivos e negativos vividos ao longo de uma semana, em canetas de tinta azul e vermelha, respectivamente; (3) “mapa relacional” da Gávea no qual os entrevistados deveriam marcar os trajetos mais utilizados, lugares mais frequentados, pessoas conhecidas e presentes no cotidiano, além de perigos e dificuldades enfrentadas no bairro; e (4) registro em áudio captado por gravadores durante as visitas.

4.2.

Etapas do estudo

O estudo foi realizado em três etapas:

Etapa 1: Seleção dos participantes e consentimento para participação no estudo

As principais ações desta etapa foram: (1) localizar os idosos participantes; (2) realizar a apresentação do estudo para eles, ressaltando as atividades das quais os idosos deveriam participar; (3) obter assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido para a participação no estudo.

Etapa 2: Observação da rotina dos participantes

Esta etapa foi realizada a partir de duas visitas à casa dos participantes, com a presença de dois a três pesquisadores e duração aproximada de duas horas, em horários pré-agendados e intervalos de sete dias entre uma e outra.

A primeira visita começava com nosso agradecimento. Na chegada, entregávamos um vaso de flores de presente para o(a) participante como demonstração de carinho, simpatia e gratidão. Essa foi uma atitude simples, mas que teve um efeito muito positivo em nossa recepção, pois a simpatia era devolvida com um sorriso, um abraço e a expressão de felicidade em nos receber. A partir daí a visita era seguida de observação e uma conversa com tom informal guiada pelo questionário semiestruturado apresentado a seguir, com foco na relação do participante com sua casa e suas coisas:

- Você saberia contar a origem de cada objeto da sua casa?
- Qual objeto mais lhe representa? Se você tivesse que escolher um objeto para lhe representar, qual seria?
- Qual objeto lhe faz pensar/lembrar de alguém?
- Qual é o lugar da sua casa que você mais gosta de ficar? Poderia nos mostrar?
- O que você costuma/gosta de fazer quando está em casa? (Buscar identificar também atividades que o idoso gostaria de fazer em casa, mas não faz e por que motivos.)
- Que atividades você costuma fazer quando está sozinho/a em casa?
- Quais objetos você utiliza somente quando recebe pessoas na sua casa?
- Quais objetos você utiliza somente em ocasiões especiais?

Ao longo da conversa, o participante era solicitado a mostrar os objetos mais significativos e os lugares de que mais gostava em sua casa. Esses objetos e lugares apontados foram fotografados por nós com permissão dos entrevistados. Ao final da visita, o participante recebia o “diário bipolar” e era solicitado a registrar ali seus momentos e sentimentos positivos e negativos, com canetas azul e vermelha, respectivamente, até nossa segunda visita.

A segunda visita acontecia aproximadamente uma semana após a primeira, e nela era realizada uma entrevista com base no seguinte questionário semiestruturado, com foco na relação do participante com o bairro:

- Há quanto tempo você mora na Gávea?
- O que você gosta na Gávea?
- O que não gosta na Gávea?
- Quais lugares da Gávea você frequenta? Por quais ruas circula? (identificar também lugares que gostaria de ir e não vai e por qual motivo.)
- O que você gosta de fazer fora de casa?
- O que você tem que fazer fora de casa?
- Com quais pessoas se relaciona no seu dia a dia?
- Quais pessoas conhece do bairro?
- Costuma conversar com estranhos na rua? Em que situação?
- Conheceu alguém recentemente? Em que situação?
- Que atividades faz sozinho(a) e gostaria de compartilhar ou ter ajuda de alguém?
- O que passou a fazer depois dos 60 anos, que não fazia antes?

- O que deixou de fazer no passado por falta de tempo, dinheiro, companhia, coragem?
- O que mudou para melhor depois dos 60 anos?

A conversa na segunda visita tinha como base, também, o “mapa relacional” e as informações registradas no “diário bipolar”.

Etapa 3: Análise dos dados coletados – A análise dos dados coletados foi feita a partir de: (1) transcrição completa das conversas; (2) transcrição seletiva, considerando as falas e trechos com palavras-chave como: *sou, gosto, costume, faço, vou, compro*.

4.3.

Visitas a moradores da Gávea

Esta seção descreve as visitas e procura refazer os percursos dentro das casas dos idosos visitados da seguinte forma: a chegada; primeiras impressões; um pouco sobre o entrevistado; passo a passo; e perfil.

As descrições a seguir foram baseadas principalmente na primeira visita, que como já explicado, teve como foco a relação do participante com sua casa e suas coisas.

4.3.1. Casa e coisas de D

A chegada

D nos recebeu com um sorriso no rosto. Ela estava vestida com a roupa que mais gosta, segundo nos revelou: “uma roupa de sair”. Logo nos disse: “Sintam-se à vontade. Vocês querem alguma coisa?” Agradecemos e a presentearmos com um vaso de flores. Animada, ela agradeceu e colocou o vaso no centro de sua mesa de jantar. D nos recebia enquanto seu filho, R, se arrumava para sair para o trabalho. Sentamo-nos à sua mesa de jantar e começamos uma longa e agradável conversa com nossa entrevistada.

D se justificou dizendo que havia preparado umas “coisinhas” para nós, mas se atrasou um pouco porque teve de atender a neta que precisava de ajuda com o bisneto. Ela nos explicou que sua empregada, M, tinha ido atender sua neta e depois iria nos trazer as coisinhas preparadas para um lanche.

Logo no início da visita, tivemos uma breve — mas esclarecedora — conversa com R, filho de D. Um dos pontos sobre os quais ele falou foi a razão deles viverem juntos, já que D nos parecia ser uma pessoa autônoma e independente em todos os sentidos. Descobrimos que eles moram juntos por uma necessidade do filho, que passou por um momento doloroso quando perdeu a namorada. R precisou de um apoio emocional e a mãe o recebeu de braços abertos. Ele enfatizou que a mãe não precisava de auxílio, apesar da idade já avançada, e que foi morar com ela por necessidade e dependência dele. D contou que desde que o filho foi morar em sua casa, ela faz o que pode para agradá-lo: cuida para que sempre haja em casa as comidas de que ele gosta e para que suas roupas estejam bem lavadas e passadas. E acrescentou que faria o mesmo para qualquer outra pessoa que morasse em sua casa: “Já sou aposentada, não faço mais absolutamente nada. Eu gosto. Isso é inerente à dona de casa.”

Primeiras impressões

Ao entrar na casa de D, as primeiras coisas que vi foram duas pinturas abstratas grandes expostas na maior parede da sala. Aquelas não eram coisas de D: eram quadros de seu filho e pintados por ele.

A casa de D está dividida entre suas coisas e as coisas do filho, e isso resultou em uma mistura de objetos – alguns móveis mais modernos e pinturas abstratas dividem o espaço com os objetos antigos de família, as pinturas de paisagens e cenas antigas pintadas em porcelana. Foi possível distinguir claramente quais eram as coisas dela e quais eram as coisas dele.



Figura 67. Visão geral da sala de D. Fonte: pessoal.

As coisas de D não estavam como ela gostaria: para ela, aquela não era exatamente a sua casa, e ela nutria esperanças de voltar para o antigo apartamento, onde hoje mora a neta. Porém, D confessou que não tinha coragem de pedir à neta para sair de lá.

Lá é onde eu fiz tudo pra mim. Tinha uma vitrine cheia das minhas lembranças de viagem, tinha paninhos coloridos, tudo combinadinho. Mas aí muita coisa eu fui dispensando até por causa do R também, ele precisava de espaço para as coisas dele. Vocês viram que ele passou um perrengue. Então eu fui deixando e dando espaço para ele.

Um pouco sobre D

D tem 84 anos, é divorciada, aposentada do Ministério da Aeronáutica, onde trabalhou por 30 anos. Ela tem dois filhos: o filho com quem vive há cinco anos, e uma filha que mora na Alemanha. D já morou em vários bairros do Rio de Janeiro: Recreio dos Bandeirantes, Copacabana e três apartamentos na Gávea.

D vive atualmente uma situação de moradia um tanto desconfortável, pois, embora tenha um apartamento próprio, há muitos anos vive com o filho em um apartamento alugado. Ela contou que no tempo que morava em seu apartamento, a neta, após uma briga com a mãe, foi passar um tempo morando em sua casa; mas o que era para ser provisório acabou se tornando definitivo, e lá ela ficou. Depois que a neta se casou, D optou então por deixar o apartamento para ela viver com o marido, dado que eles não tinham uma boa condição financeira e precisavam de um apoio nesse início de vida. O casal permanece até hoje no apartamento de D, sem previsão para sair de lá. E isso a incomoda, pois a mudança para outro apartamento significou uma redução de seu espaço para fazer e cultivar as coisas de que gosta e que fizeram parte de seu cotidiano.

Um ponto importante na vida de D é o problema em uma de suas pernas em decorrência de um acidente: as dores que ela sente a limitam um pouco para sair de casa. D caminha com certa dificuldade e sente-se insegura para sair a pé por medo de sofrer uma queda na rua, de modo que evita sair sem necessidade. Nem por isso ela deixa de ser uma idosa ativa. Ela continua se ocupando e fazendo o que gosta mesmo dentro de casa, além de encontrar com as amigas todos os sábados na piscina do condomínio para jogar cartas, nadar ou almoçar na cantina. “Eu gosto de água, então mesmo que minhas colegas não estejam lá, eu vou, faço palavras cruzadas, depois como alguma coisa aqui e fico em casa”.

Passo a passo

A partir da pergunta “A senhora saberia contar a origem de cada objeto da sua casa?” foram sendo revelados na sala de D alguns de seus objetos de valor emocional. O primeiro foi um relógio em forma de cachorro: “Ele não

funciona, mas era da minha mãe. Quando ela morreu ficou para mim”. D nos mostrou também dois cachepôs que foram usados no casamento de sua avó, além de um quadro com um retrato seu de quando tinha 15 anos, pintado por uma prima.



Figuras 68, 69 e 70. Relógio em forma de cachorro que ganhou da mãe, cachepô do casamento da avó e retrato pintado pela prima de D. Fonte: pessoal.

Algo marcante na casa foi a presença de uma de suas habilidades: a pintura. Há quadros seus por quase todos os cômodos, e ela os exibiu com orgulho. “Eles são importantes porque fui eu que fiz. Esses dois aqui de porcelana, por exemplo, são coisas que você não vê mais hoje em dia.”



Figuras 71, 72, 73 e 74. Quadros e porcelanas pintados por D. Fonte: pessoal.

Ela contou que pintou por muito tempo, porém parou desde que cedeu seu apartamento para a neta. D disse que precisava de um espaço apropriado para pintar, para manusear solventes e tintas, e de luz adequada. Agora, morando com o filho, não havia lhe sobrado espaço. Ela revelou que, se tivesse o lugar, certamente continuaria exercitando seu talento.

Como em uma galeria de arte, fomos passeando pela casa de D enquanto ela nos mostrava todos os seus quadros expostos nas paredes. Ela nos contou que há muitos outros que não estavam nas paredes por falta de espaço, e disse com pesar que estes estavam embalados e guardados no quarto de empregada.

Quando elogiamos suas pinturas, verdadeiramente maravilhadas com seu talento, D nos disse: “Se vocês quiserem ver, eu tenho algumas outras habilidades”. Ela estava feliz em mostrar seus trabalhos e contar suas histórias e percebi que as pinturas faziam parte de etapas de sua vida das quais ela gosta de lembrar. Havia quadros pintados por D em todos os cômodos da casa, incluindo a cozinha.

Da sala fomos para o escritório. Nesse cômodo havia uma mesa com um computador (que estava ligado e com um jogo de paciência aberto na tela) e um arquivo com pastas coloridas, além de papéis e outras pastas dispostas de forma organizada. Acima havia uma estante com álbuns de fotografias, livros e CDs do filho, materiais de escritório (furador de papel, e variados lápis e canetas) e também pranchetas com lembretes sobre remédios e consultas médicas. Esse é o cômodo da casa onde D mais gosta de ficar. “Aqui é ótimo porque posso esticar minha perna que dói. Eu fico mais confortável, além da iluminação que é bem melhor.”



Figura 75. Visão geral do escritório de D. Fonte: pessoal.



Figura 76. Computador ligado com jogo de paciência na tela. Fonte: pessoal.

Perguntamos se ela costumava usar o computador. D nos disse que usava seu *e-mail*, fazia pesquisas no *Google*, mas tinha muita vontade de aprender mais recursos. Comentou que gostaria de aprender a usar o *Skype* para ter mais contato com sua filha e seus netos que moram na Alemanha e, com certa tristeza, lamentou a distância e a falta de convivência com eles. “Vontade de aprender eu tenho sempre! Eu tenho essa curiosidade até hoje. Eu não perdi o interesse por causa da idade. Acho até que por causa da idade você vai tendo mais calma e mais paciência para aprender.”

Em cima do sofá em frente à mesa do computador havia uma sacola plástica com lãs, agulhas de tricô e uma peça de tricô inacabada.



Figuras 77. Tricô em andamento, deixado no sofá. Fonte: pessoal.

Perguntamos sobre o tricô e D se empolgou: “Minha outra habilidade são os casaquinhos que eu faço. Eu me ocupo o dia todo, sabe? Eu não fico vendo televisão porque eu não gosto. Venham ver!”

Dalí fomos para o seu quarto. D pegou em seu guarda-roupa duas caixas grandes e encapadas com papel de presente estampado cheias de sapatinhos e casaquinhos de bebê feitos em diversos tipos de ponto e cores, para meninos e meninas.



Figuras 78 e 79. Casaquinhos e sapatinhos de bebê feitos por D em tricô. Fonte: pessoal.

D revelou que as peças de tricô eram apenas para doação e explicou a razão:

Quando meu irmão nasceu, ele teve um problema. Era uma criança doente. Na época nós morávamos no Sul, me lembro que ele quase morreu. Então minha mãe, que dava aulas de crochê, prometeu para Nossa Senhora Aparecida que, se ele ficasse bom, ela passaria a doar casaquinhos toda vez que soubesse que alguém estava esperando bebê, porque lá onde morávamos era muito frio. Esses casaquinhos seriam azuis e brancos, da cor do manto de Nossa Senhora Aparecida. Um dia então minha mãe me disse: “Quando eu morrer eu queria que você continuasse com essa promessa que eu fiz.” Por causa disso passei a fazer os casaquinhos e sapatinhos e sempre quando eu sei que tem alguém esperando neném, quero logo saber se é menino ou menina para dar um casaquinho.

Embora eu e minha companheira de pesquisa não estejamos grávidas, D fez questão que levássemos cada uma um casaquinho para dar de presente às nossas amigas grávidas. De forma doce e generosa ela disse: “Eu ficaria muito orgulhosa se vocês escolhessem um. Muito orgulhosa mesmo!”

No quarto de D, pudemos confirmar mais um aspecto importante de sua identidade: ela é católica e também uma pessoa de muita fé. Na cabeceira de sua cama, há uma prateleira cheia de santinhos e objetos religiosos. D começou a apontar várias peças importantes para ela — algumas que havia herdado de sua mãe, outras que ela mesma havia comprado em viagens para Aparecida do Norte e para o Santuário de Trindade. “Eu sempre gostei de ter os santinhos por perto”, disse.



Figura 80. Visão geral do quarto de D. Fonte: pessoal

Embora não costume ir à missa, devido ao seu problema na perna, ela não deixa de assistir todos os domingos à missa do Pai Eterno pela televisão, e nos contou, ainda, que é devota de Nossa Senhora de Fátima.

Na mesma prateleira onde estão seus santinhos e objetos religiosos, há também fotos de seus netos e do bisneto. Ela acredita que manter as fotos dos netos e do bisneto perto dos santos é uma forma de protegê-los.



Figura 81. Estante com imagens de santos no quarto de D. Fonte: pessoal.

Já de volta à sala, D nos revelou mais uma habilidade sua: a de tocar acordeão. O instrumento estava guardado na sala, com um paninho cuidadosamente colocado sobre ele para protegê-lo da poeira. Ela contou que ganhou o instrumento de seu pai quando moça, mas parou de tocar logo que se casou. Após 40 anos, ela resolveu voltar a tocar e começou a fazer aulas em Copacabana, para onde vai de táxi toda semana. Ela comentou seu desempenho nas aulas: “É impressionante, as coisas que você aprende quando é nova, você não esquece!” D fez questão de tocar para nós e finalizamos a nossa visita ao som de “Rancho Fundo”.



Figuras 82 e 83. Acordeom guardado na sala e D tocando. Fonte: pessoal.

Pefil de D

D, 84 anos, “a mãe, avó e bisavó dedicada”. Funcionária pública aposentada, D tem uma boa condição financeira e ajuda todos à sua volta, e a tal ponto que foi capaz de abrir mão do próprio apartamento para a neta N morar com o marido e seu bisneto. D se casou e se divorciou duas vezes e hoje vive com o filho R em um apartamento alugado bem perto de N, para poder ajudá-la sempre que for preciso. N tem um filho de um ano e meio de idade e às vezes, quando tem algum compromisso, precisa da ajuda de D para cuidar dele. D gosta muito de arte e costumava pintar quadros e porcelanas; mas, desde que saiu de seu apartamento, vive a frustração de não ter um espaço adequado para exercitar seu talento. Quando nova, D gostava de tocar acordeão e redescobriu recentemente a sua habilidade musical, depois de 40 anos longe do instrumento por falta de tempo, pois tinha que cuidar do marido e dos filhos. D é uma mulher católica e de muita fé. Em razão de um problema na perna, ela não costuma sair de casa e por isso não vai à igreja, mas não deixa de exercer sua fé. Ela é devota de Nossa Senhora de Fátima e todos os domingos assiste à missa pela TV. D é muito ativa e está o tempo todo arrumando algo para fazer: cuida das roupas e comidas do filho, ajuda sua neta a cuidar de seu bisneto, faz casaquinhos e sapatinhos de tricô para doar, toca acordeão, reza, vai à piscina e joga baralho com as colegas do condomínio, e, quando pode, participa de atividades com elas em uma casa de convivência perto de onde mora.

4.3.2.

Casa e coisas de ML

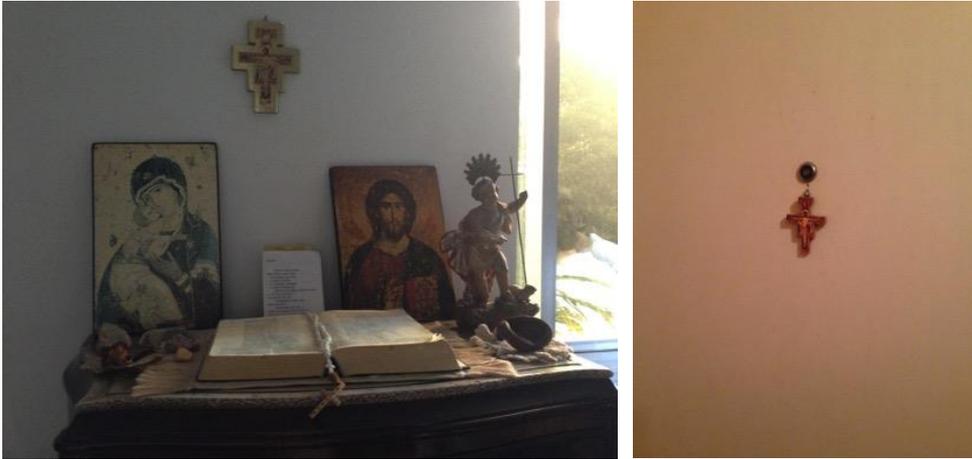
A chegada

ML nos atendeu com alegria. Ela usava uma roupa confortável: calça um pouco larga, blusa polo, casaquinho branco de tricô fino e tênis. Logo percebemos que, embora aquele pudesse ser um dia comum, estava longe de ser calmo. ML, apressadamente, nos conduziu para a cozinha enquanto arrumava a mesa da sala para o almoço. Durante o vai e vem de travessas, ela nos apresentou sua filha, sua neta, seu neto e o cachorro: todos moravam com ela. A filha estava na cozinha ajudando com os preparativos do almoço, enquanto os netos assistiam televisão, junto com o cachorro, deitados nos sofás da sala. ML nos explicou que tinha tido alguns imprevistos pela manhã e que isso acabou atrasando o almoço. Achamos melhor então ir embora e voltar mais tarde para que ela pudesse almoçar com tranquilidade e sem pressa. Combinamos um novo horário para voltar e ela aceitou prontamente nossa proposta, visivelmente aliviada.

Retornamos após duas horas e trinta minutos e ML nos recebeu pela porta dos fundos com uma barra de chocolate na mão. Ao mesmo tempo que se deliciava, nos dava as boas vindas e de forma simpática nos oferecia um pedaço do chocolate.

Primeiras impressões

A primeira coisa que vi na casa de ML foi um crucifixo pendurado em sua porta logo abaixo do olho mágico. A princípio isso me fez deduzir que ela era uma mulher religiosa. Ao entrar na casa de ML pela primeira vez, pela sala, reparei um móvel com vários objetos religiosos, tais como crucifixos, imagens de santos e terços. Perguntamos se ML era religiosa e ela nos respondeu que os objetos eram de sua filha. Ela disse que não considerava nenhum dos seus objetos religiosos como objetos de fé, mas sim como objetos de família. Contou que foi criada na religião católica, mas há algum tempo já não era praticante. *“Eu até tenho um tercinho que minha filha M me deu. Em uma determinada época eu estava muito aflita, então eu segurava ele. Eu nem rezava, só ficava segurando.”*



Figuras 84 e 85. Objetos religiosos na sala de ML. Fonte: pessoal.

Na casa de ML havia, portanto, coisas suas, de sua filha e também de seus netos, mas essa divisão não ficou clara à primeira vista.

Um pouco sobre ML

ML tem 81 anos, é artista plástica e professora aposentada da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Ela é viúva e mãe de três filhas: uma mora com ela, uma mora na França e a outra, que já morou em vários lugares no interior do Brasil, atualmente está em Minas Gerais. ML conversa com as filhas por Skype sempre que pode e fala com orgulho dos quatro netos (duas moças e dois rapazes), filhos da filha com quem mora e da filha que mora em MG: cada uma tem um casal de filhos. Todos os netos estão encaminhados e cursando graduação, sendo que uma das netas tinha acabado de passar no vestibular.

MC nos contou que já morou em diversos lugares. Nasceu em Fortaleza e, quando se casou, veio para o Rio de Janeiro e morou em Copacabana, na Barra da Tijuca e em 1983 na Gávea, no mesmo apartamento onde mora hoje. Em 1985 mudou-se para São Paulo, sem a família, onde ficou por nove anos enquanto cursava mestrado e doutorado (no campo da Arte-Educação) na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. ML falou com muita alegria e orgulho dos trabalhos que fez nessa época, como, por exemplo, a implantação do Centro Educativo na Bienal de Arte de São Paulo. “Foi um barato! Um trabalho maravilhoso dentro da Bienal! Trabalhávamos com os professores. Um trabalho lindo!”

No ano de 1995 ela voltou para o Rio de Janeiro e montou uma escola de arte chamada Armação Oficina de Arte, mas não deu certo e a escola acabou fechando. ML falou com entusiasmo, também, sobre seu trabalho na Escolinha

de Arte do Brasil. Ela contou que trabalhava em seu ateliê, mas sentia falta de fazer arte junto com outras pessoas e tinha vontade de trabalhar com crianças. “Eu sentia falta dessa coisa de fazer junto”, disse, indicando que a escola era um espaço de troca e de fazer junto, enquanto o ateliê era um espaço solitário.

ML sempre se realizou no trabalho e falou com tristeza e decepção sobre sua aposentadoria.

Hoje em dia eu estou aposentada, porque me aposentaram! Com 70 anos me dispensaram e disseram: vai-te! [...] Eu gosto de trabalhar! Gostava, na verdade... porque agora eu não trabalho mais. [...] Fiquei muito sem encanto, desanimada, deprimida. Na UERJ tinha toda uma preparação para a aposentadoria, e eu dizia que somente nos preparariam nos dando uma perspectiva de que teríamos alguma atividade. Sem essa perspectiva foi muito difícil, mas confesso que não sabia que seria tão difícil como foi.

Passo a passo

Como todos os moradores da casa estavam presentes no momento da visita e a televisão da sala estava ligada, ML nos convidou para conversarmos em seu quarto, num ambiente mais silencioso. Levamos cadeiras da sala para lá e começamos a conversa sobre as coisas que ela tinha em seu quarto. Esse é o lugar da casa de que mais gosta, pois é onde pode continuar produzindo.



Figura 86. Visão geral do quarto de ML. Fonte: pessoal.

ML contou que passa horas escrevendo, lendo e desenhando em seu quarto. Ela nos mostrou seu computador em sua escrivaninha cheia de objetos e sinais de “bagunça do dia-a-dia”, o que nos indicou que realmente é bastante utilizada. “Escrevo tudo nesse computador aí.”



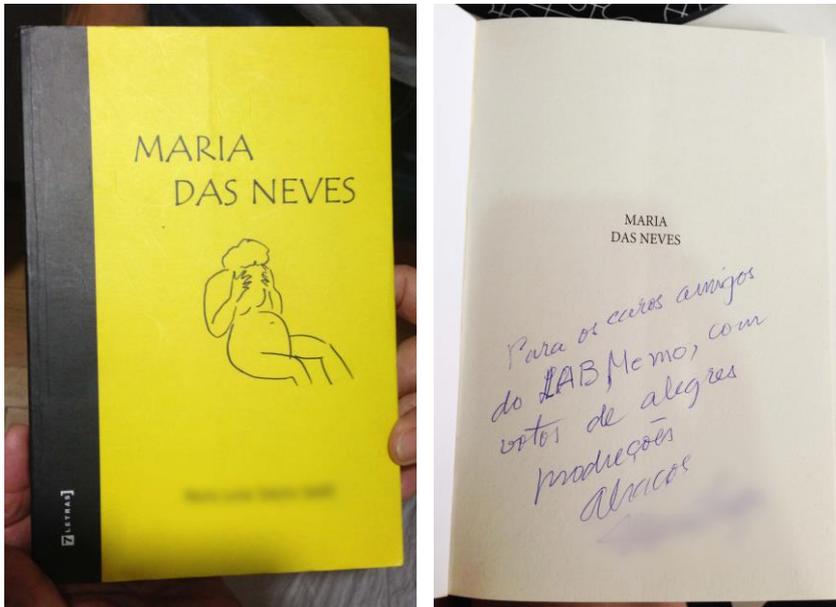
Figura 87. Detalhe da escrivaninha de ML, onde ela passa grande parte do tempo trabalhando. Fonte: pessoal.

ML explicou que seu quarto não é um quarto convencional, pois, como lhe sobrou pouco espaço no apartamento, é ali que concentra e mistura coisas pessoais e coisas de trabalho. Ela diz que sente falta de ter um espaço separado e apropriado para trabalhar.

Comentamos sobre algumas revistas que vimos pelo quarto e pela sala e ela disse que adora ler, se atualizar e refletir sobre os paradoxos da vida. Além de revistas, recorre à internet para se manter informada:

Adoro o Google para tudo que não sei. E é muita coisa! Por lá descobro a atriz de tal filme, a poesia do Eliot que eu queria, etc. A biblioteca Enciclopédia Viva também é muito boa! Eu não entro todo dia, porque aqui em casa tenho que compartilhar o laptop. Ainda bem, porque quando entro, perco a noção da hora. É muita coisa: e-mail, banco, Facebook...

ML nos mostrou um livro que publicou, chamado *Maria das Neves*, que conta a história de uma mulher simples que vai morar na cidade grande e se torna doméstica. Ela nos deu um exemplar de presente, autografado e com dedicatória, e nos disse modestamente: “Não chego a ser escritora, sou ‘escrivhadora’.”



Figuras 88 e 89. Livro escrito por ML e sua dedicatória para o Labmemo. Fonte: pessoal.

Seu quarto é o lugar onde exercita a mente e se mantém produtiva e, também, onde guarda seus livros e “cacarecos”. ML tem uma relação intensa com o que chamou de “cacarecos”. Alguns ela trouxe de viagens, outros lhe foram presenteados por alunos ou familiares. São miudezas que vão desde obras de arte até rolhas de garrafa de Champagne. Alguns “cacarecos” representam sua forma lúdica de interagir com crianças e eram usados para inventar brincadeiras novas e criativas.

Quando meus sobrinhos eram pequenos, costumava sempre guardar ‘cacarecos’ para eles brincarem. Certo dia, um deles disse: ‘Mamãe, a tia ML entende de cacarecos!’ Eu sou a pessoa da família que entende de cacarecos! Toda a vida eu fui assim, ainda mais quando comecei a separar coisinhas para os meus sobrinhos e também para as crianças para quem eu dava aula.

Os “cacarecos” de ML representam também sua criatividade, uma característica forte desde a infância, como ilustra a passagem a seguir:

Meus irmãos até hoje se lembram de como eu brincava e inventava histórias com meus “cacarecos”. Eu me lembro que tinha uns prendedores de luvas e eu usava de outro jeito. Eu fazia de conta que eram bichinhos e brincava inventando historinhas com eles.

Em um dado momento, ela passou a falar sobre os objetos expostos na estante de sua escrivaninha, destacando fotos de seus pais, dela com as filhas e do casamento da filha com o marido escocês.



Figura 90. Estante de ML. Fonte: pessoal.



Figuras 91 e 92. Fotos de ML junto com suas filhas ainda pequenas e do casamento de uma de suas filhas. Fonte: pessoal.

ML mostrou também uma imagem antiga de um santo que foi da família de seu pai e se chama “São José de Botas”. Para ela, a imagem era uma representação de seu pai, mais do que do próprio “São José de Botas”. “Quando ele faleceu, mamãe me deu. É um objeto precioso de família.”



Figura 93. Imagem de São José de Botas. Fonte: pessoal.

Quando perguntamos sobre seus objetos mais significativos, ela nos levou até a sala e mostrou algumas pedras expostas no parapeito da janela, revelando sua relação com pessoas e lugares igualmente significativos:

Essas pedras são algumas das minhas coisas mais importantes. Algumas são da minha terra [Fortaleza], algumas foram do meu pai. Essa aqui eu trouxe da Suíça.

As pedras também revelam a ligação de ML com a natureza:

Essas outras todas são cristais. [...] Eu não acredito nessas coisas de energia, mas eu gosto de pedras, madeira, terra. Eu sou muito ligada a esse tipo de coisa. [...] Eu sou uma apaixonada por pedras, por plantas, pela natureza! Gosto de ver esses programas na televisão que falam sobre cosmos, geografias, rochas e tudo como Discovery Channel e History Channel.



Figuras 94 e 95. Pedras de ML. Fonte: pessoal.

Além de pedras, a sala de ML tem muitas plantas, mas as plantas de que mais gosta são as que estão do lado de fora de sua janela. Seu prédio é cercado de muito verde e ML contou que uma das coisas de que mais gosta em sua casa é a vista para a mata.



Figura 96. Visão geral da sala de ML. Fonte: pessoal.



Figura 97. Vista da janela da sala de ML. Fonte: pessoal.

ML também nos mostrou duas conchas enormes que mantém expostas na sala. Uma delas é de sua filha, que, como ela, aprendeu a gostar de “coisas” da natureza. A outra ML trouxe do Ceará:

Esta concha é da praia de Paracuru. Uns amigos moravam lá, na beira da areia, e me convidaram para conhecer e eu fui. Trouxe de lá.



Figura 98. Concha de ML. Fonte: pessoal.

Além de refletir sua paixão pela natureza, as pedras e conchas de ML são registros de pessoas, como seu pai, experiências e lugares significativos, como o passeio com amigos e sua terra natal.

Durante a conversa, ML se deu conta que a maioria dos objetos considerados mais importantes era de sua terra natal:

Nossa! Estou vendo que meus objetos importantes todos são lá do Ceará! Deve ser porque a nossa infância, o que a gente vive na adolescência molda muito a nossa maneira de ser. Apesar de eu ter vivido muito mais tempo aqui no Rio do que em Fortaleza, eu ainda tenho muita coisa daquela época.

Ela nos mostrou uma pintura de paisagem feita por um artista plástico cearense, obra que considera importante porque o herdou da mãe.



Figuras 99 e 100. Pinturas que ML considera importantes, pois trouxe do Ceará. Fonte: pessoal.

Quando perguntamos qual objeto a representava e que daria de presente para alguém se lembrar dela, respondeu, rindo: *“Poderia ser aquela caixinha ali, porque tem um monte de gavetinhas para guardar ‘cacarecos’.”*



Figura 101. Objeto que, segundo ML, mais a representa. Fonte: pessoal.

O objeto apontado por ML mostrou que os “cacarecos” eram mais do que instrumentos de interação, criatividade e trabalho: eles representavam a forma como ela gostaria de ser lembrada: a pessoa que entende de “cacarecos” e sabe usá-los de forma criativa.

As coisas de ML também expressam sua relação com a arte. Na sala há dois quadros pintados por ela expostos em espaços valorizados: uma pintura a óleo retratando um marinheiro, e uma pintura abstrata em tons de vermelho.



Figuras 102 e 103. Quadros na sala, pintados por ML. Fonte: pessoal.

A sala é o segundo lugar preferido de ML, porque é onde a família se reúne. Isso foi reforçado quando ela nos mostrou uma foto antiga de família e explicou por que a considerava especial:

Essa foto aqui é uma cena familiar. Já faz muito tempo. Foi um aniversário desses que a gente costuma fazer e chamar todo mundo para participar. Percebe-se que a casa está sempre agitada, não é?



Figura 104. Foto da família reunida na casa de ML para um aniversário. Fonte: pessoal.

Ela mostrou também fotos de sua falecida mãe e de seu falecido marido, e passou a falar sobre as perdas:

Essa é minha querida mamãe. Ela faleceu com 97 anos. Essa é uma perda que eu não engulo. Meu marido também faleceu. Ele foi atropelado aqui no bairro em 2009. Foi horrível. A gente vai perdendo também os amigos, porque vai ficando todo mundo idoso.



Figuras 105 e 106. Fotos da mãe e do marido de ML. Fonte: pessoal.

ML gosta de conhecer pessoas e chegou a frequentar a Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée, mas já não a frequenta mais. Ela adora cinema, mas hoje em dia prefere assistir a filmes pela televisão. ML revelou que não se sentia confortável na rua, menos ainda após o atropelamento de seu marido. Revelou, também, que tinha próteses nas duas pernas e sentia muito medo de sofrer uma queda na rua, já que as calçadas são irregulares e com muitos obstáculos. Ela contou que usa a bengala como um “passaporte”, para que as pessoas na rua prestem mais atenção e tenham cuidado ao passar por ela. Efetivamente, ela não precisa da bengala para andar melhor, mas a usa como uma sinalização e um aviso aos transeuntes à sua volta: “Cuidado, não me esbarrem!”

Mostrando a cozinha, ML comentou que se envolvia nas atividades da casa, tais como lavar louças ou problemas técnicos e burocráticos, mas não costumava cozinhar. *“Não sou boa para cozinhar. Quando precisa eu até faço alguma coisa, mas ninguém gosta muito do que eu faço.”*

Por algumas vezes, ML voltou a falar de seus “cacarecos”. Pedimos então que nos mostrasse os outros “cacarecos” que disse estarem guardados. *“Que bom que vocês se interessaram pelos meus cacarecos! Gostei que vocês quiseram ver”*, disse, animada. Ela foi para o seu quarto e voltou para a sala (onde já não estavam mais seus netos, nem o cachorro) com uma caixa cheia de coisas. Sentamos e ela começou a nos mostrar e a nos contar as histórias relacionadas às suas coisas. Em primeiro lugar, falou da relação dos “cacarecos” com seu trabalho: *“Certa vez dei um baú cheio de ‘cacarecos’ para um artista plástico que fazia umas performances na Escola de Artes Visuais, na época que eu trabalhava lá. Ele fez toda uma encenação com aquilo. Foi lindo!”*

Outros “cacarecos” ligados a suas atividades artísticas foram mostrados e junto a cada um deles surgiram histórias das quais ML lembrou com alegria:

Esse pedaço de barro foi uma artista plástica chamada Celeida Tostes quem me deu de lembrança. Isso é parte de uma obra de arte dela que foi exposta na Bienal.



Figura 107. Pedaco de barro da obra de arte de Celeida Tostes. Fonte: pessoal.

Já usei muitos ‘cacarecos’ em atividades em oficinas de arte que eu fazia com professores. Nesse caso não levo muitos ‘cacarecos’ meus, pois eles devem fazer com os ‘cacarecos’ deles para ser uma coisa mais com a cara deles, com coisas que eles tenham e queiram levar.

Alguns “cacarecos” foram feitos por alunos de ML. A forma carinhosa como ela fala deles mostra que são especiais e que refletem sua paixão pela profissão: “Isso é uma graça, né? Foi um aluno meu que fez. É um porquinho.”



Figura 108. Porquinho feito por um aluno de ML. Fonte: pessoal.

Outros “cacarecos” apontados a faziam lembrar de familiares e momentos importantes vividos com eles. Esses objetos eram pontes para tempos especiais que ela gostou de revisitar e contar.

Isso aqui é uma coisa muito bonitinha. Quando estava indo e voltando de São Paulo, minha filha M me deu isso. Talvez ela nem lembre, mas eu guardei.



Figura 109. Objeto que ML ganhou de presente de sua filha. Fonte: pessoal.

Essa rolha é do casamento da minha filha com o escocês. Ela nem sabe que eu tenho. Tive uma ideia! Vou dar para ela!



Figura 110. Rolha da festa de casamento de sua filha. Fonte: pessoal.

O objeto que a faz lembrar-se do evento será dado para a filha “recomemorar” seu casamento, revelando-se um meio de transferência da boa lembrança de ML para sua filha.

Outra categoria de “cacareco” familiar apontado por ML foram os que herdou de seus antepassados.

Essa caixinha foi da avó do meu pai, minha bisavó. Ela é de mil oitocentos e pouco! Tem um desenho de bonequinhas bem característico da época.



Figura 111. Caixinha que foi da bisavó de ML. Fonte: pessoal.

ML se divertiu nos mostrando as suas coisas e ficou feliz em lembrar acontecimentos de sua vida que estavam “guardados” em seus objetos: *“Foi bom que vocês quiseram ver essas coisas. Fazia tempo que eu não via! Foi ótimo!”*

ML utiliza seus “cacarecos” de diversas formas e uma das mais importantes é como suportes de memória. Isso faz com que sejam verdadeiras preciosidades para ela.

As coisas e “cacarecos” de ML se mostraram intimamente relacionadas não apenas à sua personalidade criativa, mas à sua relação profissional com a criatividade. Elas contribuíram também para o desenvolvimento da criatividade de sobrinhos, alunos, professores, filhas e netos. Seu universo material é um retrato de seu modo de enxergar o mundo de forma livre, alegre e criativa. As coisas e “cacarecos” de ML também retratam os tantos lugares em que já morou e os que visitou, e sua autonomia e independência. Tudo à sua volta pode ser aproveitado ou reutilizado de um jeito novo. ML é capaz de enxergar beleza nas coisas simples e mantém a sua mente ativa e inventiva todo o tempo. Sua marca é a sua criatividade e a sua visão crítica e reflexiva sobre a arte e o mundo.

Perfil de ML

ML, 81 anos, “a artista antenada”. Criativa, produtiva e curiosa, é artista plástica e professora universitária aposentada. ML não se conforma com a vida de aposentada e, quando está em casa, não para de trabalhar; passa horas em seu quarto lendo, criando desenhos e escrevendo histórias. Já até publicou um livro. ML é conhecida desde pequena como “a pessoa que entende de ‘cacarecos’, pois tem a adorável mania e habilidade de transformar coisas variadas, aparentemente sem utilidade, em novos objetos — que podem ser desde brinquedos a obras de arte. Ela é atualizada e bem informada e adora viajar e conhecer pessoas e lugares novos. Está sempre por dentro das notícias e sacia sua curiosidade no Google. ML tem uma vida doméstica agitada morando junto com sua filha M e um casal de netos jovens universitários, e é ela quem resolve os problemas técnicos e burocráticos da casa. Apesar de sua vida agitada, ela é uma admiradora da natureza. ML adora pedras, terra, árvores, plantas e conchas, pois isso tudo a faz lembrar-se do passado com seus pais em sua terra natal, o Ceará.

4.3.3.

Casa e coisas do casal J e L

A chegada

J abriu a porta para nos receber em sua casa sorrindo, bastante animada, e foi logo chamando o marido L, que estava sentado no sofá assistindo ao noticiário na TV, para vir nos cumprimentar: “Desliga isso aí, L! As meninas chegaram!”

J vestia uma calça preta larga e uma blusa escura que pareciam leves e confortáveis, e calçava tênis de corrida. L usava uma bermuda, uma camiseta de malha e também calçava tênis de corrida. Ambos estavam à vontade, com roupas que poderiam vestir para fazer ginástica, por exemplo.

Demos para J um vaso com uma pimenteira e ela gostou muito. Agradeceu animada e a colocou junto com suas plantas na varanda, enquanto L nos conduzia até a mesa de jantar oval branca *Saarinen*, desenhada pelo designer Philippe Stark, para iniciarmos a conversa.



Figura 112. Mesa de jantar de J e L, criada pelo designer Philippe Stark. Fonte: pessoal.

Primeiras impressões

Minha primeira visão ao entrar no apartamento do casal foi a de uma varanda repleta de plantas e minha primeira reação foi de maravilhamento. A sala, que se integrava com a varanda por meio de janelas e portas grandes de vidro, formava um ambiente agradável, claro, bem decorado e organizado. Os objetos ornavam o ambiente e combinavam entre si, nos fazendo supor que o apartamento teria sido decorado por um profissional, mas J nos contou que foi ela mesma quem decorou a sua casa. Ela adora decoração e adora exercitar o

bom gosto em seu apartamento, que considera um oásis na Gávea: silencioso e tranquilo, e ao mesmo tempo perto de tudo que eles precisam.

Outra percepção inicial foi quanto à mistura de móveis antigos e modernos — o que me fez supor que os móveis antigos poderiam ser heranças de família, mas, mais tarde, descobri que não eram.

Um pouco sobre J e L

J e L são os moradores mais jovens visitados nesta pesquisa de campo: eles têm, respectivamente, 67 e 70 anos.

O casal mora há bastante tempo na Gávea, mas J é inquieta e adora se mudar. Agora, porém ela não sente mais vontade de se mudar do atual apartamento, mas gosta de trocar os móveis de lugar e comprar coisas novas para incrementar ou mudar a decoração da casa.

L mora na Gávea desde pequeno. J conta que desde quando se casaram, há 41 anos, moraram em quatro lugares diferentes na Gávea, e permanecem no bairro até hoje.

O casal tem dois filhos, um homem e uma mulher — que também moram no bairro — e dois netos: um com nove anos e um bebê. Toda vez que mencionavam o netinho bebê, os dois se “derretiam”. Esse neto pareceu estar mais presente no dia a dia do casal. L contou que busca o neto na creche todos os dias e contou, também, que o casal toma conta dele até o pai ou a mãe chegar do trabalho para buscá-lo. *Essa é a parte mais gostosa do dia!*

Eles passaram a nos contar um pouco sobre o dia a dia do casal. Como têm faxineira em casa somente uma vez por semana, é J quem mantém, arruma e faz todas as atividades domésticas diariamente. L disse que a mulher tem “mania de arrumação” e que às vezes isso acaba se tornando motivo de briga entre o casal.

J contou que sempre gostou de andar de bicicleta e de fazer ginástica, mas que hoje em dia se considera preguiçosa, e isso a incomoda.

Um ano e meio atrás eu costumava fazer ginástica e andar de bicicleta todos os dias, mas agora a minha rotina está meio alterada. Me deu um cansaço de tudo. Tive problema no joelho por excesso de ginástica. Mas eu ainda resolvo coisas da casa, coisas do prédio. Eu não paro!

Enquanto J utiliza a bicicleta apenas para se locomover pelo bairro quando precisa, L adora pedalar diariamente e para vários lugares. Ele tem duas bicicletas, uma para passeio e outra para ir ao mercado. Costuma ir para o mercado fazer compras de bicicleta e dar longas pedaladas para passear e se

exercitar. Gosta de pedalar pela praia até Copacabana e já foi da Gávea até o Piscinão de Ramos, e só não foi adiante porque se sentiu inseguro pedalando na Avenida Brasil, e não porque estivesse cansado. L já foi pedalando também até o Recreio dos Bandeirantes.¹³



Figura 113. Bicicleta com cestas que L usa para ir ao mercado. Ao lado está sua bicicleta de passeio. Fonte: pessoal.

Eles comentaram sobre suas vidas antes da aposentadoria e sobre como tem sido encarar essa nova fase.

J começou a trabalhar aos 17 anos no Banco Nacional, mas sempre teve interesse pelas artes e passou no vestibular para a faculdade de Belas Artes. Enfrentou, no entanto, dificuldades para conciliar o trabalho e os estudos, e a necessidade do trabalho acabou falando mais alto, de modo que abandonou a graduação. L também trabalhou desde muito jovem no Banco Nacional. Foi lá que eles se conheceram por intermédio da irmã de L, com quem J trabalhava. Depois que se casaram, ela foi demitida, pois, na época, segundo J, mulheres casadas não podiam trabalhar naquele banco. Ela então conseguiu um emprego na área administrativa de uma escola de balé na Gávea, onde trabalhou durante trinta anos, até a sua aposentadoria aos 48 anos.

J contou que teve dificuldades em lidar com a aposentadoria, pois, além do fato ter acontecido muito cedo, acabou coincidindo com a época em que seus filhos saíram de casa. Ela se viu então muito sozinha, perdida e sem saber o que fazer. Diante dessa situação, J resolveu fazer um curso de decoração e a partir dele iniciou uma nova fase em sua vida.

¹³ Aproximadamente 30 km.

[...] *resolvi fazer um curso de decoração no Clube de Decoradores. [...] Hoje em dia me meto na vida de todo mundo. Eu decoro a casa da minha mãe em Copacabana, a casa da minha tia que mora lá em Niterói, arrumei a casa da minha filha também. Isso realmente me ajuda a socializar.*

A decoração, antes apenas um *hobby*, tornou-se um meio de J se sentir útil, admirada e valorizada pela família. E, além disso, quando passou a ser reconhecida pelo bom gosto e pela habilidade na decoração, J passou a usar a atividade como um meio, também, de ajudar as pessoas e de fazer amizades:

Eu faço amizade com o prédio todo com essa história de decoração. As pessoas falam 'eu queria tanto ter um jardim igual ao seu!' E aí eu fui fazendo e ajudando as pessoas com isso.

J ressaltou que apesar de seu talento ser reconhecido, ela não tinha interesse em tornar a decoração uma atividade profissional.

Eu tenho uma sobrinha que está se formando em Arquitetura e ela queria até abrir um negócio comigo, mas ela sofre tanto com os clientes. Eu não tenho mais saco. Atender pessoas é muito difícil. [...] Eu decoro a minha casa, da família e dos amigos que quiserem com o maior prazer, mas profissionalmente, não.

Outra forma de driblar a aposentadoria foi tornar-se síndica de seu condomínio. J se mostrou engajada e com muita vontade de aprimorar sua atuação:

Já fiz várias mudanças aqui, como, por exemplo, a implementação da coleta do lixo reciclável. Não havia esse tipo de preocupação aqui antes. Mas eu queria saber também como captar água da chuva para molhar as plantas, pois como a quantidade de plantas aqui é grande, acabamos gastando muita água e eu morro de pena. Isso é muito importante pra mim.

Quanto a L, ele nos contou que seu pai era um compositor famoso de músicas de carnaval e morreu muito precocemente aos 40 anos devido a um mal do coração. Com a morte do pai, L teve de complementar a sua renda e foi em busca de um segundo emprego. Um amigo de seu pai lhe ofereceu um emprego na redação do Jornal do Brasil. Foi quando L começou a atuar como jornalista. Ele nunca cursou faculdade de jornalismo, mas exerceu a profissão durante muitos anos. Começou trabalhando com jornalismo policial e depois de alguns anos encontrou sua real vocação: o jornalismo esportivo, no qual construiu uma carreira sólida e duradoura.

L também trabalhou durante muitos anos no jornal *O Globo*, pelo qual teve a oportunidade de fazer a cobertura de nove Copas do Mundo¹⁴. *“Quando meu filho Gustavo nasceu, eu estava na Alemanha, mas não me arrependo. Viajei quase que o mundo inteiro. Só ao Japão eu fui três vezes! Já viajei muito com o meu filho também.”* L contou orgulhoso que seu filho seguiu seus passos e hoje é chefe de redação do jornalismo esportivo da TV Globo.

J não acompanhava o marido nas viagens, pois é claustrofóbica: *“Eu não viajo de avião, não passo em túnel, não ando de elevador. Já fiz vários tratamentos, mas eu não consigo.”*

J comentou que L está um pouco perdido na vida de aposentado e não sabe bem o que fazer, mas ele discordou:

Faço exercício, ando de bicicleta, corro na praia, vou pegar meu neto na creche.

Já me habituei a essa nova vida. Estou curtindo!

Passo a passo

Depois da conversa na sala sobre o passado do casal e sobre a aposentadoria, L nos contou sobre o livro que está escrevendo intitulado *Algo mais no front* sobre curiosidades dos bastidores do mundo esportivo e baseado nas coberturas que fez ao longo de sua carreira como jornalista. Os dois nos conduziram então até um dos quartos no segundo andar do apartamento para que ele nos mostrasse seu trabalho.



Figura 114. Computador de L com o arquivo de seu livro em andamento aberto. Fonte: pessoal.

O quarto onde L costuma escrever é, assim como a sala, um ambiente claro, organizado e sem excesso de objetos. Lá há uma escrivaninha, uma

¹⁴ Cobriu as Copas dos anos de 1974, 1978, 1982, 1986, 1990, 1994, 1998, 2002 e 2006.

cama, algumas estantes e um guarda-roupa embutido. Todos os móveis são brancos. Tratava-se de mais um cômodo impecavelmente decorado e arrumado por J. Ela combinou a almofada do pufe, manta e travesseiros da cama com uma estampa xadrez preta e branca para que o ambiente ficasse mais masculino. J contou que preparou o quarto, depois que os filhos saíram de casa, para que L pudesse fazer as coisas dele lá. É importante ressaltar que o casal dorme em outro quarto e que a cama desse ambiente é destinada a hóspedes.



Figura 115. Visão geral do quarto de L. Fonte: pessoal.

Havia uma prateleira acima da cama com alguns troféus. Perguntamos de quem eram, e L nos respondeu: “São todos meus”.



Figura 116. Troféus de L. Fonte: pessoal.

L nos contou que foi pentacampeão brasileiro de remo, quando jovem, e que remou pelo Botafogo, seu clube de coração, e pelo Flamengo. L sempre teve, portanto, uma forte relação com esportes de maneira geral, mesmo antes de se tornar jornalista esportivo. Depois de aposentado, ele continua praticando exercícios físicos diariamente com suas bicicletas, unindo utilidade e prazer.

L fez questão de exibir suas medalhas, que estavam guardadas em uma caixa no guarda-roupa.



Figura 117. Medalhas de L. Fonte: pessoal.

Outra coisa que L guarda com carinho e fez questão de nos mostrar é um quadro com uma foto antiga dele, remando com seus parceiros de equipe. O quadro, assim como as medalhas e troféus, se mostraram objetos significativos na vida de L. Desses objetos, somente os troféus estavam expostos. As medalhas e o quadro estavam guardados como verdadeiros tesouros dentro do armário.



Figura 118. Quadro com foto de L da época que era remador do Flamengo. Fonte: pessoal.

Depois das histórias sobre a juventude de atleta e o livro de L, J quis nos mostrar os outros cômodos da casa. Ela nos levou a um quarto-escritório. “É aqui que eu resolvo todos os problemas do condomínio. É aqui também que eu entro no computador e me meto na vida dos filhos. ‘Futuco’ tudo.”



Figura 119. Visão geral do escritório de J. Fonte: pessoal.

J fez questão de nos mostrar as fotos de seus filhos e netos dispostas em painéis na parede e em porta-retratos. A parede revestida com esteira de palha dava um toque de aconchego ao escritório.



Figuras 120 e 121. Detalhes da mesa de trabalho de J. Fonte: pessoal.

Dali, fomos conhecer o quarto do casal, onde notava-se uma decoração mais feminina. Havia alguns pequenos arranjos de flores – um deles combinando com a cor fúxia da poltrona – delicados vidros de perfume sobre uma cômoda e uma combinação de móveis antigos com alguns elementos modernos, como, por exemplo, o guarda-roupa e a luminária próxima à cama.

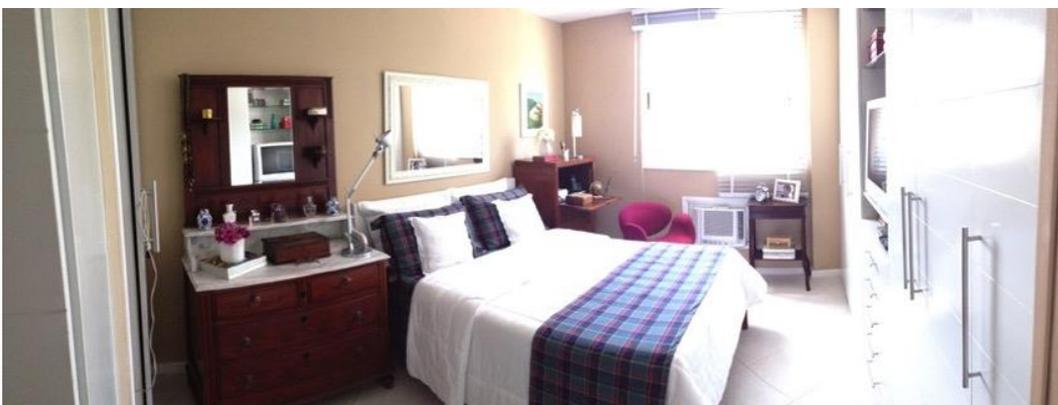


Figura 122. Visão geral do quarto do casal. Fonte: pessoal.

Do quarto do casal, voltamos para a sala, onde continuamos nossa conversa sobre os ambientes e as coisas dos dois. Quando perguntamos sobre seu ambiente e seus objetos mais importantes, J nos contou sobre a relação de amor que mantém com as suas plantas.

O meu ambiente preferido dentro da minha casa é a minha varanda, porque é onde estão as minhas coisas mais importantes: as minhas plantas. Toda mudança que a gente já fez foi um caminhão só de plantas. Aonde eu for, elas vão comigo.

A varanda do apartamento é de fato um lugar muito agradável e repleto de plantas. Há muitas árvores pequenas em vasos no chão e plantas menores presas à parede. Há plantas lindas e muito bem cuidadas por toda parte.



Figura 123. Visão geral da varanda. Fonte: pessoal.

J nos contou que a varanda também é o lugar da casa que faz mais sucesso com seus visitantes. “As pessoas chegam aqui em casa e querem ir logo para a varanda. Todo mundo adora.” O ambiente repleto de plantas acabou se tornando um importante meio de socialização para J.

J conta que cuidar das plantas não é fácil. Algumas não sobrevivem em ambientes internos, e, por isso, dentro de casa ela tem somente plantas artificiais. “*Mesmo com a dificuldade eu não abro mão das plantas. Misturo as artificiais com as verdadeiras e fica tudo lindo.*”



Figura 124. Visão geral da sala de televisão com plantas artificiais. Fonte: pessoal.

L, por sua vez, nos explicou que seu ambiente favorito na casa é a sala:

Aqui você não escuta barulho. E daqui você tem o visual das plantas. Parece que você está em uma cidade do interior. Isso no Rio de Janeiro ou em qualquer outra cidade grande, dificilmente você consegue.

L complementou falando sobre os outros ambientes que ele gosta em sua casa e por quê:

Eu gosto do quarto também, que é onde eu escrevo as minhas coisas. E gosto também da cozinha, que é onde eu faço as minhas comidas.

O assunto nos levou até a cozinha e L quis nos mostrar uma das comidas que ele costuma fazer:

Deixa eu mostrar meu macarrão para vocês! Tem uma cenourinha, às vezes ainda coloco uma rúcula por cima, e às vezes coloco um shoyo também.



Figura 125. Espaguete vegetariano feito por L. Fonte: pessoal.

Enquanto L cozinha todos os dias, J come fora ou pede comida em casa. “Às vezes eu como a comida dele, mas ele briga comigo. O macarrão integral dele é uma delícia!” Na porta da geladeira há vários imãs com os telefones dos restaurantes de onde J costuma pedir suas comidas. Há também imãs de outros tipos de serviços utilizados pelo casal como seguro, chaveiro, entrega de gelo em domicílio, floricultura, entre outros. J nos contou que a cozinha realmente não está entre os seus ambientes favoritos: “Eu detesto cozinha. Só gosto de cozinha pra fazer doce.”



Figura 126. Detalhe dos imãs de geladeira de J e L. Fonte: pessoal.

L nos contou que é vegetariano e apaixonado pelos animais:

Eu não mato para comer, eu colho. Eu não mato um mosquito, adoro os bichos. Abelha vem pousar no meu dedo, não me pica e vai embora. Se aparece um marimbondo, uma barata, eu não mato, eu espanto.

As plantas da varanda e do apartamento, de certa forma, também acabam aproximando o casal dos animais. Eles contaram sobre um tucano que aparecia às vezes por ali e também sobre um passarinho que viram aprendendo a voar.

Outro dia, aqui em casa, caiu um passarinho pequenininho. A mãe estava por perto, e eu fui me aproximando e fiquei acompanhando. Até chamei o porteiro que também gosta de passarinho. Mãe e filhote foram juntos voando até a árvore, e ele foi pulando de galhinho em galhinho e dali foi... aprendeu a voar.

J e L são admiradores da natureza — J mais ligada às plantas e L aos animais. Ambos, porém, buscam nesse ambiente mais próximo da natureza um reflexo de uma vida mais tranquila, despojada, descontraída e leve.

Ao contrário da maioria dos participantes da pesquisa, J e L não tinham muitos objetos de família. Todas as coisas expostas ou que nos foram mostradas sempre pertenceram ao casal. Eles não deram relevo a coisas herdadas por familiares.

Eu adoro móveis antigos, mas não tenho nada de família. Isso aqui, por exemplo, eu comprei em Paraíba do Sul. A minha mãe é de Paraíba do Sul, a casa dela é cheia de móveis antigos de família, ela gosta disso. Eu gosto de misturar design moderno com coisas antigas, por isso eu compro.

Essa escrivaninha, meu tio lá de Paraíba do Sul comprou pra mim. Isso é antiquíssimo.



Figura 127. Escrivaninha antiga na sala de J e L. Fonte: pessoal.



Figura 128. Baú comprado por J em Paraíba do Sul. Fonte: pessoal.

Os móveis antigos da sala ligam J a sua mãe e seu tio e à cidade de Paraíba do Sul. O gosto por móveis antigos é partilhado com eles e por vezes é um pretexto para J visitar a cidade e rever os familiares.

J nos contou sobre o banco que acompanha a escrivaninha da sala. Assim como várias coisas na casa, ela mesma o criou e depois J comprou um *futton* para deixá-lo mais confortável. Ela comentou sobre um pufe que criou a partir de um cachepô. *“Eu que escolho, invento tudo e vou mudando. São umas maluquices que eu faço. A minha cabeça funciona assim.”*

J nos mostrou uma cristaleira cheia de objetos de prata e cristal que ganhou de casamento e que somente são usados quando o casal recebe a família para algum almoço ou jantar especial.



Figura 129. Cristaleira antiga na sala de J e L. Fonte: pessoal.

Normalmente fazemos um almoço de domingo com a família e amigos mais chegados. Eu gosto muito de estar sempre com gente em casa. Eu adoro!

J acrescenta que sente falta de receber mais amigos em casa: *“Eu gosto de receber gente em casa, mas agora a gente recebe mais é família mesmo. Quando L saiu do jornal, nos afastamos dos amigos. Eu sinto falta.”*

L logo rebate, dizendo: *“Eu não sinto falta, não.”*

Ficou claro que os objetos da cristaleira eram especiais somente para J e sua vontade de usá-los com mais frequência revelava seu desejo de socializar mais, enquanto L se mostrou mais reservado.

Enquanto nos mostrava seus objetos da cristaleira, J encontrou uma arara vermelha de pelúcia que a fez se lembrar do netinho e se “derreteu” ao nos contar que havia comprado o brinquedo para ele. *“Ele também adora passarinho!”* Além de lembrar do neto, aquele objeto significava a afinidade entre ele e seus avós.



Figura 130. Arara vermelha de pelúcia que J comprou para o seu neto. Fonte: pessoal.

J e L não demonstraram ser ligados a objetos específicos de sua casa: o que importa a eles é a harmonia do conjunto, ou *como* os objetos se combinam para compor um ambiente bonito, claro, organizado, descontraído, tranquilo e aconchegante. J é detalhista e tem uma obsessão estética com sua casa: quando algo parece fora do lugar ou não combina com o conjunto, ela se sente incomodada. Uma passagem de sua fala demonstra isso claramente:

Eu ganhei um jogo de jantar dos meus filhos, lindo, preto e branco, aí fui comprando as coisas para combinar: joguinho americano, pratinho para salada... Aí troquei a mesa, porque mesa oval cabe muito mais gente. Essa mesa é Philippe Stark. Aí o jogo americano preto e branco não combinava na mesa oval e eu tive que comprar redondo e amarelo.

L por sua vez se sente bem em viver no ambiente organizado e aconchegante, mas não chega a se preocupar com a estética ou com a arrumação. Ele leva a vida de uma forma mais despojada e com o mínimo de preocupações. J contou que L não se envolve nas escolhas dela e disse: “Às vezes eu troco tudo. L não dá palpite, não, só reclama porque eu gasto dinheiro, mas ele acaba gostando.”

A decoração do apartamento deixa transparecer um estilo de vida de pessoas despojadas e ativas, que adoram a proximidade com a natureza.

Perfil do casal J e L

J e L, 67 e 70 anos, “a criativa e o esportista”. Os dois são aposentados, mas J passou a trabalhar como síndica de seu condomínio. J e L são muito diferentes, mas vivem bem e são um casal feliz e satisfeito com a vida que levam.

J é uma mulher criativa e grande decoradora, apesar de não fazer disso sua profissão. Todos se impressionam com o bom gosto de J, e a decoração acaba sendo um meio para ela ajudar as pessoas e fazer amigos, pois acaba distribuindo suas dicas e ajudando a decorar a casa de muita gente. Ela tem mania de arrumação e sua casa vive impecável.

L foi pentacampeão de remo quando jovem e depois teve uma carreira sólida e longa como jornalista esportivo. Hoje, já aposentado, só quer saber de usar o esporte para curtir a vida. Ele adora pedalar longas distâncias e correr na praia todos os dias.

Em uma coisa pelo menos J e L combinam: os dois adoram a natureza. J entende tudo de plantas e L é protetor dos animais.

Eles estão longe de ser um casal monótono, pois J faz questão de “agitar” a relação com algumas brigas de vez em quando. L se incomoda com a obsessão estética de J e com sua mania de fazer amigos, e ela, por sua vez, se incomoda com o jeito despreocupado, despojado e reservado dele. No entanto, eles conseguem tolerar as diferenças e o amor faz com que convivam bem.

4.3.4.

Casa e coisas de Ad

A chegada

No caminho até o prédio em que mora Ad enfrentamos uma ladeira longa e bastante íngreme e mais duas escadarias. Na chegada, mal conseguíamos respirar e precisamos de tempo para nos recompor antes de começar a entrevista. Ficamos surpresas, pois, mesmo com problema em um dos pés, Ad já estava habituado e adaptado aos obstáculos no seu caminho de casa. “Eu subo e desço isso aí todo dia!”

Ad nos recebeu com simpatia. Para ele, ao invés de flores, levamos chocolates. Ele agradeceu e disse que os iria guardar para comer mais tarde.

Ele estava vestido com calças jeans, uma camisa de malha listrada com cores discretas e chinelos de dedo.

Primeiras impressões

A sala de Ad estava impecavelmente arrumada e M, a empregada, executava suas tarefas na cozinha. Ela costuma fazer a arrumação e a faxina da casa, além de cozinhar para Ad. M começou a trabalhar na casa de Ad quando sua esposa ficou doente, e permanece lá até hoje. Ad não se considera uma

pessoa organizada, mas diz que M o ajuda a manter a casa arrumada. *“Minha esposa era muito caprichosa. O forte dela era o capricho com as coisas e a limpeza. Então eu procuro manter como ela fazia.”* Isso foi confirmado pelos tantos elementos femininos que ainda seriam revelados na casa de Ad.

Um pouco sobre Ad

Ad tem 75 anos e é viúvo há aproximadamente dois anos. É pai de três filhos que moram no Rio de Janeiro: dois filhos gêmeos, e uma filha. Um de seus filhos mora na Gávea, perto dele; já o outro, que tem um casal de filhos, mora na Ilha do Governador. Sua filha também lhe deu um neto. Ad costuma vê-los com frequência. *“Sempre que tem festa eles me chamam e eu vou. Faço questão de ir nos eventos escolares dos netos. Eu sempre vou.”*

Ad mora na Gávea há 50 anos e trabalhou na PUC-Rio durante muitos anos, até se aposentar, por isso conhece muita gente no bairro.

Passo a passo

A mesa de jantar estava enfeitada com um caminho de mesa rendado cor de rosa e um vaso de cristal com flores coloridas de vidro. Na estante acima do móvel da TV estavam vários objetos de vidro e cristal: bichos, bombonieres, flores, uma miniatura de sapato feminino, entre outros. Ao lado da TV também havia um conjunto de enfeites: uma família de elefantes e uma margarida de plástico. Ali estava ainda um aparelho de som com alguns CDs, e, acima dele, um porta-retratos grande com a foto da esposa de Ad. Ele nos contou que todos aqueles objetos pertenciam a ela.



Figura 131. Visão geral da sala de Ad. Fonte: pessoal.



Figuras 132 e 133. Detalhes do móvel da TV, estante com objetos da esposa e mesa de jantar com enfeite de flores coloridas. Fonte: pessoal.

Ao lado do sofá havia uma mesinha redonda de vidro com objetos religiosos: uma imagem de Jesus Cristo, duas Nossas Senhoras e uma Bíblia aberta. Ad, no entanto, disse que não era uma pessoa muito religiosa, e que sua esposa, ela sim, era bastante religiosa. Ele apenas mantinha tudo como estava antes dela falecer.



Figura 134. Objetos religiosos em mesinha lateral ao lado do sofá de Ad. Fonte: pessoal.

Bem no meio da sala havia uma poltrona reclinável comprada quando a esposa de Ad já estava doente. Ele providenciou a poltrona para que esposa ficasse mais confortável na sala e pudesse tirar um cochilo enquanto a enfermeira cuidava dela. Mesmo após a morte da esposa, a poltrona continua no meio da sala e sem relação com o resto dos móveis.



Figura 135. Poltrona reclinável utilizada pela esposa de Ad. Fonte: pessoal.

Quando Ad fala das coisas de sua casa, fala ao mesmo tempo de sua esposa: tudo lhe faz lembrá-la. Ela está presente até mesmo na disposição dos móveis e na forma como a casa está arrumada. Quando Ad nos falou sobre o seu dia a dia e as atividades das quais participa, foi também impossível omitir referências a sua esposa. Eles eram companheiros em muitas atividades e frequentavam juntos a Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée.

Eu frequentava várias aulas lá na Casa Maria Haydée com a minha esposa. A gente fazia aula de ginástica, de dança e alongamento. Quando me aposentei, acabei me ocupando de outra forma e participava mais das coisas com ela, pois ia ao mercado, resolvia as coisas na rua.

Essa rotina de muitas atividades foi fundamental para que Ad lidasse bem com sua aposentadoria em 2004. *“Eu nunca senti a aposentadoria. Eu costumo dizer que sou um aposentado que nunca teve tempo para jogar na praça. As praças ficam cheias de velhos jogando baralho e eu nunca tive tempo para isso.”*

A fala de Ad revela sua aversão à imagem de desocupado simbolizada por jogos de baralho, dama e xadrez, bancos e mesas de praça. *“Não tenho tido tempo para assistir televisão. Muito pouco.”*

Uma das atividades de que ele mais gosta é a dança. Ele se interessou pela dança quando começou a frequentar aulas que eram oferecidas na PUC, à época em que trabalhava lá. Ad nos conta que sua esposa começou a ficar enciumada, porque ele dançava com outras mulheres, e ele passou então a levá-la para dançar com ele. Ela acabou tomando gosto e os dois passaram a dançar juntos. Esse é um caso raro de um casal que começou a dançar por iniciativa do marido. Ad gosta tanto de dançar que uma de suas maiores preocupações quando precisou fazer uma cirurgia no pé era se iria conseguir continuar com a atividade depois da recuperação. Atualmente Ad tem uma namorada que conheceu na Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée e que acabou se tornando sua nova companheira de atividades.

Além das atividades na Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée, ele também frequenta o Clube de Regatas do Flamengo para aulas de canto no coral da terceira idade e para nadar às vezes pela manhã. Ele revelou que desenvolveu uma relação de afeto com o clube, pois lá pratica atividades que lhe são muito prazerosas, além de ter memórias afetivas de seus filhos pequenos ligadas ao local. *“Eu torcia pro Vasco, né?, mas agora eu torço pro Flamengo. Faço tanta coisa lá, já, nado, canto no Flamengo. Meus filhos também aprenderam a nadar no Flamengo.”*

Ao lado do sofá estava o jornal *O Globo* junto com algumas revistas; e perguntamos a Ad se ele gostava de ler. Ele respondeu que se ocupa tanto fora de casa que acaba não sobrando tempo sequer para a leitura do jornal. *“Gosto de ler jornal pra me informar, me atualizar, mas também não tenho tido tempo para ler.”* Apesar da falta de tempo, o jornal não foi apresentado como “coisa de desocupado”, mas sim como algo útil no dia a dia.

Ad nos levou para conhecer o resto de sua casa. O quarto dele revelou sua relação com a música. Lá havia uma mesa com um computador, alguns livros de partituras e letras de música dentre fotos, cadernos, calendários, outros documentos, uma impressora multifuncional e um aparelho de som. Acima e ao lado do computador estavam fotos de seus filhos e netos. Ao lado da mesa, um violão disposto em um suporte mostrava o cuidado de AD e o quanto valoriza o instrumento. Ad confirmou a importância do violão no seu cotidiano.

Quando eu estou em casa eu gosto de dedilhar o violão. Eu não sou bom, não, eu ainda tenho que aprender muito. Eu toco algumas músicas, e às vezes canto alguma coisa, sou meio desafinado.



Figuras 136 e 137. Visão geral da mesa de trabalho de Ad e seu violão; Ad tocando seu violão. Fonte: pessoal.

Ad começou a se interessar pelo violão ainda jovem e solteiro, mas acabou dando seu violão de presente para o sobrinho quando ele quis começar a aprender. Depois Ad teve outro violão, mas o deu para a sua filha quando ela fez 15 anos para incentivá-la a aprender a tocar. Porém, o interesse da filha pelo violão durou somente até o casamento dela. Quando se mudou para a nova casa, ela deixou o instrumento com os pais. Foi quando Ad finalmente teve seu violão de volta e retomou o prazer de tocar. *“Eu tocava um pouco, duas semanas depois tocava mais um pouco, mas agora que estou sozinho toco e canto com mais frequência. Comecei a aprender música caipira com meus cunhados lá no Espírito Santo. Lá eles gostam muito desse tipo de música.”* Até hoje ele costuma passear pelo Espírito Santo para visitar os parentes de sua esposa.

Ad gosta também de usar o computador para ler e responder *e-mails* e para estudar e ensaiar as músicas que canta no coral do Clube de Regatas do Flamengo. *“Ele (o professor de canto) manda as músicas por e-mail, porque temos ensaio uma vez por semana, então ele diz: tem que estudar em casa. Ele cobra bastante.”*

Ad demonstrou ter vontade de aprender mais sobre o computador e a Internet para se atualizar e também socializar. *“Tenho vontade de ter o Facebook. Agora está todo mundo usando, né?”* O computador se mostrou como um meio de estudo musical, atualização e socialização.

Os livros *Aquarela Brasileira* e *Princípios Básicos da Música para a Juventude* em cima da mesa resultou na seguinte pergunta: “Você usa esses livros nos seus ensaios? Foi seu professor quem os indicou?” Ad respondeu que ele mesmo os escolheu e comprou para ajudá-lo no aprendizado das músicas de que ele gosta de tocar, principalmente música caipira.

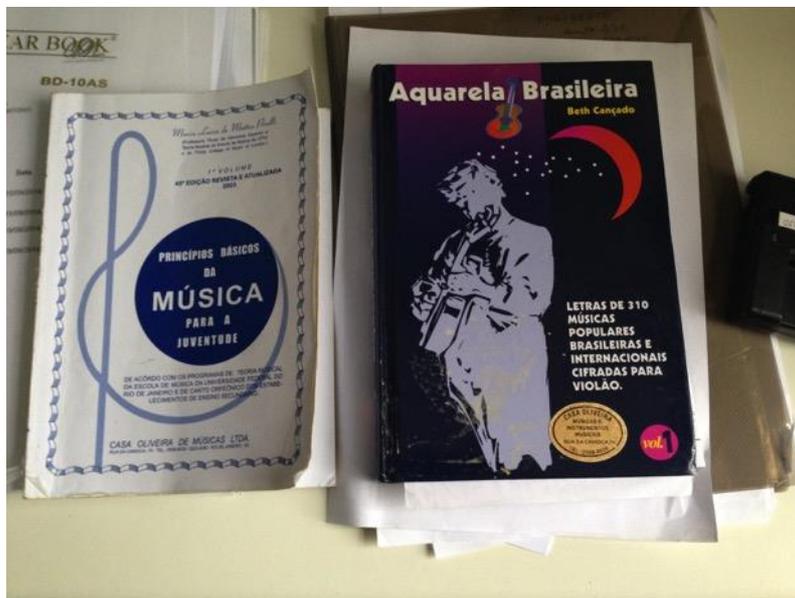


Figura 138. Livros de música sobre a mesa de trabalho. Fonte: pessoal.

Diferentemente de seu envolvimento com a música expresso em partituras, violão, suporte, CDs e aparelhos de som, a dança não se materializa sob a forma de coisas. Os comentários de Ad sobre a dança, no entanto, surgiram associados a atividades musicais.

Em seu quarto havia algo curioso: algumas oncinhas de pelúcia. Nós lhe perguntamos se eram dele: *“Essas oncinhas são da coleção que minha esposa fez. Minha neta, quando vem aqui, brinca com elas”*, disse Ad, demonstrando mais uma vez a presença ainda forte da esposa em seu universo material.

No quarto dele está o único objeto significativo de família apresentado por ele e que lhe traz muito orgulho: um tapete feito por sua irmã em tons de azul, amarelo e vermelho. Em alguns momentos durante a visita ele a citava com um tom de admiração pela sua habilidade em tapeçaria de peças de tamanhos, modelos e coloridos diferentes. *“Ela tinha uma capacidade criativa muito grande, mas ela não sabia vender e não sabia lidar com isso como um negócio.”*



Figura 139. Tapete feito pela irmã de Ad. Fonte: pessoal.

O quarto de Ad é o lugar para se dedicar à música, de que tanto gosta, mas o cômodo de sua casa que ele mais gosta de ficar é a sala, pois é lá que recebe as pessoas que vão visitá-lo, fato que demonstra a importância dos amigos e dos familiares em sua vida.

No quarto de hóspedes, Ad nos mostrou sua extensa e eclética coleção de CDs. Alguns exemplos do que encontramos por lá: Tim Maia, boleros variados, Eric Clapton, Banda Eva e Paulinho da Viola.



Figura 140. Estante com coleção de CDs de Ad. Fonte: pessoal.

Lá estavam guardados também alguns álbuns de fotografias e ele fez questão de nos mostrar as fotos de alguns passeios pelo Espírito Santo com sua esposa e seus companheiros de viola.



Figuras 141 e 142. Álbuns com fotos de viagens que Ad fez com sua esposa. Fonte: pessoal.

A casa e as coisas de Ad transpiram a memória de sua esposa. Lá sentimos a presença de uma personalidade feminina e delicada nos objetos, principalmente na sala. O ambiente ainda traz marcas de que quem cuidava da casa era sua esposa e ele não participava muito das escolhas; mas, após a partida dela, ele fez questão de se dedicar a manter tudo como sempre foi. Apesar de todas as lembranças que sua casa lhe proporciona, Ad é uma pessoa saudosa, mas não depressiva. Ele se sente confortável em uma casa que pouco mudou depois da morte da esposa e procura driblar as saudades valorizando suas atuais atividades, como a dança e a música, e principalmente a companhia de sua namorada, seus parentes e amigos.

Perfil de Ad

Ad, 75 anos, “o saudoso violeiro”. Aposentado há onze anos e viúvo há dois. Apesar de ter uma nova namorada, ainda não conseguiu superar a morte da esposa. Ele procura manter sua casa exatamente como a esposa deixou, mas se esforça para driblar a saudade se envolvendo em atividades e convivendo com os amigos: pratica suas músicas prediletas ao violão quando está em casa, participa de um coral da terceira idade, faz aulas de dança em uma casa de convivência e até arrumou uma namorada que o acompanha nas atividades. Ad é um homem saudoso, mas não depressivo. Ele sabe como dar a volta por cima e manter o alto astral.

Ad tem uma forte relação com a música e, apesar de ter um gosto musical eclético, seu estilo predileto é a música caipira. Ele toca violão desde

jovem e adora lembrar as histórias das viagens que fazia com seus amigos violeiros pelo Espírito Santo, estado onde mora a família de sua esposa.

Ad é ocupado com ele mesmo. Ele aproveita a vida de aposentado para se dedicar às coisas de que gosta, mas não tinha tempo para praticar. Ele investe e acredita na própria felicidade.

4.3.5.

Casa e coisas de MC

A chegada

Foi difícil conseguir um horário para visitar MC, pois sua agenda é bastante atribulada e seus horários escassos. Apesar disso, ela demonstrava alegria e boa vontade em nos receber sempre que nos falávamos.

Na chegada ao apartamento de MC, fomos calorosamente recebidas por Joy, sua agitada cachorrinha da raça Lhasa Apso.

MC vestia roupas confortáveis, mas alinhadas: uma calça preta reta, uma blusa verde de mangas compridas e sapatênis, que é um tipo de tênis não esportivo e mais alinhado. Ela nos recebeu dizendo: *“Senta, gente! Vamos sentar!”*, e se preocupou com a possibilidade de Joy estar nos incomodando. Procurou então nos convencer de que assim que se acostumasse com a nossa presença Joy iria se comportar melhor. MC disse que, se preferíssemos, poderia tirá-la da sala. Como não nos incomodamos e percebemos que a cadelinha era uma componente importante da casa de MC, convivemos e interagimos com ela durante todo o tempo da visita. MC comprou Joy ainda filhote, logo que se aposentou. *“Era uma experiência que eu queria ter na vida. Ter um cachorrinho assim pequenininho. Dá trabalho, mas é ótimo! Eu digo que eu não sou a mãe dela, não, eu sou a dinda.”*

Primeiras impressões

Entrando na sala de MC, a primeira coisa avistada foi um móvel antigo onde havia uma foto dela rodeada por fotos de seus filhos em porta-retratos prateados. Ali havia também uma Bíblia aberta com algumas imagens de santos em miniatura junto com um pequeno olho grego, nos fazendo supor que ela seria católica, mas considerava outras formas de proteção além das previstas em sua religião.



Figura 143. Aparador com retratos de MC e de seus filhos. Fonte: pessoal.

Ao nosso lado direito estava a mesa de jantar em madeira com tampo de vidro e à nossa frente dois sofás em cor *off white*, um de dois e outro de três lugares. Seus móveis eram elegantes, mas sem luxo.

Ao lado dos sofás havia mesinhas também de madeira com tampo de vidro onde estavam mais fotos de MC com seus filhos, seu falecido marido e seus pais e avós.

Um pouco sobre MC

MC é uma mulher com mais de 70 anos (que não gosta muito de revelar a idade), viúva; tem dois filhos homens e três netos já crescidos. Um dos filhos é piloto de avião e mora em São Paulo; o outro é economista e mora no Rio de Janeiro, na Barra da Tijuca. MC cursou até a metade do curso de Belas Artes, mas o abandonou quando se casou, pois o marido era ciumento e não queria que ela estudasse ou trabalhasse. No entanto, nunca deixou de ser uma mulher empreendedora e proativa. Ela mesma diz: *“Eu me considero uma mulher de ideias”*.

Ela já morou em Petrópolis, na Barra da Tijuca e, há vinte anos, se mudou para a Gávea. Vivendo ali e observando a vizinhança, ela percebeu que as pessoas não tinham conhecimento sobre os serviços e as facilidades oferecidas no bairro. Propôs então ao filho uma parceria na fundação de um jornal chamado *De Olho Vivo*. MC se orgulha da iniciativa e vê o jornal como um resultado bem sucedido de seu espírito empreendedor e engajamento social.

O jornal de distribuição gratuita na Gávea, Ipanema e Leblon, reunia anúncios, matérias e entrevistas sobre lojas e serviços desses bairros. MC

contou que ela mesma vendia os espaços para os anúncios, entrevistava as pessoas, tirava as fotos e escrevia as matérias e reportagens.

MC falou também de outro aspecto importante sobre o jornal: as amizades que construiu ao longo dos 15 anos de trabalho.

Tivemos clientes maravilhosos. Alguns são meus amigos até hoje. Ontem mesmo fui almoçar com uma que tinha sido minha cliente.

Hoje, aposentada, MC diz que aproveita a vida ao máximo.

Não tenho e nunca tive até hoje problemas de solidão. A casa Maria Haydée é muito boa para você encontrar pessoas alegres. Lá você convive com pessoas de astral bom e arruma companhia para ir aos lugares, ao cinema, ao teatro. Você faz ginástica ou dança ou faz um curso, se quiser.

Passo a passo

Joy sossegou e nos sentamos nos sofás para conversar. MC nos contou que havia acabado de voltar de uma viagem para a qual levou junto sua cachorrinha. Ela nos ofereceu sorvete com calda de chocolate e fomos então para a cozinha para continuar a conversa.

Na cozinha de MC havia uma bancada com armários onde estavam alguns eletroportáteis à vista e com aparência gasta, como torradeira, fornilho elétrico e cafeteira, dando a entender que são bastante utilizados. No centro da cozinha, no chão, havia jornais que eram o “banheiro” de Joy, e mais à frente, na área de serviço, estavam os seus potinhos de água e ração. A área ocupada pelas coisas da cachorrinha na cozinha indicava sua importância para MC.



Figura 144. Visão geral da cozinha de MC. Fonte: pessoal.

Sua cozinha revelou também que MC viajava bastante, pois sua geladeira e seu freezer estavam repletos de imãs de diversos lugares do mundo: Croácia, Austrália, Nova Zelândia, Inglaterra, Suécia, Canadá, França, Portugal, Chile, entre outros. Somando os imãs da geladeira duplex e os do freezer ao

lado, um pouco menor, havia mais de cem imãs. Perguntamos se eram todos de viagens que ela havia feito e ela respondeu: *“São, sim. Toda vez que eu viajo eu trago uma lembrança. Eu gosto.”*



Figura 145. Imãs de geladeira de MC. Fonte: pessoal.

Enquanto MC nos contava sobre o quanto já viajou, esquentava no microondas uma calda de chocolate especial para o sorvete. *“Todo mundo adora essa calda.”*

Ela nos ensinou a fazer a calda de chocolate:

Você coloca Nescau na xícara e pinga água e mistura. Aí você coloca no microondas e fica olhando. Quando ela sobe, está pronta. Não coloca açúcar, mais nada. Um dia eu resolvi fazer isso e pensei... quem sabe dá certo? É super fácil. Faça a calda em casa, ela realmente vale a pena!

MC serviu o sorvete em potinhos de prata, que foram um presente que ela ganhou de casamento, sobre um pires. Perguntamos se ela costumava usar aqueles potinhos no dia a dia ou só para visitas e ela nos disse que éramos visitantes ilustres e por isso escolheu o potinho especial. Em seguida acrescentou que não recebe muitas visitas: geralmente, as visitas que recebe são as de seus filhos.



Figura 146. Sorvete servido no potinho de prata e pires de MC. Fonte: pessoal.

Enquanto comíamos, a cachorrinha Joy ficou mirando o sorvete com olhos pidões. MC pegou então a tampa de plástico do pote do sorvete e ali serviu um pouco para a cachorrinha: o sorvete foi devorado em segundos.



Figura 147. Joy, a cachorrinha de MC, comendo sorvete. Fonte: pessoal.

Ainda na cozinha, perguntamos a MC se ela costumava ou gostava de cozinhar — e ela nos respondeu: *“Eu cozinho quando eu estou com vontade. Quando não estou com vontade eu ligo e peço comida em casa”* mostrando que a atividade não é relevante em seu cotidiano.

Saindo da cozinha, MC nos mostrou a varanda onde ficam suas plantas e sua horta com uma vista privilegiada para a Pedra da Gávea.

Eu adoro as minhas plantas, minha horta. Quando eu viajo, eu coloco as garrafinhas de água para manter a terra úmida. Passei uma semana fora viajando, por isso as garrafinhas ainda estão aí. Ali tem salsa, arruda, manjericão, hortelã. Tem aquelas duas flores também que eu comprei há pouco

tempo e acho lindas! Gosto de tomar café da manhã ali. Vendo a Pedra da Gávea e as minhas flores. Você tem que aproveitar o que tem de bom, né? Trago a minha bandeja e sento aqui. É uma delícia! Às vezes eu também estudo inglês sentada ali.



Figura 148. Varanda de MC com suas plantas e sua horta. Fonte: pessoal.

Voltamos para a sala e MC começou a nos mostrar suas coisas. Curiosamente, somente fotos foram apontadas. As primeiras que MC nos mostrou foram dela com seus filhos, e estavam em porta-retratos prateados em cima do móvel perto da porta de entrada. Mostrou também um desenho dela, quando jovem, protegido entre vidros e pendurado na parede à frente do sofá maior. *“Esse quadro é um retrato meu que foi pintado em Montmartre.”*



Figura 149. Retrato de MC pintado por um artista no bairro de Montmartre, em Paris. Fonte: pessoal.

O belo retrato na parede indicava algo importante sobre MC: ela era uma mulher vaidosa e que se achava bonita.

MC também nos mostrou fotos que disputavam espaço em uma mesinha entre o sofá maior e a porta da varanda. Contou que eram as fotos de seus

antepassados: pais e avós. Mas não nos mostrou nenhuma foto específica. As fotos estavam dispostas de forma desordenada e algumas soltas, não parecendo ser tão importantes quanto as dela e de seus filhos.



Figura 150. Fotos dos antepassados de MC. Fonte: pessoal.

Sáimos da sala e MC nos conduziu para o quarto de hóspedes, onde havia mais fotos que ela pretendia nos mostrar. No caminho ela parou para nos mostrar as fotos que estavam no corredor.

MC tem muitas fotos expostas por toda a casa: principalmente de seus filhos e de viagens — todas espalhadas pelas paredes dos cômodos e também em porta-retratos apoiados nos móveis. *“Vocês viram que eu gosto de fotos, né? E que eu viajo pra caramba!”*

Ela nos mostrou vários quadros de vidro com fotos. Algumas eram mais antigas e a fizeram lembrar da época em que seus filhos eram pequenos e seu marido ainda era vivo. Outras, mais recentes, mostravam algumas das viagens com um de seus filhos.



Figuras 151 e 152. Fotografias de viagens que fez com o filho e fotos de família da época em que o marido era vivo. Fonte: pessoal.

Em outro quadro com fotos emolduradas que estava no corredor havia imagens de seus netos, às quais ela não se ateuve.



Figuras 153 e 154. Fotografias de viagens e outras, de seus netos. Fonte: pessoal.

Entrando no quarto de hóspedes, percebemos tratar-se de um ambiente desorganizado, com uma mesa cheia de coisas variadas. MC contou que aquele era o quarto que ela usava para receber os filhos e aquela era a mesa que utilizava para trabalhar à época de seu jornal.

A mesa estava tomada por objetos que pareciam não tere sido colocados ali ao mesmo tempo. Com a aposentadoria de MC e a consequente mudança de função da mesa e das prateleiras, coisas novas e velhas podem ter se acumulado ao longo dos anos e sido depositadas ali.



Figura 155. Visão geral do quarto onde era o escritório de MC. Fonte: pessoal.



Figuras 156 e 157. Detalhes da mesa que MC usava para trabalhar. Fonte: pessoal.

Comecei a prestar atenção nos objetos que ali estavam, tentando ouvir o que eles contavam sobre MC. Havia um livro com etiqueta de biblioteca e pensei que aquele deveria ser um objeto chegado recentemente. Perguntei se ela gostava de ler e ela respondeu:

Leio um livro atrás do outro. Agora estou lendo um livro da Sandra Brown, “Uma cliente inesperada”. Gosto de livro de suspense. É um estilo mais moderno do que o da Agatha Christie. [...] Compro livros, mas vou também muito à biblioteca do Leblon, que é maravilhosa.

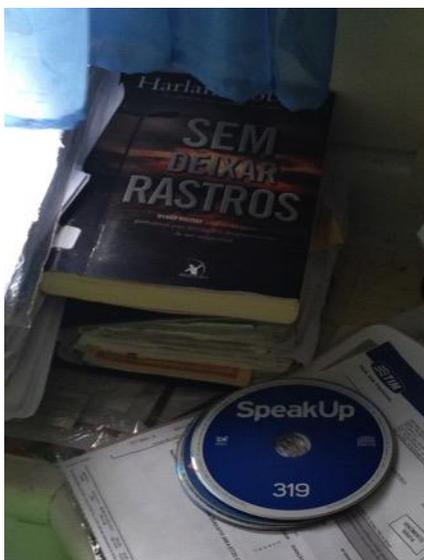


Figura 158. Detalhe de um livro com etiqueta de biblioteca e CD de curso de inglês. Fonte: pessoal.

Junto ao livro, havia um CD de curso de inglês. Ela comentou que frequentava um curso no Leblon todas as terças e quintas-feiras, e que, para se exercitar, sempre ia até lá caminhando. Explicou que: *“Quem viaja muito tem que saber falar inglês. Assim você fica mais independente”*, o que indica que ela faz planos futuros para novas viagens e dá importância à independência. Ela contou que gosta de seguir seu próprio roteiro e não ficar tão presa aos roteiros das excursões.

MC comentou que costumava viajar com seu filho, que mora no Rio de Janeiro, em excursões, mas às vezes eles gostam de sair do grupo no meio da viagem e terminá-la sozinhos.

Nas prateleiras do quarto havia muitos álbuns empilhados: todos de fotos de viagens que fez com o filho. Havia também bonés pendurados com nomes de cidades onde esteve. Fotos, bonés e CDs de cursos de inglês demonstravam o quanto MC valoriza as suas viagens.



Figuras 159 e 160. Detalhes de álbuns de fotografia nas prateleiras e bonés com nomes de lugares. Fonte: pessoal.



Figuras 161 e 162. Detalhes de álbuns de viagens que MC fez com o filho. Fonte: pessoal.

Depois de MC nos mostrar algumas das fotos de viagem no quarto de hóspedes, seguimos para o quarto dela, seu cômodo predileto.

O lugar da minha casa que eu mais gosto e mais fico é o meu quarto, porque ali eu tenho tudo: telefone, uma televisão enorme, meu livro que eu gosto de ler, meu sudoku que eu gosto de fazer.

A suíte de MC não era grande. A cama estava coberta por uma colcha cor de rosa e dois travesseiros em cor vinho. Ali havia também dois criados-mudos de madeira, uma cômoda de madeira com uma TV bem grande em cima, alguns bancos e uma poltrona com várias coisas em cima, como papéis velhos, roupas e revistas.

A TV de seu quarto estava ligada no canal a cabo Multishow, e perguntei sobre a programação a que ela gostava de assistir. Ela contou que assiste a coisas variadas, porém mais à programação da TV fechada. MC gosta também de assistir a filmes sobre histórias bonitas e interessantes.

Assisto [a] muita televisão, mas nada específico. Não assisto novela, não gosto de me prender. Vejo filmes, que às vezes eu gravo. Gosto de comédia legal, inteligente. Também vejo muito o GNT, que é um canal feminino. Só vejo televisão na parte da tarde ou da noite, de manhã nunca.

MC também gosta de ouvir rádio:

Pela manhã eu ligo o rádio lá na cozinha para ouvir o noticiário. [...] Escuto a rádio Tupi, pois gosto de alguns debates que tem lá. Estou fazendo alguma coisa e vou escutando. Descobri também que o Boechat tem um programa na Band FM. Eu escuto também porque eu gosto das opiniões dele. Escuto mais as notícias, mais do que música.

Seu rádio é branco com os botões na cor laranja. É moderno, mas não sofisticado.



Figura 163. Visão geral do quarto de MC. Fonte: pessoal.

A preferência de MC por programas de noticiário no rádio revela que ele não é usado para distração ou entretenimento, mas sim para informação e atualização. Já a TV é, sim, utilizada como um meio de distração e entretenimento.

O quarto era aparentemente arrumado, com alguns pontos bagunçados nos bancos e criados mudos. No entanto, MC nos revelou um universo secreto de objetos, e que nos mostrou algumas de suas características e hábitos importantes: atrás da porta estava o *closet*, onde ela guarda grande parte de suas roupas. Lá, havia centenas de blusas, casacos, echarpes, acessórios e vestidos de cores, texturas e formas variadas, acumulados durante anos e anos. Tudo estava disposto em cabides nas laterais, e a quantidade era tal que quase não cabia naquele espaço. Ao fundo havia uma cômoda alta com gavetas abarrotadas de roupas e entreabertas, pois era impossível fechá-las. Havia roupas e acessórios espalhados por todos os lados do *closet*: nos cabides, acima da cômoda, em prateleiras altas, e até mesmo no chão.



Figuras 164 e 165. Closet de MC. Fonte: pessoal.

Você vai tendo as coisas e, se for cuidadosa, as suas coisas não acabam e você vai acumulando. Algumas coisas básicas como blazers eu uso muito e preciso ter. Aí enquanto essas coisas não acabam, eu tenho que dar um jeito de guardar.

MC nos mostrou ainda uma extensão de seu *closet* que fica dentro do banheiro da suíte. Ela fez do box de banho um espaço escondido para guardar mais roupas, bolsas e sapatos. Aparentemente o que se vê é uma cortina de banheiro, mas atrás da cortina há outro *closet*.



Figuras 166 e 167. Extensão do *closet* de MC no banheiro de sua suíte. Fonte: pessoal.

Como eu moro sozinha e tenho muita coisa, e como eu não uso muito este banheiro, fiz aqui um armário. Ninguém sabe que é um armário.

Apesar da aparência desorganizada dos *closets*, MC nos contou que desenvolveu alguns sistemas de organização para “administrar” seus objetos de

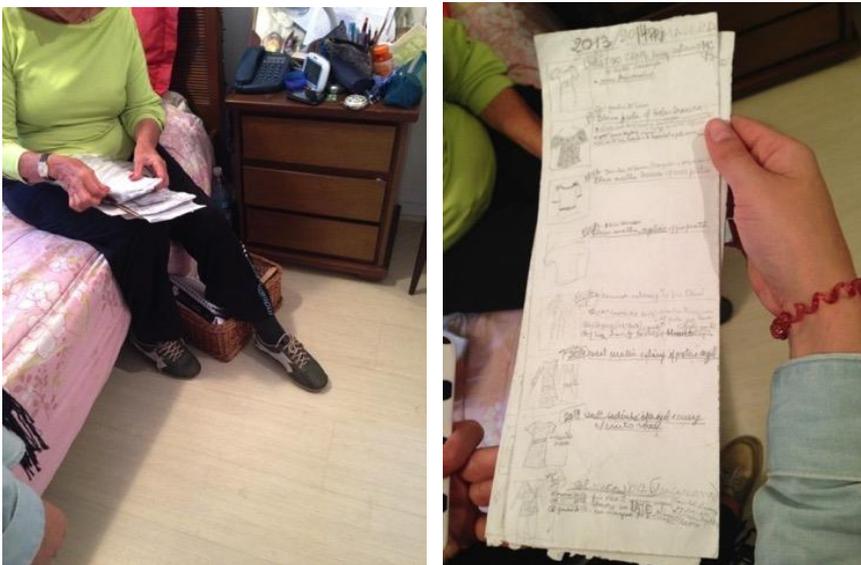
moda. Por exemplo, ela reúne todos os objetos do mesmo tipo em um mesmo lugar. Há um espaço só para echarpes, um espaço só para sapatos de salto, outro só para sapatos do dia a dia. MC também explicou que precisava ter todos os objetos à mostra para se lembrar de tudo o que tem. *“Eu tenho um defeito: se eu não vejo as coisas, eu me esqueço.”*

Outro sistema de organização utilizado se dá por meio de anotações sobre as peças que ela usa e suas possíveis combinações. Seu objetivo é variar melhor os *looks* e também não repeti-los nos encontros com suas amigas.

Tenho uma lista que diz: saí com Cecília – blusa tal com não sei o quê. Aí eu sei a roupa que eu usei e não repito. Eu não falava isso para ninguém, porque pensava que iam me achar uma maluca, mas outro dia, conversando com uma amiga na Casa Maria Haydée, descobri que ela também tomava nota. Foi engraçado!

“Tomar nota” se revelava uma ação especialmente pertinente à rotina de MC e mais relacionada à vaidade do que a necessidades mais mecânicas, como lembrar do que comprar no mercado ou do horário de tomar os remédios, atividades comumente associadas aos idosos.

MC puxou uma cesta, que estava debaixo da cama com muitos papéis e recortes de revistas cuidadosamente guardado dentro de plásticos. Eram suas anotações, que ela queria nos mostrar. Havia folhas em que estavam anotados: o ano, a estação do ano e, abaixo desses títulos, os desenhos e descrições das roupas e acessórios que ela poderia usar naquela época. Havia também anotações com a data, o evento, as pessoas conhecidas presentes e as peças que ela usou.



Figuras 168 e 169. Anotações de MC sobre suas roupas e as possibilidades de combinações. Fonte: pessoal.

“Às vezes também faço uns desenhos. Quando eu compro roupa já anoto logo as opções de combinação.” Havia, ainda, recortes de revistas de moda.

Esses recortes são para eu me lembrar que na primavera eu posso usar a calça branca, por exemplo. Uma blusinha assim, com um casaquinho assim, ou o que eu posso usar com uma bolsa verde, por exemplo.

Ainda sobre suas anotações, MC revelou que também registra os livros que lê e sua opinião sobre eles. Assim ela sabe quais livros pode indicar para as suas amigas.

Mais do que suportes de memória para ações mecânicas do cotidiano, as anotações de MC se revelaram um meio de socialização: umas relacionadas a sua aparência diante das amigas e outras a suas opiniões.



Figura 170. Recortes e anotações de MC sobre roupas e possibilidades de combinações. Fonte: pessoal.

A quantidade de roupas e acessórios revelou não apenas o fato dela gostar muito de comprar esses itens, mas também seu interesse por moda e sua preocupação em estar vestida de forma adequada e variada. Além de um meio de socialização, a moda e as compras são para ela uma forma de distração.

Antes eu não comprava muita roupa, mas agora cheguei à conclusão de que isso é uma coisa que distrai. Mas não compro aqui na Gávea, porque é muito

caro. Eu gosto de catar umas coisas interessantes e com precinho bom. [...] Ontem, por exemplo, eu fui almoçar com um vestido que eu achei uma graça! A minha amiga gostou, e ficou bonito mesmo. Foi um achado de uma loja lá de Ipanema, bem baratinho.

Em seu quarto, e demais cômodos da casa, havia um grande número de imagens de Jesus Cristo e de Nossa Senhora. Ela nos disse, no entanto, que não se considerava uma pessoa muito religiosa, mas sim uma pessoa de muita fé:

Eu acredito em Deus. Fui criada na religião católica [...] mas fui percebendo que o que os padres falavam já não me trazia nada de bom e me dei conta de que eu podia rezar em casa. Contanto que você seja uma pessoa boa de coração, não faça mal a ninguém, não fale mal de ninguém, não faça fofoca. Acredito muito que você tem que se cercar de uma energia boa, uma energia construtiva. Se você faz essas coisas procurando ter uma vida do bem, você tem uma religião ótima, melhor do que estar na igreja só reparando nas pessoas.

As imagens sacras e os crucifixos de MC se revelaram como seus objetos de fé e suportes para suas rezas em casa. E ainda, suas coisas “do bem” e que atraem para ela a energia boa e construtiva que busca na vida.



Figuras 171 e 172. Detalhes de alguns objetos religiosos de MC. Fonte: pessoal.

De volta à sala, percebemos o contraste entre esse cômodo e o resto da casa. A sala é mais clara, mais organizada e com menos acúmulo de objetos; já nos outros cômodos há um acúmulo e uma aparente desorganização. A sala é o ambiente onde MC recebe as pessoas e reflete a sua elegância no estilo tradicional e na disposição de seus móveis, sua fé na Bíblia aberta à frente da porta de entrada e suas viagens nas fotos e pinturas expostas nas paredes.

MC passa bastante tempo fora de casa, viajando; em seus compromissos com as amigas; nas atividades da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée; se distraíndo em suas compras e também em seu curso de inglês. Mas, ao mesmo tempo, ela se sente bem e confortável em casa. Sua casa é o espaço onde ela gosta de ler, assistir a filmes, pesquisar *looks* nas revistas de moda, fazer suas anotações sobre suas roupas e livros. Ela mesma comentou: *“Acho que a minha casa tem bem a minha cara. É clara, eu gosto de coisas claras. É calma. Eu gosto de verde, tem a minha hortinha, sabe?... Coisas assim...”*

Perfil de MC

MC, 70 e tantos anos (ela nunca revela a idade), “a vaidosa”. MC é uma mulher bonita, elegante e bastante preocupada com sua aparência: está sempre maquiada e com os cabelos bem pintados e penteados. Além disso, se veste bem e usa vários acessórios para compor seu extenso e variado repertório de *looks*. É muito ligada em moda e acompanha todas as tendências. Adora comprar roupas e acessórios e não se desfaz de nenhuma peça. Ela é uma mulher ativa, cheia de ideias e com espírito empreendedor. MC é vaidosa, mas nunca foi “dondoca”. Perdeu o marido quando seus filhos ainda eram pequenos. Batalhou muito para criá-los sozinha e durante muitos anos ela inventou soluções para sobreviver pelos seus próprios negócios. O último foi um jornal que administrava junto com um de seus filhos. MC é uma mulher culta que adora ler e viajar. Já visitou diversos países e pretende conhecer muitos outros. MC tem um dia a dia agitado e uma vida social intensa: participa de atividades na Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée, almoça com as amigas, vai ao teatro e ao cinema, assiste a concertos e visita museus.

4.3.6.

Casa e coisas do casal Jo e C

A chegada

Subimos dois andares de escadas para chegar ao andar do apartamento de Jo e C. O corredor era bastante agradável: aberto e de frente para a mata. Enquanto procurávamos o número do apartamento do casal, reparamos no clima leve e descontraído do ambiente cheio de plantas que os moradores cultivam nos corredores, além da vista para a natureza. Algumas portas estavam abertas

e havia pessoas conversando pelos corredores. Entre elas, avistamos um casal sentado em cadeiras de plástico à frente de sua porta. Eram Jo e C, despojados, vestidos com roupas simples e confortáveis, curtindo a manhã, acompanhados de uma cervejinha e de um papo alegre enquanto nos esperavam.



Figura 173. Corredor do prédio de J e C. Fonte: pessoal.

Os dois nos receberam com alegria e com um ar de familiaridade. Foi como se já nos conhecêssemos e estivéssemos ali para mais uma visita. C falou: *“Olha, vocês não reparam não, mas eu gosto de tomar uma cervejinha com o meu marido.”* E Jo logo completou: *“Como é que um pagodeiro não vai tomar uma cervejinha?”* A cervejinha foi, portanto, a primeira “coisa” do casal nos apresentada e associada a descontração.

Nós nos sentamos à pequena mesa da sala para continuar a conversa e comentamos que Ad, nosso outro entrevistado, havia nos dito que Jo era um amigo muito querido dele. Jo nos falou um pouco sobre essa amizade: *“Ad é meu amigão há muitos anos. Gosto muito dele! Nos conhecemos quando eu trabalhei para uma firma que vendia materiais de construção para a PUC, e Ad era nosso comprador.”* Jo e C demonstravam estar dispostos a contribuir com a nossa pesquisa no que fosse possível e J nos disse: *“Eu até comentei que vocês, sendo indicadas pelo meu amigo Ad, são muito bem-vindas!”*

Jo deixou o copo de cerveja de lado enquanto falava de Ad, e nós lhe dissemos para ficar à vontade caso quisesse continuar bebendo durante a entrevista. Não pretendíamos atrapalhar sua rotina e queríamos que ele se

sentisse o mais confortável possível nos recebendo. Jo gostou da nossa atitude e disse: *“Ah então me dá meu copo aí! Se não a C bebe, minha filha! Isso é um perigo!”* Pegou seu copo de volta e sentou-se conosco enquanto C permaneceu no sofá, próximo à mesa.



Figura 174. Detalhe da cerveja que Jo estava tomando durante a visita. Fonte: pessoal.

Primeiras impressões

O apartamento do casal é bastante pequeno, com uma área de 40m². Na sala bem arrumada, os móveis e objetos decorativos eram simples e algumas peças pareciam ser antigas. Já os eletrodomésticos eram bastante modernos. O sofá antigo de madeira coberto com uma colcha colorida de azul e vermelho disputava espaço com uma TV moderna, com uma máquina de lavar roupas digital e automática, cuidadosamente coberta com um pano, e com uma geladeira duplex grande e moderna de aço inox.



Figuras 175 e 176. Imagens da sala de Jo e C. Fonte: pessoal.

Um pouco sobre Jo e C

Jo e C são moradores antigos da Gávea. Jo nasceu e foi criado no bairro, e disse que mora lá “desde quando a Gávea ainda nem era a Gávea”. Ele nos contou que morou todos esses anos no mesmo lugar. Seus filhos também nasceram e foram criados no mesmo apartamento.

O casal, orgulhoso, falou sobre os dois filhos: um deles mora em Campo Grande e o outro na Tijuca, mas, apesar desses bairros serem um pouco distantes, os filhos são muito presentes e visitam os pais semanalmente.

Jo tem 84 anos de idade e C 78. Eles são casados há mais de 60 anos. Enquanto falavam do casamento bem sucedido, J brincava com C: *“Eu já aturo isso há 60 anos! Eu sou ou não sou um herói?”* C riu da provocação e logo disse: *“Hoje em dia quem é que faz 50 ou 60 anos de casados? Ninguém! Meu filho, com dez anos de casado se separou.”*

C e J nos contaram sobre a aposentadoria do casal e também sobre como ambos se reinventaram a partir dela. C trabalhou durante 38 anos como inspetora do Colégio Elisa André Maurois, da rede estadual e localizado Gávea. Apontando para uma placa emoldurada na parede, ela disse: *“Olha ali a placa que eu ganhei quando me aposentei. Pode ler o que está escrito em voz alta.”* A placa dizia: *“À amiga C nosso reconhecimento pela sua carinhosa dedicação aos alunos, funcionários e professores do Colégio Elisa Andre Maurois (CEAM) (data 30/09/2003).”*

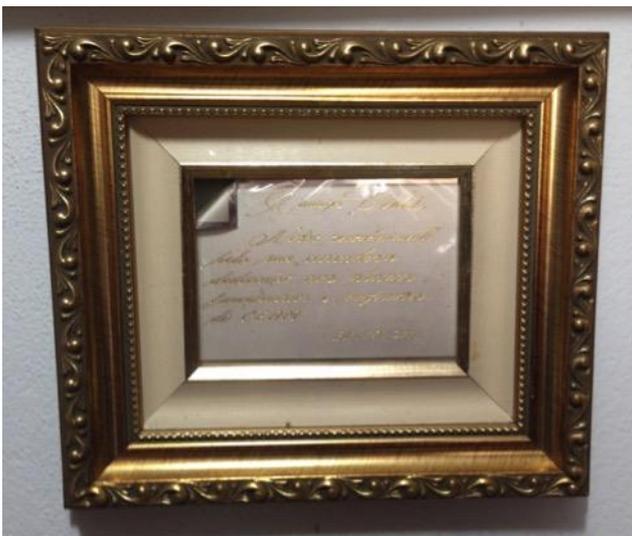


Figura 177. Placa que C ganhou como homenagem por ocasião de sua aposentadoria. Fonte: pessoal.

Jo, por sua vez, trabalhou durante 40 anos em uma loja de materiais de construção na Gávea, e se aposentou como Gerente Geral de Compras. Depois

de aposentado, ele ficou três meses parado, em casa, mas não conseguiu se adaptar:

Quando a gente é novo, fica doido pra se aposentar, descansar a cabeça, mas quando eu fiquei parado não aguentei. Já estava ficando louco. Dá uma saudade, você tem que fazer alguma coisa.

C e Jo decidiram então dar uma reviravolta na vida e montar o próprio negócio, mas de uma forma que fosse prazerosa para os dois.

Juntamos a experiência dela de cozinhar e a minha experiência de comércio e deu certo.

Eles montaram uma barraca na praia para vender bebidas e os salgadinhos feitos por C.

Lá é uma animação! Tem uma turma boa da terceira idade que frequenta.

Passo a passo

Na sala, a primeira coisa apontada pelo casal como significativa foi a foto da neta de dez anos: “Olha só que linda a minha neta! Ela é linda, linda, linda, linda. É bonita mesmo. É inteligente. Ela sempre falou como adulto. Ela corrige a mim, à mãe dela, à avó, todo mundo. Ela tem uma personalidade incrível! E olha para qual time ela torce!” Enquanto Jo falava, C nos mostrava um porta-retrato do Flamengo com a foto da neta vestida com uma camisa do clube. Toda a família gosta muito de futebol e torce para o Flamengo. Eles gostam de assistir aos jogos de futebol pela televisão, mas às vezes também vão ao Maracanã.



Figura 178. Foto da neta do casal Jo e C. Fonte: pessoal.

C nos contou que vê a neta com frequência e que ela adora sua comida.

Eu cozinho bem. Ela fala assim: “Vovó, a sua comida está deliciosa!” Meu feijão é ótimo!

O cheiro que vinha de dentro da cozinha e a conversa sobre o seu feijão confirmaram que C gosta de cozinhar e cozinha muito bem. Ela falou com orgulho das comidas que prepara para Jo e para seus filhos e nos revelou seus segredos para fazer um feijão delicioso.

Percebemos vários vidros de azeite sobre um móvel e comentamos: “Vocês gostam muito de azeite?”



Figura 179. Detalhe da estante cheia de garrafas de azeite. Fonte: pessoal.

Jo não perdeu a oportunidade para elogiar a comida da esposa: “Nós adoramos azeite. Outro dia ela fez uma moqueca com filé de tilápia regada no azeite. Nós aqui praticamente bebemos azeite!”

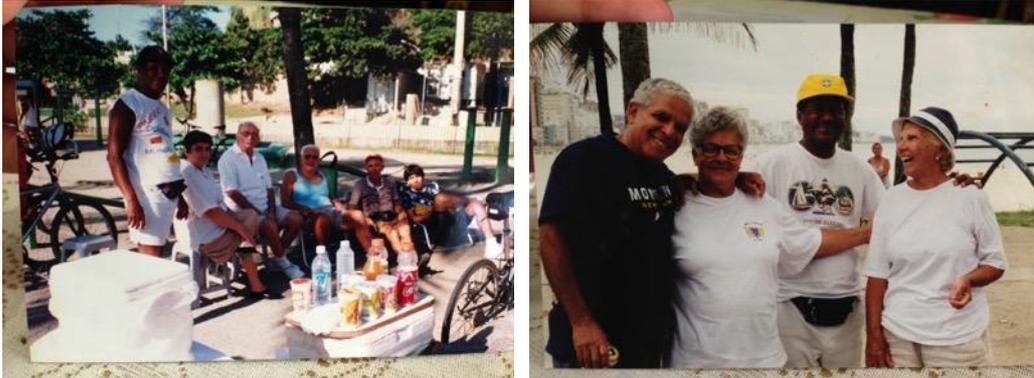
Na segunda visita, dedicada a entender a relação dos visitados com o bairro da Gávea e seus arredores, C exibiu seus dotes culinários e nos recebeu com seus famosos pastéis — e pudemos comprovar que seu tempero é mesmo especial.



Figura 180. Lanche servido por C durante nossa visita. Fonte: pessoal.

*Eu compro carne de segunda para fazer o pastel, mas sou exigente, minha filha!
Não quero com gordura, não quero com sebo. Quero carne boa. Coloco bastante tempero.*

C fez questão de nos mostrar fotos de seus fregueses da praia, ressaltando que o casal se sente realizado e pleno com essa atividade. C contou ainda que a freguesia deles é seleta, formada por autoridades e médicos.



Figuras 181 e 182. Fotos do “point da praia” onde Jo vende os quitutes de C. Fonte: pessoal.

Outra habilidade de C, além da culinária, é o crochê. Ela faz panos de prato para vender. *“Eu vendo muito pano de prato, por isso não tenho muita coisa pra mostrar. Isso aí é um tapetinho que eu fiz pro nosso banheiro.”*



Figura 183. Tapete de banheiro feito por C. Fonte: pessoal.

C gosta de fazer crochê enquanto vê televisão para se distrair e teve a ideia de vender. Jo elogia a esposa:

Eu não sei como ela consegue ver televisão e fazer crochê ao mesmo tempo. Ela fica vendo o jogo fazendo crochê e gritando! [...] Ela faz cada coisa linda. E faz em um instantinho. Vendo muito lá no point da praia também. Tem freguesas que encomendam.

Na primeira visita, C não tinha panos de prato para nos mostrar, mas, na segunda, percebemos que a produção estava a pleno vapor, pois perto da TV

estavam alguns novelos de linha e também alguns panos já acabados. C nos mostrou algumas de suas peças.



Figuras 184 e 185. Panos de prato feitos e comercializados por C. Fonte: pessoal.

Já que eles faziam do trabalho um lazer, ficamos curiosas para saber o que costumam fazer quando não estão trabalhando, e percebemos a quantidade e a qualidade das atividades de lazer do casal. Além de acompanhar os jogos do Flamengo, também gostam muito de dançar e viajar. Jo e C nos contaram que costumavam viajar pelo menos uma vez ao ano. C quis nos mostrar mais fotos e foi buscar algumas que estavam guardadas no quarto. *“Aqui foi em Porto Seguro, dia 21 de julho, quando comemoramos nosso aniversário de casamento.”*



Figuras 186 e 187. Fotos do casal comemorando aniversário de casamento em Porto Seguro. Fonte: pessoal.

Jo comentou que gosta muito de viajar para lugares com praias bonitas como Ilha Grande, Arraial D’Ajuda, Porto Seguro, etc. *“Onde tem mar e peixe é comigo mesmo. Gosto muito de pescar. Costumava pescar na Niemeyer quando era garoto.”*

Acima da mesa de jantar havia algumas estantes repletas de livros e perguntamos se eles gostavam de ler. Jo respondeu:

A minha bibliotecazinha é pobre, mas eu gosto. Eu leio muito sobre o livro dos livros. Todos esses aí são livros bíblicos. Trazem sabedoria. Meu xodó em casa é isso. [...] Em uma época dessa de tamanha violência e as coisas do jeito que estão, tem que se reservar um tempinho para pensar um pouquinho no Criador. Isso é o que eu penso.

Os livros dispostos de forma tão organizada e valorizada, confirmaram quão significativos eram aqueles objetos, além de dizerem muito sobre as crenças e os valores de Jo.



Figura 188. Livros de Jo. Fonte: pessoal.

C nos mostrou algumas pinturas de retratos dela, de Jo e de seus dois filhos, também expostas de forma valorizada na sala, ao lado dos livros e acima da mesa de jantar. Jo disse não haver nada em sua casa mais importante do que sua família. C acrescentou: *“Essa aqui é a família real! Sou eu, ele e meus dois filhotes. Neste retrato aqui um tinha oito e o outro tinha quinze anos. Foi a mãe de uma professora de química lá do Colégio André Morrua Maurois que pintou”*, disse C.



Figura 189. Pinturas de retratos da família. Fonte: pessoal.

Jo nos mostrou outra pintura na parede, e que representava sua paixão pelo mar. *“Esse marzão lindo aí foi um freguês meu que pintou e me deu.”*



Figura 190. Quadro que ganharam de presente de um cliente da praia. Fonte: pessoal.

C nos mostrou mais um quadro que foi presente de um amigo e estava exposto na parede acima do sofá. *“Isso aí foi um amigo que trouxe de Portugal pra gente, de Portugal!”*



Figura 191. Quadro trazido de Portugal por um amigo. Fonte: pessoal.

Os quadros expostos na sala — além da importância dada à família, a paixão pelo mar e lugares bonitos e distantes — mostravam o afeto dos tantos amigos do casal.

Quando perguntamos a Jo sobre o que achava que mais o representava, ele nos trouxe dois objetos de família.

Eu tenho umas coisas que me representam muito aqui. Parece ridículo, mas uma é essa, um garfo de prata que meu pai guardou até a morte.



Figura 192. Garfo de prata que era do pai de Jo. Fonte: pessoal.

A outra coisa é esse saca-rolha. Isso tem um valor estimativo pra mim que vocês não calculam. Isso veio de Portugal e tem mais de cem anos. Meu avô que trouxe de lá, isso é chifre de veado.



Figura 193. Saca-rolha antigo que foi do avô de Jo. Fonte: pessoal.

Aqueles não eram simplesmente objetos para comer e abrir garrafas, mas eles com seus antepassados que continuavam vivos por meio de um garfo e de um saca-rolha.

Jo e C nos apresentaram os outros cômodos do pequeno apartamento. Além da sala disputada por móveis e eletrodomésticos, a casa tinha apenas um quarto pequeno e no qual quase não havia espaço entre a cama e o guarda-roupas grande. Havia, ainda, um banheiro pequeno e uma cozinha onde cabia somente uma pessoa.

Em todos os cômodos percebemos o capricho de C com sua casa. O quarto do casal é bastante simples e organizado e acima da cama está uma pequena prateleira, decorada com um paninho de renda branca, com mais fotos da netinha.



Figura 194. Imagem do quarto do casal Jo e C. Fonte: pessoal.

A cozinha é pequena e tem muitos utensílios; e, apesar de sua aparência refletir que esses objetos são muito utilizados, estão todos muito limpos. O fogão estava limpíssimo, apesar de C tê-lo usado há pouco tempo. Havia panelas com o almoço que ela já havia preparado.

Os armários, assim como vários outros objetos, eram de cores vivas e alegres. No apartamento todo havia uma mistura da madeira dos móveis, com elementos coloridos, como a colcha que enfeita o sofá e os azulejos da entrada e da cozinha. O apartamento era decorado de forma simples e alegre como os moradores.



Figuras 195 e 196. Imagens da cozinha de C. Fonte: pessoal.



Figuras 197 e 198. Sofá e flores coloridas na sala de Jo e C. Fonte: pessoal.

Apesar do apartamento pequeno, eles mostraram estar muito satisfeitos com a vida e não precisar de muitas coisas para serem felizes. *“Meu lar é o meu santuário. Não tem defeitos. A casa pequena é melhor para organizar. Fica mais fácil. Mas mesmo assim ela vive futucando tudo, arrumando.”*

Jo nos contou que é C quem mantém a casa limpa e arrumada. Ele valorizou o cuidado que C com a casa.

Ela é uma leoa. O que ela faz aqui não é para qualquer um, não. Depois de cozinhar tanta coisa, a cozinha fica um lixo, e ela não tem quem ajude. Ela nem gosta. É chata pra caramba. Isso tem um xodó com a casa! É coisa de mulher mesmo.

A porta ficou aberta durante toda a visita e às vezes chegavam vizinhos para falar com C. Perguntamos então como era a relação deles com a vizinhança. Jo respondeu:

Meu pai costumava dizer que o seu parente mais próximo é o seu vizinho. Cultivamos muitas amizades. Somos amigos de todo mundo aqui no prédio. Eu não tenho do que me queixar. Graças a Deus não tenho inimigos.

C complementou: *“Às vezes um vizinho vem, tá precisando, a gente ajuda. Depois é a gente que precisa.”*

A casa de Jo e C transpira simplicidade, despojamento e alegria de viver. Eles têm pouco, mas amam e cuidam das coisas que possuem.

Perfil de Jo e C

Jo e C, 84 e 78 anos, “o pagodeiro e a cozinheira de mão cheia”. Jo e C formam um casal simples, que não tem muito dinheiro, mas nem precisa dele. Eles vivem bem com o pouco que têm e enxergam a felicidade nas coisas simples da vida. Jo, como todo bom pagodeiro, adora tomar uma cervejinha com os amigos, dançar e ver seu time de futebol vencer; no caso dele, o Flamengo. Ele é o “cara boa-praça”, com muitos e bons amigos e sem inimigos. Ele é aposentado, mas continua trabalhando por prazer, pois não gosta de ficar parado. Ele tem uma barraca na praia onde vende bebidas e os salgados feitos pela esposa. C é uma excelente cozinheira e dona de casa. Além de fazer os salgados que Jo vende, C se dedica a manter a casa bem limpa e arrumada e gosta de agradar o marido e a família com comidas gostosas. É uma mulher entusiasmada com a vida, agitada, alegre e fala alto. Ela e Jo foram feitos um para o outro e o amor entre eles continua bastante vivo depois de 60 anos de casamento. O segredo da felicidade do casal está em cinco coisas básicas: “tomar uma cervejinha, ver o Flamengo vencer, ter a casa arrumada, comer bem e passear.”

4.3.7.

Casa e coisas de Ev

A chegada

Quando chegamos ao seu apartamento, Ev transparecia ter se arrependido de participar da pesquisa; mesmo assim nos recebeu com muita educação. Nós a presentearmos com um vaso com flores cor de rosa. Ela agradeceu e o colocou em uma pequena mesa perto de sua mesa de jantar, ao redor da qual nos sentamos. Ao contrário dos outros entrevistados, as flores não despertaram sua simpatia e foram tratadas com certa indiferença. No início da conversa, Ev deu indícios de que não participaria da pesquisa: alegou ter muitos compromissos e não saber se poderia nos receber para a segunda visita.

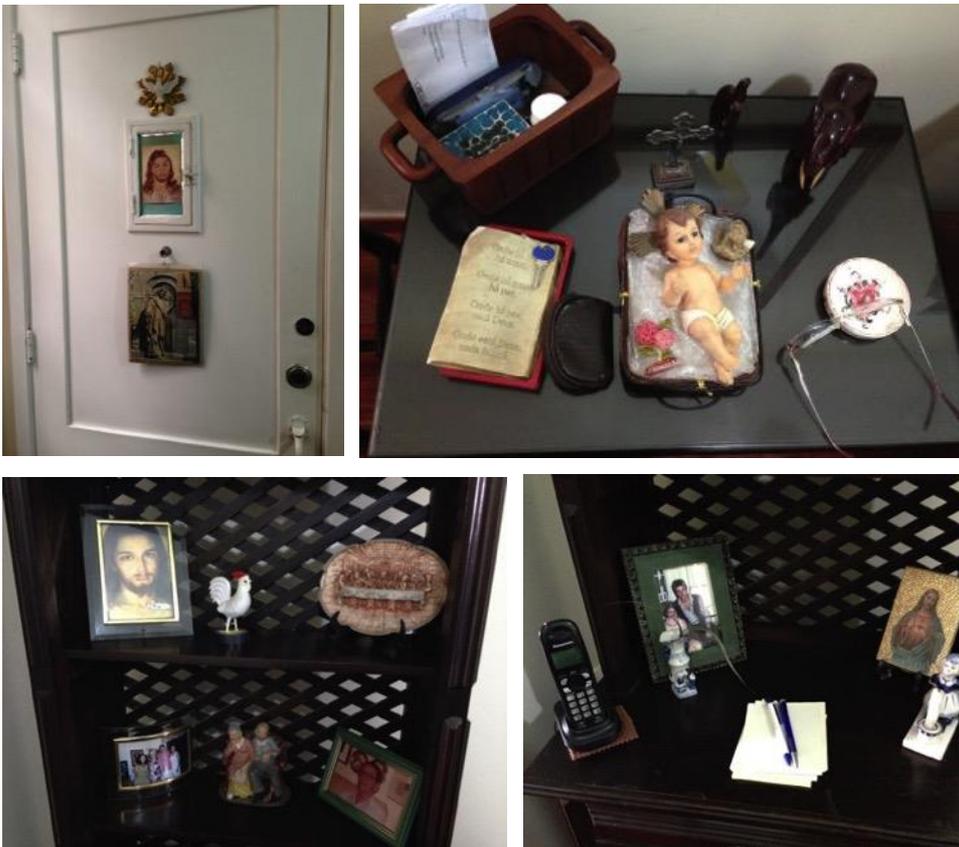
Eu não sei se eu aguento, minha filha. Está tudo muito cansativo para mim. Eu acho que nem vou ao baile da AABB hoje. Falei que ia, mas acho que não vou. Nem fiquei para a segunda aula lá na casa Maria Haydee. Eu ando me sentindo muito cansada. E depois eu fico também pensando: com que roupa eu vou sair de casa?

Primeiras impressões

A primeira coisa que avistei ao entrar na casa de Ev foi um quadro grande com a imagem de Jesus Cristo na parede. Ao olhar a minha volta, percebi, também, diferentes imagens de Jesus Cristo e Nossa Senhora, peças com trechos de orações e provérbios religiosos. Aquelas coisas me fizeram supor que a religião seria um dos aspectos mais importantes na vida de Ev.



Figura 199. Visão geral da sala de estar de Ev. Fonte: pessoal.



Figuras 200, 201, 202 e 203. Objetos religiosos na sala de Ev. Fonte: pessoal.

Percebi também outras características peculiares, como, por exemplo, a disposição dos móveis. O sofá não parecia ser muito utilizado, pois logo à sua

frente estava posicionada uma poltrona de balanço. Isso indicava que Ev não costumava receber visitas.

Um pouco sobre Ev

Ev é uma mulher de 77 anos que nunca se casou nem teve filhos. Ela foi criada pela avó e tem alguns irmãos mais novos, do segundo casamento de seu pai, com os quais não mantém contato frequente. Mora no atual apartamento, onde vivia com a avó, desde 1967. Depois que a avó faleceu, sua empregada passou a morar com Ev; porém, sofreu um acidente e foi embora para cuidar de sua recuperação. Ev vive sozinha desde então.

Um de seus principais problemas atualmente é a depressão desencadeada pela perda de seu plano de saúde. Ela nos contou, no entanto, que tem buscado superar a depressão por meio da participação em atividades na Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée.

Ela contou que a atividade Livro Criativo¹⁵ a tem ajudado a ocupar o tempo em casa, pois passa algumas horas por dia folheando revistas e fazendo recortes interessantes que poderá usar nas aulas.



Figuras 204 e 205. Imagens do livro criativo de Ev. Fonte: pessoal.

Ev revelou que se sente muito sozinha. Ela tem uma faxineira que vai à sua casa apenas uma vez ao mês e durante algum tempo essa foi a sua única companhia. “*Eu ficava doida para a faxineira chegar aqui para eu ter com quem conversar.*” Quando estava no auge da depressão, algumas vizinhas a incentivaram a frequentar locais de convivência — como a Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée e a Academia da Terceira Idade. Ela seguiu os conselhos

¹⁵ Atividade criativa realizada na Casa de Lazer e Convivência Maria Haydée e ministrada pelo designer Boris Garay. Trata-se de uma Atividade na qual os participantes montam livros artesanais a partir de desenho, colagem, escrita e pintura.

das amigas e passou a se sentir melhor frequentando esses espaços e convivendo com outras pessoas, mas contou que se sente cansada e não consegue participar de muitas atividades.

Quando eu comecei a sair foi muito complicado, e ainda é. Eu me esforço bastante para me movimentar. Dizem que a depressão dá muito cansaço. Eu sempre fui depressiva, então sempre tive muito disso. Desde pequena, eu sempre fui assim. Eu gostava de brincar, mas era a primeira a parar. Doía tudo!

Ev é católica e engajada nas atividades da igreja que frequenta e lá cultiva algumas amizades; além disso, ela faz de tudo para ajudar sua paróquia. *"As pessoas não entendem que a vida está ficando mais difícil. Os padres têm despesas que não são deles, né?"* — disse ela defendendo o dízimo.

Ev é aposentada desde 1991. Ela trabalhava como secretária e contou que não enfrentou muitas dificuldades em lidar com a aposentadoria, pois começou a se envolver em várias atividades: *"Quando eu me aposentei fui passear, fui fazer coral, tinha umas aulas na igreja também, como costura, por exemplo."*

Passo a passo

A sala de Ev, além da forte relação com a religião, revelou que ela havia viajado bastante pelo Brasil e que fez amizades em suas viagens. Enquanto Ev relembra a origem de seus objetos da sala, ela nos apontava alguns que considerava importantes:

Essas galinhas eu ganhei em um amigo oculto em um passeio para Tiradentes.



Figura 206. Galinhas que Ev ganhou em um passeio. Fonte: pessoal.

Esse quadrinho aqui eu trouxe como lembrança de um passeio à Conservatória.



Figura 207. Quadro que Ev trouxe como lembrança de um passeio à Conservatória.
Fonte: pessoal.

*Aquele quadrinho de madeira lá eu trouxe do mosteiro de Campos do Jordão.
Uma freirinha de 91 anos que fez isso!*



Figura 208. Quadro que Ev trouxe como lembrança de um passeio ao mosteiro de Campos do Jordão. Fonte: pessoal.

O quadro comprado no mosteiro de Campos do Jordão mostrou que Ev participava não só de excursões normais, mas também de excursões para visitar locais religiosos. A viagem religiosa se mostrou uma situação com grande potencial para fazer amizades, já que todos os participantes partilham de um mesmo propósito: a fé.

Ev nos contou que já não fazia mais esses passeios em razão do seu cansaço. *“Eu saía muito, passeava muito, mas essa coisa de fazer mala, maleta, não dá mais. Só consigo se for para ir e voltar no mesmo dia.”*

Uma característica interessante na casa de Ev era que apesar dos móveis escuros e antigos e da seriedade dos objetos religiosos, havia alguns elementos coloridos e divertidos que, embora destoassem do conjunto, traziam um pouco de leveza ao ambiente. Um exemplo disso era o sapo de pelúcia que enfeitava o sofá da sala.



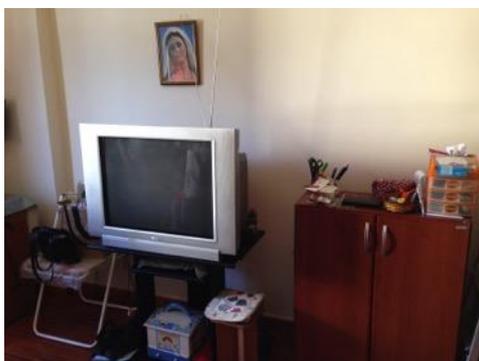
Figuras 209. Sapo de pelúcia que enfeitava o sofá de Ev. Fonte: pessoal.

Ev nos conduziu para o seu quarto e lá também observei alguns elementos desse tipo, como a colcha colorida e infantil com desenho da personagem Bety Boops e também um casal de ratinhos que servia de peso para a porta.



Figuras 210 e 211. Visão geral do quarto de Ev e detalhes de objetos divertidos que ela usa para decorá-lo. Fonte: pessoal.

Assim como a sala, no quarto de Ev havia vários objetos religiosos que confirmavam cada vez mais a importância da religião em sua vida.



Figuras 212, 213 e 214. Detalhes de objetos religiosos do quarto de Ev. Fonte: pessoal.

No quarto, Ev nos apresentou seus objetos mais importantes: os livros. Mas nos contou que vários foram perdidos em um incêndio que houve em seu quarto no ano de 2003. No episódio, ela perdeu tudo o que havia ali e um pouco do que estava no banheiro. Todo o cômodo teve de ser reconstruído, por isso ali seus móveis têm uma aparência mais nova.

Ela disse gostar muito de ler livros religiosos e que no incêndio perdeu muitos deles. *“É o que eu mais lamento ter perdido. Tinha livro que eu ainda nem tinha acabado de ler e outros que eu ainda não tinha lido ou queria reler.”*

Alguns livros no criado mudo e em uma estante perto da televisão, confirmavam a fala de Ev.



Figura 215. Livro religioso que Ev estava lendo à época da visita. Fonte: pessoal.

Ev contou que no incêndio também perdeu um piano, que costumava tocar, e desde então nunca mais tocou. Agora ela aprecia a música somente pelo rádio e gosta de ouvir música clássica. *"Eu costumava dizer que queria morrer no Teatro Municipal, num concerto bem alinhado."*

Vimos uma TV no quarto e perguntamos o que ela gostava de assistir. Ev respondeu que costuma assistir às missas nos canais Canção Nova e Rede Vida nos dias que não está bem disposta para ir à igreja. Além de ser mais um objeto de fé, a TV também funcionava como um relógio, pois Ev contou que se situa nos horários de acordo com a programação. *"Eu deixo a TV ligada o dia todo para saber que horas são."*

No quarto há uma arara onde Ev coloca as roupas que usa no dia a dia para sair. Lá estavam sua roupa de ginástica e também um conjunto que ela havia escolhido para ir ao baile da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydée.



Figura 216. Arara com roupas de Ev em seu quarto. Fonte: pessoal.

Ao entrarmos no assunto das roupas, Ev falou sobre sua dificuldade de encontrar peças adequadas ao seu gosto. *"Eu comprava muita roupa quando eu ia a Raposo¹⁶. Agora eu finalmente encontrei aqui uma casa que tem roupa mais pra minha idade, ali em Copacabana. O nome da loja é Promessa."*

Uma das coisas que Ev considerava mais importantes era uma pequena cadeira de balanço em seu quarto. Aquele não era um objeto de família e não tinha relação com nenhuma outra pessoa ou lugar. Ev gostava da cadeira simplesmente pelo fato de a considerar uma boa compra e de ser uma cadeira bonita, confortável e resistente. Ela completou ainda: *"Todos os objetos da minha casa fui eu que escolhi."*

¹⁶ Cidade do interior do estado do Rio de Janeiro.



Figura 217. Cadeira de balanço predileta de Ev. Fonte: pessoal.

Saindo do quarto, Ev abriu seus armários no corredor para nos mostrar algumas coisas ali guardadas. Havia uma infinidade de miudezas compradas em seus passeios.



Figura 218. Armário com vários objetos de EV. Fonte: pessoal.

A primeira coisa primeiro que ela quis nos mostrar foi uma divertida foto tirada em um passeio ao Pão de Açúcar e que confirmou seu lado bem humorado.

Tem uma foto que eu queria mostrar pra vocês. É uma coisa que tem lá no Pão de Açúcar, aí eles fazem uma montagem. Olha eu de asa delta!



Figura 219. Fotomontagem que Ev adquiriu no Pão de Açúcar, simulando um voo de asa delta. Fonte: pessoal.

Enquanto Ev nos mostrava seus objetos, percebi que ela tinha ao menos três miniaturas de casais em poses carinhosas: duas de casais idosos sentados em bancos e uma de dois índiozinhos se beijando. Uma das miniaturas de casais idosos estava exposta na estante da sala e as outras duas estavam guardadas no armário. Esses objetos não foram apontados por Ev, mas, pela quantidade, achei que poderiam ter algum significado importante.



Figuras 220, 221 e 222. Detalhes de miniaturas de casais idosos e casal de índios. Fonte: pessoal.

Comentei sobre a miniatura de casal de índios: *“Que bonitinho! Você comprou isso ou ganhou de alguém?”*

Ela respondeu: *“Isso aqui eu comprei pra uma amiga, mas eu gostei tanto que eu resolvi que ia ficar pra mim. Achei tão bonitinho!”* Essas miniaturas de casais me fizeram pensar que talvez Ev sentisse falta de um companheiro e

também de ter uma família. Apesar de participar de atividades coletivas fora de casa, ela disse que ainda se sentia sozinha; além disso, alguns de seus comentários mostraram que sua depressão também havia sido desencadeada pela solidão.

De volta à sala, no final da visita, perguntamos sobre sua cozinha. Ev não se interessou em mostrá-la. Disse que não costumava cozinhar e que preferia encomendar quentinhas. *“Eu já cozinhei pra mim, mas eu parei, porque sobrava comida. A quentinha, para mim, dura dois dias.”*

Pefil de Ev

Ev, 77 anos, “a dupla personalidade”. Ev nunca casou, nem teve filhos. Vive uma vida solitária e sente falta um companheiro, um parceiro de vida, mas acha que já está velha demais para encontrar um. Ela é católica e muito religiosa. É engajada nas atividades de sua igreja e frequenta as missas sempre que pode. Quando não vai à igreja, reza em casa e assiste às missas pela televisão. Suas vizinhas se preocupam com ela e a incentivam a participar de atividades coletivas em casas de convivência e academias para a terceira idade. Dentro de Ev moram duas pessoas: uma ativa e divertida e outra cansada e solitária. Ela se diz depressiva, mas é divertida; se diz solitária, mas está sempre com amigas que a ajudam e a aconselham; se diz cansada demais para sair de casa, mas adora passear e conhecer novos lugares.

4.4.

Considerações parciais

Todos os informantes demonstraram ter habilidades, talentos e interesses especiais e diversos, e as visitas as suas casas foram fundamentais para que tais características surgissem espontaneamente. Os hábitos, estilos de vida e valores dos participantes eram revelados a partir de diferentes combinações de objetos, dentre os quais foram identificados alguns grupos:

Coisas das habilidades: instrumentos musicais, tricô e crochê, desenhos e pinturas, computadores, “cacarecos”, elementos decorativos, troféus, jornais, comidas, roupas;

Coisas do lazer: quadros, imãs de geladeira, livros, instrumentos musicais, computadores, fotos, bonés, roupas, televisores, comidas, bicicletas, plantas;

Coisas de família: fotos, quadros, relógios, cachepos, “cacarecos”, enfeites,

bichos de pelúcia, saca rolhas, garfos, antiguidades;

Coisas da distração: televisores, rádios, Cds de música, tricô e crochê, computadores, bicicletas, revistas;

Coisas de informação e atualização: computadores, revistas, jornais, rádios, televisores;

Coisas da vaidade: roupas, sapatos, acessórios, maquiagens, perfumes, anotações, recortes, revistas de moda, desenhos e pinturas, placas de homenagem;

Coisas da sociabilidade: fotos, presentes, lembranças de viagens, televisores, jogos de baralho, comidas, elementos decorativos, plantas, objetos de fé e religião.

As casas e coisas observadas nas visitas não condizem com as casas e coisas associadas a imagem de idosos frágeis, desocupados, dependentes e fisicamente debilitados. Não foi observada a presença de coisas como andadores, muletas, fraldas geriátricas ou outros objetos relacionados à debilidade física. Remédios aparentes foram observados somente nas casas de D, ML, Ad e MC. Eles ficavam no quarto ou na cozinha e eram predominantemente medicamentos leves ou preventivos como vitaminas e colírios. Ev e ML tinham bengalas em casa, mas somente ML as usa. Ela, no entanto, não as usa como suporte, e sim como um sinalizador para que as pessoas não esbarrem nela.

Os relatos dos idosos visitados também apontaram coisas que não faziam parte de seus universos materiais e que associaram a aspectos negativos da velhice com os quais não se identificam. São as coisas de “desocupados” como jogos de baralho, xadrez, dama, dominó, bancos de praça e televisão. Alguns idosos visitados apontaram tais coisas associadas a fala “*não tenho tempo para isso*”, mostrando que estão ocupados com atividades produtivas e importantes.

A observação das casas e coisas, através de visitas norteadas por entrevista semiestruturada, se mostrou uma forma eficaz para conhecer e entender os idosos. As casas e coisas foram capazes de trazer informações importantes sobre seus valores, interesses, estilos de vida e suas habilidades, mesmo quando não verbalizadas. Muitos assuntos foram gerados e desenvolvidos a partir de nossos comentários sobre os ambientes da casa e das coisas observadas. O surgimento desses comentários, no entanto, seriam impossíveis caso a entrevista não fosse realizada nas casas dos idosos.

5.

Considerações finais

Hoje sou uma pessoa que certamente enxerga a velhice por outro prisma ou, melhor, por um caleidoscópio. Posso dizer que já conseguia ver cor na velhice, e agradeço aos meus avós por isso, mas hoje a enxergo de uma forma mais dinâmica e com múltiplas possibilidades.

O processo de criação, no Design ou na TV, começa por conhecer e entender para quem se projeta ou para quem se dirigem os produtos, serviços, personagens e programas de televisão. Torna-se pertinente, então, o desenvolvimento de novas metodologias de se aproximar, conhecer e entender as pessoas que serão impactadas por esses produtos, serviços, personagens ou programas de televisão, principalmente quando se trata deste crescente e diversificado público. Importante ressaltar que esta parcela da população abrange mais de uma geração, ficando cada vez mais comum haver cidadãos idosos com pais, e até avós, vivos.

A observação do universo material nos lares dos idosos mostrou-se um método eficaz de aproximação com este público ainda tão estigmatizado e pouco compreendido. Mostrou-se eficaz, ainda, para o reconhecimento de sua diversidade e identificação de suas singularidades, generalidades e múltiplas demandas.

Da mesma forma que as personagens de TV Nêne, Darlene, Violeta e Picucha me motivaram a olhar mais atentamente para os idosos de hoje e buscar entender suas singularidades, acredito que os idosos que conheci ao longo desta pesquisa possam motivar a expressão de uma imagem mais verossímil e positiva da velhice em meios de representação como a própria televisão e o Design.

Diante de tudo o que foi visto ao longo deste trabalho, concluo que a TV, o Design e qualquer outro meio de representação podem ser os grandes protagonistas de uma transformação na forma de se ver o envelhecimento, por meio da construção de universos materiais que valorizem, celebrem e encorajem as habilidades, experiências, projetos, desejos e diversidade do público idoso.

Assim como no emblemático movimento feminista da “queima dos sutiãs”, defendo que deve-se trabalhar pela queima das bengalas, andadores, pantufas e pijamas, entre outras “coisas” associadas aos aspectos negativos da velhice.

Como profissional e pesquisadora, termino este trabalho ainda mais motivada para desenvolver técnicas para conhecer os idosos e contribuir com a construção de um universo material que os respeite, valorize, empodere e atenda suas tantas particularidades. Como ser humano, quero viver uma realidade na qual todos reconheçam a sorte de envelhecer e enxerguem o envelhecimento como um processo natural e positivo da vida e marcado por mais ganhos do que perdas.

Quero, finalmente, que se viva cada vez mais e melhor e espero ter contribuído para tanto com as “casas” e “coisas” dos anfitriões deste trabalho.

6.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Livia. **Sociedade de Consumo**. 3 Ed. Rio de Janeiro: Zahar. _____; CAMPBELL, Colin. 2006. **Cultura, Consumo e Identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV
- BEAUVOIR, S. 1970. **A velhice: a realidade incômoda**. Vol.1. São Paulo: Difusão Europeia do Livro
- BRAGA, Célia Maria. 1988. **A etnometodologia como recurso metodológico na análise sociológica**. Ci. Cult., v 40, n 10, p 957-966
- BRUINSMA, Max. 1995. **We need a new mentality**. Disponível em: <http://maxbruinsma.nl/index1.html?idem.htm>
- CECCON, Marília ; NOGUEIRA, Sílvia J.; DAMAZIO, V. M. 2014. **Envelhecimento Ativo: novas perspectivas e oportunidades para o campo do design emocional**. In: 11o P&D DESIGN - Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design 2014, 2014, Gramado - RS. 11o P&D DESIGN - Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design 2014.
- COELHO, Luiz Antônio. 2006. **O Papel Narrativo do Objeto Cênico**. Sétimo Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento Em Design. Paraná. Disponível em: <http://www.dad.puc-rio.br/nel/artigos/06-coelho-ped.pdf>
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly; ROCHBERG-HALTON, Eugene. 1981. **The Meaning of Things: Domestic Symbols and the Self**. New York: Cambridge University Press
- DEBERT, Guita Grin. 2003. **O Velho na Propaganda**. Cadernos Pagu (21): pp. 133-155, Núcleo de Estudos de Gênero/Pagu, Unicamp, Campinas.
- Envelhecimento ativo: uma política de saúde/** Organização Mundial da Saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.
- Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio**. Fundo de população das Nações Unidas: Nova York. HelpAge Internacional: Londres, 2012.
- GOLDENBERG, Mirian. 2013. **A Bela Velhice**. 1. Ed – Rio de Janeiro : Record

_____. 2011. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 12 ed, Rio de Janeiro: Record

FLUSSER, Vilém. 2007. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Rafael Cardoso (org). Tradução: Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify

FRASCARA, Jorge, JORDAN, Patrick W. 2002. **Design and The Social Sciences: Making Connections**. New York: Taylor & Francis

FRASCARA, Jorge. 2000. **Diseño Gráfico para la Gente**. Buenos Aires: Ediciones Infinito

_____. 2004. **Design for communication: design for solution and interaction**. New York: Allworth Press

MARTER, Joan. 2011. **The Grove Encyclopedia of American Art**. Oxford University Press, pp. 48-50

MCKRACKEN, Grant. 2003. **Cultura e Consumo**. Rio de Janeiro: Mauad
MEMÓRIA GLOBO. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/>

MILANOWSKY, Bronislaw. 1978. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores)

NERI, Anita Liberalesso (Org.) **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

NOGUEIRA, Sílvia; PEREIRA, Renata; DAMAZIO, Vera. 2013. **Televisão, Envelhecimento e Consumo: representação social dos maiores de 60 anos**. In: MX Design Conference 2013 - Congresso internacional de Design 2013, Cidade do México.

PEREIRA, Renata. 2014. **Design e Envelhecimento: um estudo sobre ações projetuais para a construção de uma nova velhice**. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RICOEUR, Paul. 2006. **O percurso do reconhecimento**. São Paulo, Loyola

ROCHA, Everardo. 1995. **A sociedade do sonho**: Rio de Janeiro: Mauad

SLATER, Don. 2002. **Cultura do Consumo & Modernidade**. São Paulo: Nobel

STALLYBRASS, Peter. 2012. **O Casaco de Marx: roupas, memória, dor.** 4 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora